

Ruy do Carmo Póvoas

*ITAN*  
DOS MAIS VELHOS



C o n t o s

**eit**  
**cts**  
Editora da UESC

ITAN  
DOS MAIS-VELHOS  
(Contos)

Ilustração dos participantes do Programa de Extensão desenvolvido pelo Núcleo de Estudos da Terceira Idade, da Universidade Estadual de Santa Cruz. Prêmio Xavier Marques, 1990, gênero conto, promovido pela Academia de Letras da Bahia, com o apoio da COPENE.

Ruy do Carmo Póvoas

***ITAN***  
**DOS MAIS-VELHOS**  
(Contos)

2.<sup>a</sup> edição



Esta segunda edição é também resultante da pesquisa realizada no Kàwé – Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, através do projeto de pesquisa *Viver e fazer de culturas afro-brasileiras na área de influência da UESC*, em parceria com o Núcleo de Estudos da Terceira Idade.

**eaii**  
**ats**  
Editora da UESC

Ilhéus - Bahia - 2004

© 2004 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - Editora da UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 16 - 45650-000 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
tel.: (73) 680-5028 - fax: (73) 689-1126  
www.uesc.br/editora

**Governo do Estado da Bahia**

Paulo Ganem Souto - Governador

**Secretaria de Educação**

Anaci Bispo Paim - Secretária

**Universidade Estadual de Santa Cruz**

Antonio Joaquim Bastos da Silva - Reitor  
Lourice Hage Salume Lessa - Vice-Reitora

**Editus - Editora da UESC**

Maria Luiza Nora - Diretora

**Projeto Gráfico e Capa**

Adriano Lemos

**Ilustração da Capa**

**(resina derretida sobre papel paraná)**

Luzia Tedesco

**Kâwé - Núcleo de Estudos  
Afro-Baianos Regionais**

Equipe de Pesquisadores:

Ruy do Carmo Póvoas  
Raimunda Silva d'Alencar  
Miguel Chamorro Vergara  
Maria Laura de Oliveira Gomes

**Equipe Editus**

DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO; REVISÃO: MARIA LUIZA NORA;  
SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO: MARIA SCHAUN;  
COORD. DE DIAGRAMAÇÃO: ADRIANO LEMOS; DESIGN GRÁFICO: ALENCAR JÚNIOR.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P879 Póvoas, Ruy do Carmo.  
Itan dos mais-velhos : (contos) / Ruy do Carmo Póvoas. – 2.  
ed. – Ilhéus, Ba : Editus, 2004.  
182f. : il.

Esta edição é resultante da pesquisa realizada no KĂWÉ –  
Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, através do projeto  
de pesquisa Viver e fazer de culturas afro-brasileiras na área de  
influência da UESC.

ISBN: 85-7455-074-4

1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 869.9301

Esta edição  
é dedicada, especialmente,  
à memória do escritor  
Cyro dos Anjos,  
que tanto me animou a escrever.

À memória de meus pais,  
Agenor Póvoas  
e  
Maria do Carmo,  
também velhos contadores de itan.

Para  
Lindauro Brandão,  
Rita Fontes,  
Candinha Dórea,  
Janilê,  
Nanjilu,  
Ijenan.

Estes *itan* que eu conto  
são ficcionados. Qualquer semelhança  
com a realidade será a vida imitando a arte.

## ITAN

A palavra nagô **itán** designa não só qualquer tipo de conto, mas também essencialmente os **itán àtowódówó**, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações, transmitidos oralmente de uma geração a outra, particularmente pelos **babaláwo**, sacerdotes do oráculo Ifá. Os **itán-Ifá** estão compreendidos nos duzentos e cinqüenta e seis “volumes” ou signos chamados **Odù**, divididos em “capítulos” denominados **ese**.

***Juana Elbein dos Santos***

Os mitos, as lendas, os contos populares,  
sempre foram vias de acesso ao inconsciente  
de um povo.

***Muniz Sodré***



# S u m á r i o

|  |            |
|--|------------|
| Os quatro odu .....                      | 13         |
| A arte de envelhecer, com arte .....     | 17         |
| Idosos pintando o itan.....              | 21         |
| Uma outra explicação .....               | 23         |
| <b>PONTAL NO ARCO-ÍRIS .....</b>         | <b>29</b>  |
| Primeiro Odu: Antes da criação .....     | 31         |
| O outro lado do sonho .....              | 33         |
| O futuro do pretérito .....              | 39         |
| A outra ponta do arco-íris .....         | 45         |
| A lição inesquecível .....               | 57         |
| Segundo Odu: Revolta dos fantasmas ..... | 63         |
| O cabricídio .....                       | 65         |
| A cavala .....                           | 73         |
| A mulher de sete metros .....            | 81         |
| A nadadora encantada .....               | 91         |
| Terceiro Odu: Sonhos de arrastão .....   | 99         |
| O caso do lobisomem .....                | 101        |
| O segredo da chaga .....                 | 109        |
| A ceia dos orixás .....                  | 115        |
| O sonho de Militão .....                 | 123        |
| Quarto Odu: Escolha de ancestrais .....  | 137        |
| A santa vovó .....                       | 139        |
| A tia da pá virada .....                 | 145        |
| O pai escolhido .....                    | 151        |
| O neto enjeitado .....                   | 161        |
| <b>OPANIFÁ: MARCA DE RABISCOS .....</b>  | <b>181</b> |

## OS QUATRO *ODU*

Ruy do Carmo Póvoas. Babalorixá e Mestre em Língua Portuguesa. Professor de Língua Portuguesa. Meu irmão, sem que eu seja da sua nação. Meu amigo, sem que eu professe a sua fé. Homem que sabe entender e respeitar as diferenças de credos, crenças, ideologias. Senhor que tem a sabedoria dos mais-velhos e com quem eu tenho tido a sorte de aprender tantas lições. Autor deste belo livro que é *Itan dos mais-velhos*.

O contar histórias não é uma exclusividade do africano. Também as *formas simples* como os *mitos* (enquanto relato com componente sagrado, que se propaga inalterado), a *adivinha* (enquanto forma constituída de pergunta e resposta), o *ditado* (ou provérbio) não são sua exclusividade. Todos os povos as têm. Basta lembrar as fábulas de La Fontaine ou mesmo de Esopo, que tanto liamos na escola, procurando a “moral da história”. E aí está a diferença. As histórias africanas não são exclusivas, mas têm uma tipicidade única. Mais do que moralidade, elas encerram ensinamentos. Encerram princípio ético, moral, religioso. Encerram costumes. Contam coisas simples do cotidiano. Os mitos estão na sua base, mas *saga*, *adivinha*, *ditado* e *caso* também estão presentes nos *itan*. A consistência do *itan*, a pluralidade dos seus sentidos, é que dá a sua perenidade e, depois, é o que permanece na alma do povo: o sentido. E por isso, porque encerram *sentido*, eles, os *itan*, permanecem na memória e são passados de geração a geração.

O livro *Itan dos mais-velhos*, agora em segunda edição revista, ampliada e ilustrada, premiado pela Academia de

Letras da Bahia, em 1990, além de contar histórias em **formas simples**, passa ensinamentos dos mais-velhos da cultura nagô, muitas vezes presentes no cotidiano da cidade ou no mundo da academia das vivências do autor.

São quatro **odu**, ou seja, são quatro partes que compõem o livro. Cada **odu** é formado por quatro **itan**. São quatro velhos que contam suas histórias. Cada um é responsável por um **odu**. Cada um é o narrador das suas histórias. Assim é a estrutura do livro. Eles, os velhos, não têm pressa no seu contar. “É importante retardar o final da história” diz o narrador do **odu**.

Histórias retidas na memória são repetidas e repetidas. É assim a tradição nagô. No livro, o narrador diz que “os velhos continuam, no entanto, sempre a contar”. São histórias humanas, do cotidiano, não convencionais, populares. São histórias cheias de mistérios, pois “onde não há mistério, não há poder”.

O primeiro **odu** fala de antes da criação, em quatro **itan**: “O outro lado do sonho”, “O futuro do pretérito”, “A outra ponta do arco-íris” e “A lição inesquecível”. O segundo **odu** conta a revolta dos fantasmas, histórias de assombração: “é preciso contar os medos, delatar os fantasmas” e é importante saber ouvir: “O cabricídio”, “A cavala”, “A mulher de sete metros”, “A nadadora encantada”. O terceiro **odu** reúne sonhos de arrastão, onde a moral da história é o inverso do esperado: “O caso do lobisomem”, “O segredo da chaga”, “A ceia dos orixás”, “O sonho de Militão”. Finalmente, o quarto **odu** escolhe de ancestrais. Cheio de sabedoria, ensina que “a ninguém é dado o poder de evitar certos destinos” e que “Fado é sempre fardo”. Ensina ainda que “na vida se escolhe tão pouco, o resto é aceitação”. O último velho conta os **itan**: “A santa vovó”, “A tia da pá virada”, “O pai escolhido” e “O neto enjeitado”.

Um **Opanifá** fecha o livro. É a bandeja de madeira mas,

na estrutura do livro, é o seu epílogo, onde a tradição é ressaltada e é enfatizada a necessidade de “rever os **odu**, recontar os **itan**, espalhá-los ao vento”.

Assim, as histórias perpassadas de lições são como elo entre os velhos e os novos: a herança que passará de pai para filho. Agora, com este livro, contando histórias, Ruy Póvoas dá-nos lições e passa para a gente da sua gente, e para gente de outras crenças também, a sabedoria do seu povo. Vamos ouvir os mais-velhos.

***Maria de Lourdes Netto Simões***

Professora Titular de Literatura Portuguesa  
UESC/Departamento de Letras e Artes

## A ARTE DE ENVELHECER, COM ARTE

Rompendo com as idéias pré-concebidas de que o idoso **não aprende** ou de que **é lento para aprender**; de que **só vive de lembranças** ou de que só se **interessa pelo passado**, os participantes do Programa de Extensão desenvolvido pelo Núcleo de Estudos da Terceira Idade, da Universidade Estadual de Santa Cruz dão bons e belíssimos exemplos, quando conseguem manter o interesse pelos acontecimentos em sua volta; (re)organizam as velhas estruturas que os excluía, integrando-se a elas e renovando-as; buscam novos conhecimentos para permanecerem ativos em uma realidade cada vez mais excludente; desenvolvem a criatividade para viver, aprender mais, manter a autonomia, abrindo possibilidades para novos saberes, mesmo com a sabedoria e experiência que já adquiriram. É sempre significativo lembrar que aprender é a única coisa constante em todos os períodos da existência humana. E aprender enquanto se vive, sem dúvida alguma, é aprender melhor o percurso e a duração da vida. Para os idosos, de certa maneira, e de modo especial, é repor a mente na dimensão do rejuvenescimento, da atividade e da interatividade constantes. Todos nós sabemos que, a partir do momento em que as pessoas podem interagir, a inércia do espírito e da mente é afastada.

Sensível a essas demandas, consciente, contudo, de que experiência e sabedoria não são conseguidas ou mantidas só com os anos vividos, mas com estímulo à curiosidade e à criatividade, o Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UESC tem procurado incluir, nos encontros que vem mantendo

com idosos, desde 1998, oportunidades não só para um melhor conhecimento desta etapa da vida, mas para a satisfação dessa curiosidade e criatividade, tão necessárias ao homem e à mulher em qualquer idade. É uma forma de colocar, para os maiores de cinquenta anos, a possibilidade de desenvolver espiritualmente os espaços essenciais, aqueles capazes de desfazer os limites do isolamento, de organizar novas apreciações, novas admirações, novos vínculos. Nesse sentido, em 2001, o Núcleo incluiu, na sua programação semestral de extensão, um curso de Artes Plásticas, ministrado pela Profa. Valéria Amin.

O Curso, com carga horária de 30 horas, *a priori* objetivando o aprendizado de técnicas em pintura, acabou avançando para a produção de gravuras e ilustrações temáticas, aliando pintura com literatura. Nesse aspecto, foi oportuna a parceria com o Kâwé - Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais para a tematização das gravuras, que teve como base a leitura, pelos participantes do Curso, do livro *Itan dos mais-velhos*, do Prof. Ruy Póvoas, publicado em 1990, pela Editora BDA, Salvador, Bahia.

Colocando a velhice em evidência, os idosos participantes do curso de Artes Plásticas passaram a exercitar a criatividade, fazendo a (re)ligação de saberes – pintura, literatura, africanidades – com a própria experiência. Afinal, de nada serve um saber sobre um fragmento, se o sujeito não puder contar com outro saber que ligue um fragmento a outro. Naturalmente que não foi um processo tão simples, até porque muitos desses idosos não tiveram, na fase pretérita de suas vidas, a oportunidade de participar de desafios dessa natureza. A idéia, porém, tem sido trabalhar sem estabelecer limites.

Assim, da leitura discutida do livro, os idosos criaram, individualmente ou em dupla, gravuras para cada história contada. Foram cerca de trinta e cinco gravuras, com a utili-

zação de duas, três variações técnicas de pintura passadas pela Profa. Valéria que, após um processo seletivo feito por membros pesquisadores do Kàwé, resultou na colorização do ***Itan dos mais-velhos***, de Ruy Póvoas, agora em nova edição.

Nossos agradecimentos:

à UESC, pela oportunidade;

ao Prof. Ruy, pela compreensão e crença de que a velhice não pode continuar colocada, apenas, como oposto da juventude, como ainda acontece a muitos acreditar;

aos maiores de cinqüenta anos que participam das inúmeras atividades desenvolvidas pelo Núcleo da Terceira Idade;

e, em particular, agradecimentos aos que participaram do Curso em Artes Plásticas/2000, mesmo que alguns não tivessem chegado a seu final:

Adelvani Silva Camuso  
Aflandísia Souza  
Cremilda Veloso  
Isabel Verona  
Luzia Tedesco  
Maria Célia Calmon  
Maria José M. Ribeiro  
Maria da Paz Jambeiro  
Maria Lêda Ferreira  
Maria de Lourdes S. de Oliveira  
Maria Ruth Menezes de Andrade  
Maricélia Costa Batista de Moraes  
Maristela Costa Batista  
Marlene Lawinsky de Andrade  
Marluce Costa Santana  
Nilzete Sodré

Semíramis Aderno  
Valdenísia Borges do Nascimento  
Wilma dos Anjos Brandão  
Ziza Martins Moreira  
pelo belo colorido que deram às histórias dos mais ve-  
lhos, contadas por Ruy Póvoas.

***Raimunda Silva d'Alencar***

Mestre em Sociologia Rural (UFRGS)

Coordenadora do Núcleo de Estudos da Terceira Idade/UESC



## IDOSOS PINTANDO O *ITAN*

A idéia de ilustrar o livro *Itan dos mais-velhos* surgiu a partir da experiência da oficina de Artes Visuais com a terceira idade. Naquela época, a experiência artística desenvolvida com o grupo tornou-se um verdadeiro desafio, visto que a maioria dos participantes acreditava apenas no “dom”. A descoberta de cada um sobre as possibilidades de criação promoveu espanto, satisfação, confiança e, acima de tudo, vontade de conhecer outras técnicas, experimentar e criar. Ao surgir a proposta de ilustração dos *itan*, houve um grande entusiasmo no grupo. A empolgação fez com que, naquele momento, não se pensasse no real significado da proposta e nem em suas implicações.

A primeira atividade foi a leitura do livro, acompanhada de uma discussão. Em seguida, o grupo resolveu trabalhar em duplas e os *itan* foram divididos, isto é, os grupos desenvolviam a escolha a partir da identificação que estabeleciam com os contos. Neste ponto, surgiram as primeiras implicações do contraste cultural existente entre os contos e o grupo. Inicialmente, houve uma reação que refletiu a diversidade ideológica, por parte de alguns, aos contos. Optou-se, então, pela discussão e reflexão coletiva, o que permitiu a cada um manifestar-se quanto à estruturação dos contos, à linguagem, à religião, à verossimilhança etc. A expressão artística também foi foco de reflexão, visto que se questionou a validade de ilustrar contos africanos através de linguagens visuais ocidentais. Desta reflexão, surgiu a necessidade de pesquisa de traços, cores, formas e demais caracte-

rísticas da arte africana. A partir deste ponto, foram desenvolvidas as seguintes atividades: seleção de técnicas; experimentação prática; produção das ilustrações; elaboração do material produzido e reprodução fotográfica.

A experiência de proporcionar esta atividade aos mais velhos teve como resultado principal não só o uso das técnicas, mas especialmente provocar uma relação mais profunda do grupo com os contos. Esta relação refere-se às dimensões política, étnica, religiosa, estética etc. Os participantes puderam perceber que a atividade artística não se reflete apenas no trabalho manual de reprodução; exige, de fato, um envolvimento profundo do artista, em diversos níveis.

***Valéria Amim***

Professora de Metodologia da Pesquisa Científica  
Coordenadora Pedagógica do Arte & Vida:  
Salobrinho e Vila Cachoeira

## UMA OUTRA EXPLICAÇÃO

Em sua versão original, o livro *Itan dos mais-velhos* (contos) conquistou o Prêmio Xavier Marques -1990, da Academia de Letras da Bahia, com o apoio da COPENE. Os originais foram inscritos no concurso da Academia, com o título provisório de *Pontal no arco-íris*. Após a premiação, foi editado pela BDA, com o título atual. Esta segunda edição resulta de um trabalho em parceria entre o Kàwé — Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, o Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UESC, Projeto Arte & Vida: Sobrinho e Vila Cachoeira e a Editus. É uma edição revista, ampliada e, principalmente, ilustrada por idosos participantes do Programa de Extensão para a Terceira Idade, coordenado pela Profa. Raimunda Silva d'Alencar, em várias oficinas orientadas e desenvolvidas pela Profa. Valéria Amin.

Não se trata, no entanto, de proposta de mera reedição e sim, de uma ação política, que mostra ser perfeitamente possível alcançar os idosos, na busca de reintegrá-los no viver e no fazer social. Para tanto, foi necessário apenas criar atividades baseadas na participação, através de métodos educativos e procedimentos não formais.

A proposta surgiu, a partir de um abaixo-assinado de professores e alunos da Escola Média, requerendo a reedição do livro, por entenderem que ele era necessário a trabalhos de produção de textos para escolas da região. A idéia evoluiu para o envolvimento dos idosos que participam do Programa de Extensão para a Terceira Idade. A partir de oficinas de artes plásticas, foi possível aos alunos idosos a criação de

ilustrações com base em leitura e interpretação dos contos que compõem o referido livro. Para isso, inicialmente, foi feito com os participantes um estudo do *itan*, enquanto narrativa de estilo nagô, que é a base de sustentação do livro. A Profa. Valéria Amin, coordenadora pedagógica do Projeto Arte & Vida: Salobrinho e Vila Cachoeira, que também integrava, naquele momento, a equipe do Kâwé, foi a responsável pelas oficinas de artes plásticas, realizadas semanalmente, durante dois meses. O resultado são ilustrações representativas daquilo que o imaginário dos idosos construiu a respeito dos contos.

Com este livro, o Kâwé também objetiva alcançar a extensão universitária, sendo ele mais um resultado de um conhecimento que tem possibilitado produtos diversos, a exemplo de acervo fotográfico, de fitas gravadas, vídeos, material de consulta, registro e cadastramento de comunidades afro-brasileiras, além de publicações, como a *Revista Kâwé* e a *Revista Kâwé Pesquisa*. No lastro desses produtos, o Kâwé busca promover também a divulgação do saber e do conhecimento de comunidades de afro-descendentes, contribuindo para a integração de saberes e a quebra de preconceitos.

Quanto à inserção do idoso na condição de ilustrador desta edição, conforme defende a Profa. Raimunda d'Alencar, vale ressaltar que se trata de construir uma compreensão de velhice como mais uma etapa da vida para ser vivida positivamente; para crescimento pessoal, um crescimento que pode e deve estar acompanhado de um olhar mais sereno, compreensivo, relativizante, em função das experiências e do conhecimento, sobre si mesmo, sobre a realidade, sobre os outros.

Tomei a liberdade de revisar toda a primeira edição, acrescentando mais um conto a cada seção do livro. Os contos, produtos da ficção, seguem a estrutura básica do *itan*,

quer no trato da linguagem, centrada na oralidade, quer na temática abordada, inclusive encerrando-os sempre com um princípio ético ou moral, baseado na sabedoria dos mais velhos.

Vale ressaltar que ITAN é uma palavra ioruba que significa história, qualquer história; um conto. De um modo mais específico, *itan* são histórias do sistema nagô de consultas às divindades. Na África, os *itan* compunham, e ainda compõem, o oráculo denominado de Ifá, que pode ser lido e interpretado através de um conjunto de dezesseis sinais, os *odu*. Esses sinais podem se combinar entre si, resultando em 256 outros sinais, que também se combinam entre si, perfazendo um total de mais de quatro mil sinais. Esses sinais são explicados através de várias histórias que compõem cada um deles. O sacerdote, o *babalaô*, sabe essas histórias de cor, pois o sistema era baseado apenas na comunicação oral.

No Brasil, o sistema de escravidão não possibilitou a sobrevivência dos babalaôs. E o sistema divinatório através do *opelé* foi se tornando restrito. Com o surgimento dos terreiros de candomblé, o sistema do jogo-de-búzios, através dos pais e mães-de-santo, foi ocupando o lugar vazio, gerado pela ausência do *opelé*. Os *itan*, no entanto, também foram sendo usados fora do sistema oracular, para ensinamento de princípios éticos e morais. Ao longo do tempo, misturaram-se às narrativas de outras origens e foram ajudando a compor as raízes do conto popular brasileiro. São narrativas que tomam como personagens pessoas, animais, plantas, seres divinos que, em um tempo muito remoto, viveram situações conflituosas idênticas aos que os humanos vivem ainda na atualidade. O importante é que a solução do conflito é dada, tomando sempre por base um fundamento ético ou moral. Por isso mesmo, eles continuam tão a serviço de quem quer ensinar e aprender, tomando por base outro eixo

norteador. Mesmo não reconhecidos nem adotados pelo sistema educacional brasileiro, e nem mesmo figurando em antologias oficiais, os *itan* são narrados para ensinamentos, tanto nos quartos de consulta de terreiros de candomblé, quanto nas rodas dos mais-velhos e também na contação de histórias entre os afro-descendentes, com objetivos didático-pedagógicos.

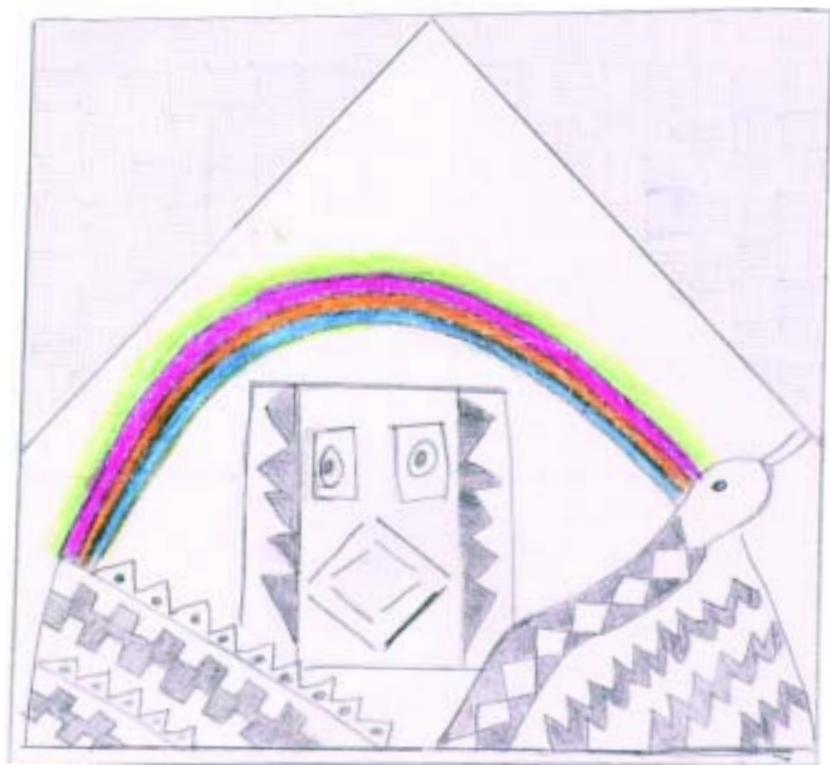
Tenho me dedicado ao trabalho de dar forma escrita aos *itan*. Exemplo disso se faz meu recente livro *A fala do santo*. Os contos que compõem o *Itan dos mais-velhos*, no entanto, se constituem um trabalho de ficção, pois não fazem parte da narrativa oracular do Jogo de Ifá. Por isso mesmo, o trabalho de revisão da edição anterior não foi um mero ato de corrigir os lapsos cometidos. Foi necessário revisitar o imaginário do antigo Pontal que, afinal de contas, é também o imaginário popular brasileiro. Mesmo, considere a estrutura do livro irretocável: quatro *odu* (os mais-velhos), referindo-se aos destinos das almas simples. E em obediência restrita a tal princípio, procedi o trabalho de ampliação. Antes, cada *odu* era composto de três histórias. Agora, são quatro, perfazendo o total de dezesseis, que é o número dos *odu* de Ifá. Para isso, foi necessário reassumir todo um estilo meu da época em que o livro foi concebido, preservando, ao máximo, os aspectos norteadores: oralidade, ensinamento, pluralidade dos sentidos dos *itan*. Eis aqui, portanto, o atendimento àquele abaixo assinado, a que me referi inicialmente

Na verdade, este trabalho não se realizaria sem a vontade e a decisão do Grupo Kàwé; o compromisso da Editus; o empenho extraordinário da Profa. Raimunda d'Alencar; a sensibilidade artística e pedagógica da Profa. Valéria Amin e a participação efetiva do professor Jo Name, no trabalho de fotografia, auxiliado pelos estagiários Juliana Nascimento Torezani e Franklin Nascimento Daltron do Curso de Co-

municação da UESC. Sobretudo, a inventiva e criatividade dos participantes do Programa de Extensão da Terceira Idade, que embarcaram na aventura de nos fazer ver os *itan* com as cores vivas de um novo olhar.

A todos, agradeço sinceramente.

***Ruy Póvoas***



**Wilma dos Anjos Brandão**

Lápis grafite com cera sobre papel sulfite



# PONTAL NO ARCO-ÍRIS

“Como arco-íris fantástico nossa alma  
ameaça-se sobre a precipitação irresistível da existência”.

*Emil Staiger*

Por baixo da cortina do arco-íris, a barra enfeitada de ondas e cores. Do porto das lanchas, os velhos vêm. Sobras e sombras de tudo, agora eterno passado. Nos olhos baços, indícios de catarata, a íris dilatada. Lembranças no vaivém das ondas miradas de longe. Os mais-velhos começam a contar pausadamente os *itan* arquivados na memória. Palavras íntimas para dar vida ao que vivo foi um dia. Gostam de repetir o óbvio. De tão acostumado a ver o todo-dia, esse povo não enxerga o que não for dito e avisado, eles dizem. As lembranças em alinhavos pespontados. Tudo é motivo para a deriva, é importante retardar o final da história. Para que pressa do fim, se ele já chega com avisos soturnos de tremores nas mãos, embargo na voz, fraqueza nas pernas e dores na espinha? Há mil nomes para serem lembrados. A omissão de um deles será injustiça a quem fez tanta história.

Arco-íris no céu, retratos nos olhos, palavras ao vento. Somente os velhos escutam suas próprias histórias. Por isso, eles estão sempre em busca dos moços. E os moços perguntam: Para que guardar o que se foi? O vento carrega, barra a fora, as lembranças dos velhos. Palavras em busca de páginas. Os velhos continuam, no entanto, sempre a contar. Tempos passados, tempos vívidos, tempos lembrados nos tempos de agora. Cada velho é espelho onde outro velho mira a própria decomposição, ingrato desgaste da vida, todos sabem.

Na boca da barra, o jangadeiro, ainda menino, escuta o vento. E o vento sabe de cor os *itan* dos mais-velhos do Pontal, terra aberta por sauipeiros. Eles estão lá, testemunhas do saber e do fazer. Velhos sabidos, sentados na murada do cais, na luta contra o esquecimento dos moços. Até parece que esta gente nunca vai envelhecer também, eles dizem. Sobre as ondas, o arco-íris ameaça se apagar, pois o sol vai se esconder. E os moços, na pressa da vida, não têm tempo para olhar, quanto mais para ouvir ou conhecer.

# PRIMEIRO ODU: ANTES DA CRIAÇÃO

“Há muito mais coisa entre o céu e a terra do que possa pensar a nossa vã filosofia.”

*William Shakespeare*

Há memória gravada em tudo o que existe. Lembranças dormidas podem, no entanto, um dia acordar e sentimentos findos podem, um dia, renascer. O arco-íris lembra o dilúvio, o dilúvio lembra Noé e Noé, o Criador. “No princípio, Deus criou o céu a terra.” E antes do princípio? Um despertar de ouvidos é o bastante. Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça. Éramos antes da existência. Na existência, não somos, porque findamos. E depois dela, voltaremos a ser: os velhos dizem.

A noite vem chegando e o dia já cumpriu o seu papel. Os velhos precisam contar o que viram. Eles sabem que somente a cabeça desarmada é capaz de atinar no absurdo e descartar o pré-concebido. Não engoliram o saber fabricado e, por isso, acreditam nas coisas mais puras. Curtidos na vida, na paciência do esperar, os velhos viveram estranhezas que os moços ainda não conhecem. Acostumaram-se ao inusitado. No cérebro, um arquivo de histórias desconcertantes. São essas histórias, os *itan*, que eles querem contar.

É a vez do primeiro, o mais velho dos mais-velhos. Despedido do mundo, fez-se místico, sem rejeitar, porém, o viver dos homens. Porque os homens amam o mistério, o velho sabe: onde não há mistério, não há poder. Por isso, os sábios guardam o segredo do seu saber.

O velho fecha os olhos para enxergar por dentro e o pensamento faz parafuso. Na lonjura do tempo, acontecimentos já esfumaçados. É preciso concentração. Abre os olhos e vê a barra escancarada para o Pontal. Um resto de luz sobre o mar ajuda-o na viagem pelo tempo anterior à criação. Afinal resolve contar. E são quatro os *itan* de mistério que os outros velhos escutam com os ouvidos assombrados: o outro lado do sonho, o futuro do pretérito, a outra ponta do arco-íris e a lição inesquecível.



Adelvani Silva Camuso e Maricélia Costa B. de Moraes

Lápis grafite sobre papel sulfite

## O outro lado do sonho

Noite diferente das outras, aquela que já vai sumindo no tempo. Antes, o galo cantou enganado pela lua, talvez. Fechei o ***Diário de um louco***, a carcaça meio dolorida pelos maus-tratos da vida. Na cama, sentei-me e alisava o chão com os pés descalços: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ritual de sempre, nas raízes de mãe e de Dona Elvira que falavam do homem cuja alma se perdeu por não ter rezado. Dona Amália também. A mulher de Seu Jacinto. Como ele se danava com a gente: “Seu Jacinto, Seu Jesus!” Jesus Crucificado, ele era no teatro amador de padre Meyer...

E hoje, o que foi? Aquela bronca danada em Luzia. Os-

valdo dizendo que ia fazer uma casa de homem, enriquecendo o léxico: **hometrício**. Também do jeito que o magistério vai: É só trabalhar, trabalhar, trabalhar... até que, um dia, inválido — palavra mancha-nódoa-de-banana — receba uma esmolinha minguada, aposentadoria, coroa de louros para quem serviu de escada. Oh, profissão, meu Deus... Ainda não elaborei as provas do Curso de Letras, esqueci de levar o projeto da construção para o Mestre Eduardo, Mercedes disse que plantou um bocado de hibisco no jardim, um montão de provas do Instituto Municipal para corrigir, as redações do Curso Básico, os testes do pré-vestibular, os murais ainda não foram avaliados, três quesitos bem difíceis para a sala de Fritz, aliás ele nem merece, e os norte-americanos continuam invadindo outras nações...

O pensamento carregado nas lembranças. Dez mil cruzeiros a Willy, a prestação do Bradesco, a luz, a água, o aluguel da casa, três mil a Dona Eulina, a semana do pedreiro, a prestação do computador, o presente de Raimundo... Ah mundo! Guimarães Rosa tem razão, **Páramo** que o diga: “Toda liberdade é fictícia...” Mas deve haver uma chave. “Que chaveiro do céu possui a chave?” Ah, Cruz e Souza, meu Deus!

A fome resmungou lá dentro. Deu um bocado de dentadas e eu nem liguei para ela. Aí, escoiceou à vontade. Em cima dela, a oração que Conceição me ensinou: “Já comi sangue de Cristo, vou beber o leite de Nossa Senhora.” Nem um gole de café! Por isso, tia Adelaide chamava de **A Fome** à filha de Maria Dentão. Feiinha, coitada! “Ninguém faça o mal nesse mundo, minha gente”, morreu tia Adelaide dizendo. Jogadeira de navalha, mulher do **Bataclã**, o câncer comeu-lhe as vísceras e a barriga pegou no espinhaço. Na radiografia de minha coluna tinha três vértebras com bico, amanhã preciso fazer fisioterapia, um bruto de um papagaio, que não tem mais tamanho, nas costas, havia uma formiga andando nas costas de Cora, um pé de alface enfeitando o cabelo e ela cantava:

rebola, chuchu, rebola; rebola, se não eu caio, não sei porque esta rima: plantei um pé de alface, a chuva quebrou o galho, mas como o português rima até mãe com também... Que saudades de Cora, meu Deus!

Crepúsculo talhado  
em gestos etéreos,  
face tisonada,  
olhares de outrora,  
fica Tabocas  
no canto, crispada,  
lembrando oceânicas  
saudades de Cora.

Um espichar de corpo, um estalar de ossos, um abrir de boca infinito com o cansaço... Último ato, o récipe: Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarda e me ilumina. Axé, que é amém em nagô. Lá vai a cama virando, lá vai o quarto rodando e o irmão da morte chegando... Ainda tive forças e passei a mão. Lá dentro, a fome já estava dormindo também. No sábado que vem... um sol castanho sumindo na água... o Bradesco... as provas... amanhã de novo... E lá dentro, o tremor, o estrépito: vupo!

Já estava fora do corpo, no espaço, dentro do quarto ainda. Fatia de cortiça, boiando no oceano sideral. Uma suave e doce melodia escapava das cordas universais, que vibraram translucidamente. Em cima, eu acordado. Embaixo, eu dormindo. Cara e coroa da mesma moeda, infinitamente pequena, destinada a participar do movimento de compra e venda neste universo em expansão. Mansa e humanamente, a travessia da parede se deu. Do lado de fora, Marajá me viu. Deu dois latidos: um a mim e outro ao outro guarda que rondava, também com sono, a sonambulância da rua.

Agora, o espaço imensamente imenso. O céu aveludado, resplandecente tapete de pedrarias, enfeitado. Aqui, Da Vinci e Beethoven colheram tons e sons e levaram lá para baixo. A lua de Wamosy banhava a cidade solitária, adormecida.

Um sopro bem leve, uma luz castanho, a vibração que há dez anos não sentia. “Assim se passaram dez anos, sem eu ver teu rosto, sem olhar teus olhos...” Inúmeras vezes, que meu cérebro fez mil, seus dedos mágicos cantaram ao piano.

— Criatura, você aqui?!

Rosto no rosto, riso no riso. Aquele oceano castanho nos olhos da paixão adolescente. Estranho e aberrador, mas lá em cima também se ama. E como! Sem ciúmes, sem mágoas, nem orgasmo. Apenas AMOR. O amor revitalizado de vibrações etéreas e siderais.

— Eu, sim! E agora, nós!

Braço no ombro e a face na face, corno fazíamos outrora. No peito, um vulcão gemendo, querendo regurgitar.

— Você não foi ao encontro, naquele dia. — Falei.

— Você também podia ter escrito...

— E Armando? Notícias dele? — Tornei a falar.

— Morreu.

— Deus do céu! Tão novo ainda!

— Não como você pensa. Morreu para mim. Morri para ele. Em mim, galvanizadas as palavras daquele morticínio mútuo.

E fiquei, minutos de eternidade, mudo, bebendo pelos olhos, matando a sede de tantos anos naquele oceano castanho. Fui interrompido, para ouvir ainda:

— Tão bom, ao voltar, reformular tudo, se pudéssemos, seria. Desmontar esquemas mentais. Pelo menos cópia, ainda que malfeita, do que aqui é. Só, ainda lá, você continua?

Tive de responder:

— Circunferência diametralmente dividida. Céu e oceano. O espinho e a rosa, botão fechado que não pôde se abrir.



E você?

— O corpo acompanhado. A alma mais solitária ainda. Seus planos para volta definitiva?

— Nada na vida dos homens é definitivo. Não devia eu fazer a mesma pergunta também?

— Ainda temos muito o que fazer. E separados. O prêmio do livre arbítrio ou do medo de dizer a eles que fomos, lá, nascido para união.

— De nada, agora, o lamento vale. Separamos caminhos que juntos deviam estar. Esperemos ... Sempre há uma oportunidade para quem quer continuar — Lancei a sentença amarga.

E olhando para baixo, minha alma gêmea acrescentou:

— Veja lá: o mesmo palco, as mesmas luzes foscas e descoradas. A platéia mudará e, com ela, as nossas vestes, para fazermos outra encenação. Mais feliz, quem sabe, porque será cuidadosamente mais ensaiada...

— E outra vez lá, talvez possamos unir nossas essências. Nós, iguais em nossas diferenças; diferentes em nossas igualdades...

— Você terá a coragem de...?

Mas o tempo convergia para as suas origens. Era preciso voltar urgentemente. E falei de repente:

— É hora, até!...

— Quando?

— Até a época do banho de coragem, um prato de audácia, um corpo de sabedoria, uma fatia de verdade. E na robustez do discernimento, será desmontado o esquema.

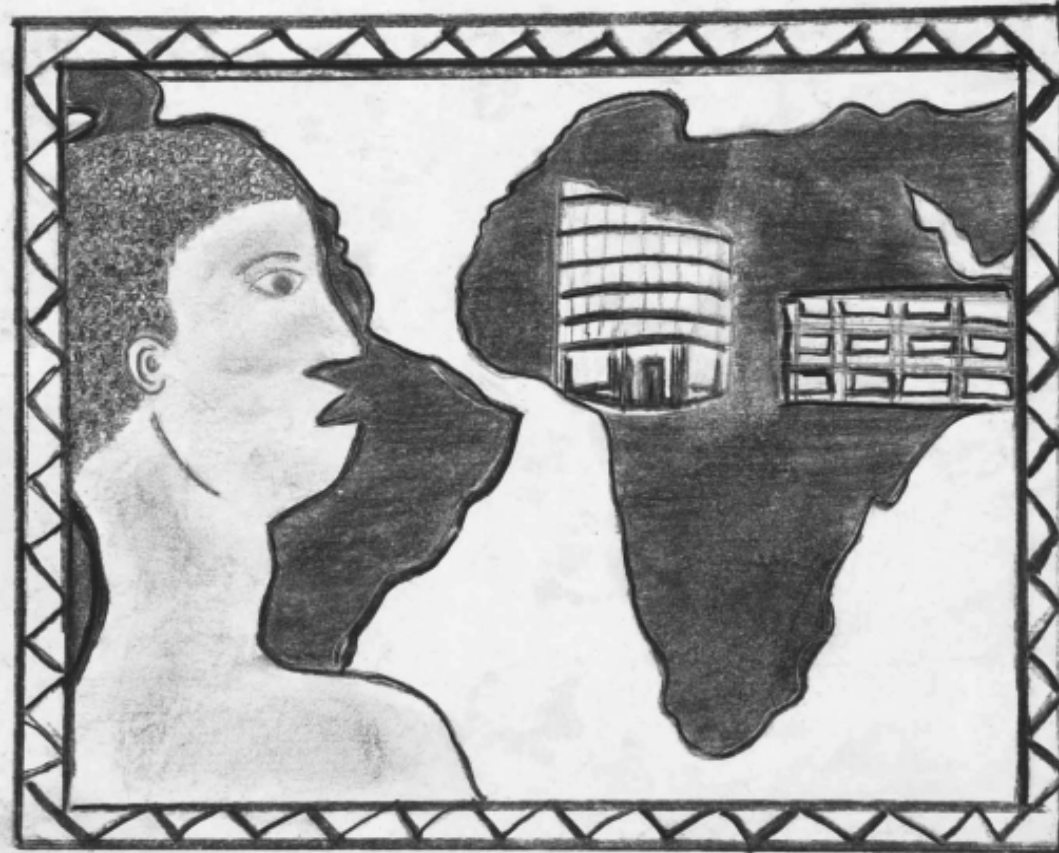
— Que tal se, em nome do que poderia ter sido e que não foi...

Vupo! Abri os olhos. Um peixe saído da água, eu era. Ainda se ouvia:

— Seis horas, seis horas! Não vai dar aula hoje não? Onde aquela outra voz? No quarto, ainda restavam uns lon-

ges coloridos daquele pedaço de céu-mar que há dez anos se foi. Aquele oceano castanho, guardado numa caixinha-de-bom-parecer e que, até hoje, não há carpina que saiba fazer...

Mas é isso: **na vida, não se pode ter tudo.**



Aflaudísia Souza e Marlene Lawinsky de Andrade

Carvão sobre papel sulfite

## O futuro do pretérito

Saí da sala, a aula tinha acabado. Na mente, o plano. No estômago, a fome. Vou à cantina, comer qualquer coisa, ainda não almocei, nem jantei. O corredor comprido trazia lembranças esparsas. Parece uma prisão isto aqui. Quem fez este prédio não tem mãe... E essa cor anti-tudo? Quem já viu pintar sala de aula de castanho? Só pode ser influência do cacau: “um amarelo sem comparação, o amarelo das roças de cacau!” Sempre o velho Jorge Amado com a razão. Taí **São Jorge dos Ilhéus** que não me deixa mentir. Também vir gente

de lá, do Rio Grande do Sul, para fazer prédio escolar na Região do Cacau... Pudera! E aquela menina vir com essa do **Sancristo**. Diga logo **sacrista**, minha filha, não pude me conter. Incrível, confundir sânscrito com **sancristo!** Depois, a outra:

— Professor, a gente fizemos o trabalho, mas caiu tinta em cima...

Em quente, a resposta transudando de ódio:

— Depois que **a gente fizemos**, minha filha, tudo pode acontecer!

Ainda dizem que estão no terceiro semestre. Terceiro semestre... Só se for do pré-alfabeto. Na turma de Literatura, aquele João bigode hitleriano... E aquela Fulana do gravador? Ah, Lizete! Pôs logo um apelido: cabeça-tronco-e-membros... O resto do apelido só eu e Wanda sabemos: ...e-gravador-portátil-na-mão. Esse povo, assim, tapado, termina vencendo a gente pelo cansaço e depois acontece como aconteceu com Conceição de Mata. Quando estremecemos, ela já estava com o diploma na mão, arma com a qual haveria de assassinar muitos. E ficamos com a mágoa no peito e a dor na consciência...

La passando pela porta do sanitário e resolvi entrar. Mais por necessidade do que por vontade. A necessidade, porém, tem a cara de herege, mamãe repetia tanto isso. Parecia até uma piscina dentro de uma boate, o sanitário. Preferi, por isso, um dos cubículos. Ah, escolha, meu Deus! Mal entrei, beiiiiiii!... O vento bateu a porta e ela trancou por fora. Ainda balancei pra lá e pra cá, mas sem esperança alguma.

Primeiro, não perder a cabeça. É preciso conservar a calma, buscar soluções, eliminar opções falsas. Eta vestibular! Segundo, o quê? Gritar. Não. Vem gente de tudo quanto é canto. Seria ridículo ouvir os gritos de “O professor ficou preso no banheiro, gente!” Pessoas discutiriam em busca da chave:

— Quem tem a chave?

— É fulano.

— Eu? Eu nunca peguei em chave nenhuma, senhor.

— Quem deve saber é Beltrano.

— Que coisa nenhuma, quem tem a chave é Sicrano.

Uns com pena, outros gozando... A menina do **sancristo** haveria de dar boas gargalhadas. Isso não, meu Deus! E a outra do **a gente fizemos?** Teria dor de barriga, gritando ao léu do mundo:

— Vem ver, gente, quá- quá-quá-quá-quá-quá-quá!

E na hora em que abrissem a porta? Aquele monte de gente olhando a cara desenxabida do miserável humilhado. Nunca! Jamais! De humilhação bastava o ordenado mesquinho e execrando. Então era esperar, até alguém aparecer. Naquele silêncio? Hum!... Não fui sempre o idiota, o último a sair? Mas a sala de Tica ainda está em aula. Tudo mulher. Nenhuma delas vai aparecer aqui...

É... Só havia aquela saída: escalar o muro do cubículo. Meticulosamente, a escalada se deu. Primeiro do chão ao vaso. Sapatos tirados dos pés, postos com o relógio, no cimo da parede. Um vô alçado, o espaço vencido, as mãos segurando nas bordas das paredes. Agora, força! Força! Os pés ajudando no escorrego do liso dos azulejos. Os joelhos chegavam a fazer xuípe!, quando deslizavam para baixo. No peito, uma ganância enorme. Forçando, fungando, suando, o corpo debruçado já, na parede. Nos braços e no peito, a ardência das raladuras.

Agora, com toda calma. O relógio no braço, o sapato nos pés. E o pulo se deu mansa e suavemente para baixo. O que falta agora? Pentear os cabelos, uns esticõezinhos aqui e ali, na roupa. Os braços sob as torneiras, aliviando a ardência das raladuras. Que falta agora? Ah! E a necessidade? Que vontade que nada, rapaz! Passou tudo que ninguém sabe como. O melhor aconteceu: ninguém viu, o ridículo não houve.

Outra vez, o corredor. Apenas, da sala de Tica, vinham uns sons longínquos. Já no fim do corredor, agora. Lá, adiante, a torre parecia duas moedas superpostas, separadas por colunas gigantes de cimento. Teria de atravessar a torre, descer dois lances de escada e chegaria à cantina. Começava até mesmo a pré-degustar um sanduíche. Normais, os passos, agora, que percorrem o final do corredor. Olhos fixos no chão, o pensamento à toa, à toa.

Entre a torre e o corredor, a fresta deixada pelos construtores. Linha divisória entre dois mundos geométricos diferentes. O retângulo do corredor, o círculo da torre. Outra vez, o estalo tão conhecido já. É sempre assim. Um estremecimento leve e o espaço imenso, à minha frente, surgiu. Incrível! Dois mundos, duas épocas, dois acontecimentos... Cá embaixo, eu, parado bruscamente, parecendo alguém detido à beira de um precipício. Lá em cima, eu, além do tempo. Mas o outro lá de baixo era apenas a minha casca. Lá e cá, eu mesmo, ao mesmo tempo. Então, eu vi. O mundo ao redor todo arrasado pela erosão. A torre caída, igual a brinquedo de criança. Outra coisa, o tamanho. Cá embaixo, eu-formiga, na torre gigante. Lá em cima, eu gigante, na torre formiga. O tempo convergia para as origens, numa rapidez acima, muito acima, da velocidade da luz. Chegamos, sim, à origem de tudo. Depois, apareceu, cá embaixo, uma bola. Na bola, um alto relevo, Eurásia, África e Américas juntas. Aí, começou a surgir um matinho ralo, que se transformou em mata. Depois, os bichos apareceram. Eu estava tão longe, que as pessoas, quando surgiram, pareciam lagartinhas miúdas. Depois, avistei um riacho. E ele foi se alargando, alargando, até que o chão se rachou no fundo, a terra balançado, o oceano invadindo e os continentes se separando. África pra lá e Américas pra cá. De primeiro, a distância era pequena. Das costas da África, se via quem nas costas da América estivesse. As terras foram, porém, ficando distantes, cada uma no fim

do mundo... A imagem mais viva, contudo, tinha ficado: o riozinho que existia, antes de a terra se partir. Uma aguinha clara, mas tão clara, que se viam as pedras e a areia no fundo do rio. Foi assim que o Atlântico nasceu...

Outro estalo, placl!, de repente. Vupo! E eu me vi como se estivesse pendente à beira de um precipício. O corpo ainda se balançava pra lá e pra cá, na ameaça da queda. No despertar, o espanto. Oh, droga! Até aqui? E ainda, por cima, andando?! Se me vissem assim, balançando para trás e para frente, como quem vai cair num buraco, o que não haveriam de pensar? Ainda meio estonteado, encostei-me na parede e esperei a zonzura passar. Não tinha sido assim das outras vezes? Tudo muito rápido, lá em cima, em questão de alguns segundos, apenas. E cá em baixo, foram milênios.

Esfreguei o rosto, como se estivesse acordado, passei a mão nos olhos e senti uma vontade enorme de conversar com alguém, para saber mesmo se eu tinha voltado de não sei onde. Depois de duas daquelas, seguidas...

A fome tinha passado e eu desisti da cantina. Só, naquele imenso corredor, senti a alma invadida pelo medo de mim mesmo e saí correndo para a sala de Tica.

— Tica, você não imagina o que me aconteceu!

— O que foi, menino? — Dos olhos dela, a aflição jorrava em brilho de espanto, também.

— Fui agora ao outro mundo e voltei. Vi os continentes se formando, América se separando da África. E ainda mais: em outra época, que ainda vai chegar, o princípio do fim. A torre caída, tudo comido pela erosão...

— Oh, gente! Esse cara é maluco mesmo...

Ela disse isso, no tratamento de sempre. Tudo levado na brincadeira, saí e fui-me embora, para casa, com uma certeza: **quem apenas pode ver a metade julga louco aquele que conhece o todo.**



**Wilma dos Anjos Brandão**

Lápis grafite com lápis de cor sobre papel sulfite

## A outra ponta do arco-íris

Aquele assovio de cobra era um sinal ouvido e lido muitas vezes, antes. Oiá-maji levantou a cabeça e fitou demoradamente a copa da gameleira-branca. Um vento forte, nesse mesmo instante, fez rodopio lá em cima. Estava confirmado: aí vinha traição. Era a fala de Iansã e Oxumarê, os dois juntos. Acocorou-se junto a uma das grandes raízes expostas e caminhou no pensamento. Lembrou pessoas e fatos, palavras e conversas de dias seguidos. A única novidade que encontrou foi aquele homem ainda internado no **terreiro**. Coitado! Seis meses de hospital e ninguém conseguia en-



tender o que ele tinha. Até que a mulher dele, desiludida e desesperada, foi consultar o *jogo-de-búzios*. Iansã falara, numa conversa muito rápida: “Influência da morte. Trazer o homem para cá. Vai haver tempestade. No fim, a verdade. Mas será depois da união das duas cobras.”

Oiá-maji não pensou duas vezes. Ordem dada, executada. Não se discute com Orixá. Hoje, vinte e um dias depois, o homem estava ali, quase são, terminando de cumprir o resguardo. Teria de conversar com pessoas do *terreiro*, sobre o aviso.

A manhã arrastava-se com o sol faiscando sobre o Pontal. Um sopro morno vinha do nordeste, acompanhando a zoadá da briga do mar com os recifes. Oiá-maji chegou ao portão e olhou para a estrada. Não. Não era uma estrada. Era uma serpente do tamanho do mundo, a cauda e a cabeça sumidas nos extremos do horizonte e o corpo contorcido fumigando vapores no ar. Em frente, um terreno baldio, cercado de pau-de-mangue, cujas estacas, serpentes enegrecidas com o tempo, lutavam sufocadas pelas ramas do melão-de-são-caetano.

À beira da estrada, uma enorme castanheira, toda enluvada por uma *jibóia*, que ela mesma plantara. Quando o vento agitava as raízes aéreas da *jibóia*, cobras miúdas se balançavam no ar. No céu limpo de verão, apenas um rolo de nuvem fina em espiral, serpente de bote armado, pronta para saltar. De repente, Oiá-maji sentiu algo incomodar a mão direita. Ficou horrorizada: seu anel, em forma de serpente engolindo a própria cauda, símbolo de Oxumarê, adquiriu vida. A serpente abriu a boca, largou a cauda e deu-lhe uma dentada no dedo. No susto, Oiá-maji gritou e sacudiu a mão como se quisesse amputá-la. Depois, tomou posse de si, retirou o anel do dedo, onde estava há vinte anos, e guardou-o no bolso da saia. Fechou o portão e voltou para dentro.

Estava ainda mergulhada nos pressentimentos, quando

ouviu o barulho de um carro estacionando na cancela do **terreiro**. Um arrepio subiu-lhe pelo corpo e o nordeste jorrou uma baforada, derrubando folhas verdes e maduras, levantando a poeira da estrada, num redemoinho de espantar. Oiá-maji levou as pontas dos dedos ao chão e em seguida à testa, gritando bem alto:

— Eparrei Oiá! Força, minha mãe! Adupé louô, Iansã!

Caminhou para as pessoas que estavam descendo do carro. Era a viatura da polícia. Um sargento, um soldado e Dr. Asclépio, diretor da Santa-Casa. Oiá-maji entendeu tudo. A serpente se aproximava.

— Sargento Ricardo, a ação agora é sua. Disse o Dr. Asclépio.

— Bom dia! É a senhora, a dona da casa? Ricardo perguntou.

— Sou eu mesma. Oiá-maji, às suas ordens, de nome civil Joana. Muitos me conhecem como Joana da Rodagem.

Enquanto respondia, Oiá-maji viu o soldado, de carabina na mão, aproximando-se. O sargento explicou-se:

— A senhora está intimada a entregar um doente por nome Juvêncio, sobre o qual estamos informados de estar aqui, na sua casa. Ele é paciente do Dr. Asclépio, esse senhor aqui presente. O Juvêncio foi retirado do hospital sem ordem médica e o Dr. Asclépio está movendo um processo contra a senhora, por exercício ilegal da Medicina, curandeirismo e charlatanice. A senhora deve entregar-nos o Juvêncio e comparecer amanhã, às dez horas, na delegacia, para prestar depoimento.

De repente, a rua estava coalhada de gente. Meninos para ver o carro, adultos impressionados com a presença da polícia, mocinhas assanhadas pelo soldado armado e todo mundo querendo saber e que estava acontecendo. Oiá-maji, envergonhada com o vexame, não saía do lugar. Sempre tivera medo de arma de fogo, soldado, polícia e coisas assim. Mes-

mo sendo a famosa mãe-de-santo do Pontal, no íntimo não passava de tímida. Minutos depois, alguém trouxe Juvêncio lá de dentro, com uma sacola na mão. Ao vê-lo, Dr. Asclépio disse indignado:

— Aí está ele. Fraco, pálido, abatido, enfurnado num covil deste. Nós vamos levá-lo daqui, Juvêncio. Se você vier, nem será preciso essa mulherzinha ir à delegacia, amanhã. Mesmo, ouviu, Sargento Ricardo, eu não tolero sequer a presença desse tipo de gente. Você vem conosco, para testemunhar que pertencemos a uma sociedade civilizada e que os hábitos e superstições oriundos da escravidão precisam ser soterrados para sempre. A Medicina está muito avançada e a ignorância precisa ser combatida. Você vem comigo e prometo-lhe sua recuperação.

O soldado levou Juvêncio para o carro e sentaram-se atrás. O sargento tomou o volante. Asclépio passou glorioso entre as pessoas reunidas em volta do carro e abriu a porta do veículo. Quando já estava entrando, uma voz gritou:

— Asclépio, teu anel tem uma cobra. E ela vai te trazer de volta aqui. Aí vem tempestade!

Era Oiá-maji, cabelos soltos ao vento, com uma espada-de-ogum na mão. Asclépio olhou com os olhos atravessados, fez um gesto de deboche e entrou no carro que sumiu numa nuvem de poeira. Muita gente entrou no **terreiro**, acompanhando Oiá-maji, agora Iansã, a Dona da Casa. Três rapazes tocaram os atabaques e Iansã dançou ao som do **agueré**. Depois, no meio do barracão, os braços estendidos, sentenciou:

— O tempo só é ruim para quem não sabe esperar. Oxumarê, a Serpente do Arco-Íris, faz o resto.

Lançou a sorte e viajou para o **orun**, o universo paralelo dos nagôs. Enquanto isso, Dr. Asclépio, já na Santa-Casa, após internar Juvêncio em apartamento de primeira, debruçava-se à janela de sua sala reservada, no primeiro andar do hospital. Lá em baixo, um pouco mais adiante, o mar aberto, a

barra escancarada, o Morro de Pernambuco invadindo as águas. Asclépio sentiu-se o próprio morro. Desde que chegara a Ilhéus, há trinta anos, lutava contra bruxas e feiticeiros, eternos embusteiros, enganadores do povo. E agora **aque-la mulher** estava vencida definitivamente. Havia tempos os problemas com sua clientela. A fama da feiticeira voava de boca a ouvido. Já existiam colegas seus, da geração mais nova, cometendo o sacrilégio de falar em **medicina alternativa, saber popular, valor do senso comum**. Onde já se viu. Voltar à barbárie? Era necessário, prirneiro, que passassem por cima de seu cadáver. Chegara ali para lutar pelas luzes do saber, colaborar com o progresso e ajudar a tirar Ilhéus do primitivismo. Uma terra tão bonita e tão dadivosa... Um dia, fizera o juramento de Hipócrates, quando recebera o anel. Nisso, lembrou-se da frase da feiticeira: “Teu anel tem uma cobra. E ela vai te trazer de volta aqui”. E alisava o desenho da serpente enrolada no bastonete, símbolo da Medicina, a quem dedicara a vida inteira. Pena era Ilhéus não ser mais a mesma de trinta anos atrás. E uma sujeitinha como aquela seria levada para os fundos da cadeia e teria as mãos rachadas de bolo de palmatória. Mas o que fizera também valeu. Afinal repusera a feiticeira ao seu devido lugar. E riu um riso baixo e gostoso, espreguiçando-se. Antes mesmo de ter nascido, seu pai já determinara o destino. Se tivesse algum filho homem, daria o nome de Asclépio, o deus grego da Medicina, e seria, com certeza, um médico. E ali estava ele, vitorioso como o deus de quem recebera o nome, filho de Apolo e da ninfa Corônis, criado pelo centauro Quíron, famoso médico. Chegou-se a atribuir-lhe a faculdade de ressuscitar os mortos, alarmando Zeus, o deus dos deuses. Agora, Asclépio Homem reinaria sobre a Região do Cacau, como o Asclépio Deus, sobre Epidauro. E riu um riso gostoso, espreguiçando-se.

Sentado na cadeira de balanço, entregou-se ao prazer

do cochilo. O vaivém da cadeira, o vento vindo do mar, uma leseira gostosa, chegando, chegando, chegando e o mundo sumindo das vistas, o anel de ouro formigando no dedo. De repente, a serpente do anel desenrolou-se do bastonete e começou a crescer. Tornou-se monstruosa e pegou Asclépio na boca enorme. Estava já na porta da feiticeira, ainda na boca da serpente. Por dentro, o monstro tinha fogo devorador. Por fora, minava um líquido pegajoso e fedorento, que vitrificava a areia, quando caía no chão. O povo, gritando em torno da serpente, oferecia-lhe holocausto em brados de alegria e prazer. Ela mesma, a serpente, trouxera sua própria oferenda. Haveria logo-logo o sacrifício. A serpente, experimentando o sabor da futura vítima, lambeu o corpo de Asclépio e disse a todos que a vítima era boa. Aí trouxeram dendê e lambuzaram Asclépio dos pés à cabeça. Uma bacia enorme, para aparar o sangue. Aí, ouviu-se o som de atabaques e uma roda de negros suarentos foi-se formando, com cânticos e danças, em torno do poste, onde Asclépio estava amarrado agora, com serpentes vivas, finas e frias, produzindo nojo e pavor. Lá de dentro da casa da feiticeira, veio vindo um vulto de mulher. Era ela, a embaixadora das trevas. Vestida numa saia enorme com babados de fogo, rodopiando como um demônio. Estacou diante dele. Aí, Asclépio viu. A cabeça da feiticeira era uma enorme cabeça de dragão, soltando fumaça pelas ventas. Escancarou as mandíbulas, mostrando as presas enferrujadas, aproximando, aproximando... Aí, um berro, convulsões de braços, a mão de um enfermeiro sacudindo-lhe os ombros. Pediu ***Calmofilase***, enxugou o suor do rosto e dos braços, tirou o guarda pó, abriu a camisa, bebeu o remédio, sacudiu a cabeça ainda meio atordoado. Lembrou-se de Freud, suspirou fundo e pediu desculpas ao enfermeiro.

— Um pesadelo, meu rapaz. Coisa horrível...

— Doutor, vim chamá-lo. Sua esposa está aí, no pron-

to-socorro, passando mal e as notícias não são boas. Acho melhor o senhor se prevenir...

— O quê?! Minha mulher! O que houve, rapaz?

— Ela apenas chora muito e quer vê-lo imediatamente.

Asclépio se recompôs e saiu às pressas, em direção ao pronto-socorro, no andar térreo do hospital. Na saleta um pouco apertada, três colegas seus já assistiam a sua esposa. Ao vê-lo entrando, a mulher irrompeu em choro alto, aos brados:

— Oh, Asclépio! Nosso filho... o Clóvis... Notícias de Salvador... Asclépio, Clóvis... nosso filho, Asclépio... Câncer no pulmão... fase terminal...

Os três colegas também cercaram Asclépio, após aplicarem forte sedativo na mulher. Asclépio pediu que internassem a esposa para repouso e informou que iria sair para algumas providências.

Desceu a ladeira do hospital a pé. Não tinha condições de dirigir o carro. Mesmo, seu consultório ficava logo ali, na Rua Tiradentes, transversal à Ladeira da Vitória. No caminho, pessoas saudavam-no e ele respondia apenas com um menear de cabeça. A alma turva, a visão apagada, a garganta pegando fogo. Entrou no edifício e trancou-se no escritório. Ali, estava na sua trincheira, onde costurara os principais planos de sua vida: a compra do apartamento, a aquisição da fazenda de cacau, o passeio à Europa, a escrita de seu livro publicado sobre *Medicina e religião*, em que combatia as credences e superstições populares, os estudos, formatura e casamento de Clóvis, seu único filho...

Agora? E agora? Tecera o destino do filho, fio por fio. Fizera-o médico também, herdeiro de tudo, inclusive daquele luxuosíssimo consultório, repleto de livros e peças valiosíssimas, necessárias ao exercício da profissão. Ainda, na semana passada, quando arquitetara o plano contra a feiticeira, pensara em aposentadoria. O filho seria seu sucessor,

com marquise pronta, patrimônio sólido, casamento marcado para daí a seis meses. Mas, além de tudo, havia uma coisa mais forte: aquele amor sagrado, aquela amizade profunda que há muito transformara o filho na razão maior do seu viver. Sem Clóvis, a vida não teria sentido. O filho, na verdade, era a concretude de tudo que sabia, pensava ou queria. Agora? E agora? De que adiantariam suas posses? Seu saber? Seu poder de mando? Primeiro, Clóvis começou a emagrecer, sentindo constantemente uma sensação de desconforto. Pensou-se na ansiedade, que antecede naturalmente às festividades de casamento. Depois, Clóvis projetara-se muito rápido. Com seis meses de formado, clinicava com o pai, uma farta clientela, carro do ano, um apartamento no Santa Clara, o teto mais alto de toda a Região de Cacau, uma linda noiva, filha da alta sociedade cacauera, casamento marcado para coincidir com a festa de São Jorge, ano internacional do cacau. Tudo isso era muito forte, muita emoção. Desde que se formara, o rapaz não tivera um tempinho só, para descansar. Por que não aproveitar a última ida a Salvador, fonte de água limpa, e fazer exames de praxe? Agora? E agora? A foice da morte no ar, o desengano para sempre e ele, ali, impotente... Era isso: a Medicina era um homem velho, impotente, incompetente e incapaz. Ele, agora, era o próprio Deus Asclépio fulminado pelo raio de Zeus.

No dia seguinte, Asclépio e a mulher viajaram para Salvador, no vôo das quinze horas. Um mês depois, um outro Asclépio descia do avião, velho abatido, exaurido de chorar pela morte do filho amado. No peito, a sensação de finar-se. Na cabeça, o plano de mudança total. Vender as propriedades, consultório inclusive, desfazer-se a qualquer preço de todos os bens, sair da profissão definitivamente e voltar para Salvador, onde a esposa já ficara, esperando-o. Após tomar várias providências, Asclépio resolveu concretizar a última parte do plano e isso o obrigaria a voltar ao candomblé de

Oiá-maji, acompanhado pela polícia.

Foi na segunda-feira. Dirigiu-se à delegacia e expôs o plano ao Sargento Ricardo. Ele, o sargento e o mesmo soldado de antes voltariam ao terreiro, no mesmo carro, e tudo deveria acontecer da mesma forma: na surpresa. Um exceção, porém: um jornalista do *Diário da Tarde* haveria de acompanhá-los. Queria uma longa reportagem com fotografia de todos. Teria de ser assim, pois esta seria a sua última vontade. Oiá-maji estava limpando as cobras de metal, insígnias de Oxumarê, quando viu o carro da polícia estacionando na cancela. Outra batalha, na certa. Já Asclépio batia palmas no portão.

— Dr. Asclépio? Outra vez? Deus é mais forte! Iansã, minha mãe, valei-me...

— A senhora permite que nós entremos um pouco?

Oiá-maji ficou desconfiada. Notou o soldado desarmado e um tanto ressabiada abriu o portão. A fila indiana dirigiu-se para a casa. De repente, vendo a gameleira-branca enfeitada com uma faixa de tecido colorido, Asclépio desejou ficar ali, à sombra, onde um vento brando fazia carícias no mundo. Oiá-maji mandou alguém trazer cadeiras e todos se sentaram embaixo da gameleira. A rua já estava coalhada de gente. Asclépio puxou a conversa.

— Nós estamos aqui, por iniciativa minha. Este é o sargento Ricardo, este é o soldado Raimundo e este é o jornalista Rubem Corrêa. Este homem que a senhora está vendo aqui — e bateu no peito com a palma da mão — já não é aquele que um dia veio afrontá-la. Aquele Asclépio foi enterrado há um mês, junto com o cadáver do próprio filho, a pessoa mais amada deste mundo.

Puxou o lenço do bolso e começou a chorar com dignidade e desamparo. Rubem tomou a conversa e narrou os últimos acontecimentos a Oiá-maji, que também chorava um choro de rainha. Já meio recomposto, Asclépio retomou:



— Na vida, minha senhora, há lugar para tudo e para todos e ninguém é dono do saber. Para mim, a Medicina é um homem velho...

— Não, doutor. Não é assim. A Medicina é saber dos homens. Mas os homens não sabem tudo. O senhor deve continuar curando. A humanidade ainda precisa do seu saber. Tenha paciência consigo mesmo, doutor. A misericórdia divina está acima de tudo.

— Talvez a senhora esteja certa. Mas o certo é que minha visita é de reparo. Gostaria que o nosso amigo, aqui, o Rubem, fizesse uma reportagem sobre as crenças de vocês, com a sua permissão. Principalmente, quero pedir-lhe desculpas e elogiá-la pela dignidade com que a senhora me enfrentou naquele dia do qual me envergonho profundamente...

O grupo permaneceu calado, mas Oiá-maji sentenciou:

— Ora, doutor. **Nós, os humanos, somos mesmo assim, iguais a pedra de brilhante: só reluzimos, quando nos passam o esmeril.**

— Bonitas palavras, estas, da senhora. De muita sabedoria também. E essa árvore, aqui? O que é mesmo que ela representa?

— É a morada de Oxumarê, a serpente encantada do arco-íris. Orixá de grande saber, beleza e encantamento. Ele é o pai do bom-tempo. Dirige as forças do movimento e sustenta a terra, para ela não se dissolver. Ele nasceu na penúria, mas se fez pai da riqueza com o uso da sabedoria. Oxumarê, Dr. Asclépio, representa a união, o eterno recomeço de tudo.

— Asclépio chorou um pouco mais. Depois, já mais calmo, acrescentou:

— Interessante! Muito interessante, mesmo! Essas crenças de vocês são tão parecidas com os mitos dos gregos antigos...

E conversaram tarde a dentro, até o prenúncio da noite. O sol se abraçava com as nuvens, por trás do cemitério do Pontal, esparramando luz de ouro sobre a areia branca das sepulturas. No céu esbraseado, uma promessa de luz sobre Ilhéus, para o dia de amanhã. Um arco-íris gigante surgiu no leste, entre o mar e a terra. Nas águas, Oxumarê segurava uma das pontas. No chão, o deus Asclépio sustentava a outra, recém-chegado da Grécia, para festa da cura na Bahia. Por baixo da cortina do arco-íris, Iansã, empunhando o ***eirukerê***, trazia Dr. Clóvis, redivivo, pela mão. Ele também empunhava uma insígnia: um caduceu encimado por duas asas. E duas serpentes de ouro, entrelaçadas no caduceu, cantavam um louvor à concórdia. Ele era, agora, o arquiteto da nova ponte entre o conhecimento e a sabedoria.



**Semírames Aderno**

Resina derretida sobre papel paraná

## A lição inescquecvel

Ah, este Pontal de Ilhéus, terra de pescadores...

E havia um pescador chamado Duca Arame Grosso. Tinha fama de valente e grosso. E eu, a fama de indagador, menino que de tudo queria saber. Um dia, nos meus seis anos, eu estava  porta de minha casa e notei um grande ajuntamento na porta de Arame Grosso. Não contei conversa: rumei para l. Na curiosidade de sempre, fui chegando e me esgueirando entre os adultos, até que descobri do que se tratava: um balaio enorme, do tamanho do mundo, repleto de sardinha. Eu era assim: via tudo enorme, imenso, avassalador...

Na ânsia de chegar perto do balaio, pisei no p de Arame Grosso. Acontece que ele estava com uma ferida enorme no p. Foi um deus-nos-acuda. Arame Grosso, enlouquecido de dor, quis me pegar para torcer o meu pescoço. A mu-

lher dele atiçava, dizendo:

— Pega ele, Duca! Mata e joga na maré!

As pessoas ficaram atordoadas e muitas nem entenderam o que estava se passando. De repente, Donata não se conteve e explodiu:

— Gente, eu conheço esse menino e o povo dele todo. E não é possível que, no meio de tanto homem, vá se permitir que esse louco do Duca maltrate a criança. Ele não fez por mal. Foi a curiosidade...

Os adultos fizeram uma parede entre mim e Arame Grosso e eu, sem entender nada do que estava acontecendo, abri a boca no mundo, gritando por minha mãe. O homem urrava, pulando de uma perna só e tentava, a todo custo, me agarrar, gritando:

— Eu te mato, infeliz! Eu te mato!

Não sei como foi aquilo, mas de repente, minha mãe estava me segurando pela mão. Aí, tudo ficou embaralhado na minha cabeça: o medo de mamãe brigar comigo, o pavor diante da selvageria de Arame Grosso... Só sei que mamãe me levou para casa e sentou-se comigo no primeiro degrau da escadaria de nossa porta, enxugou meus olhos, alisou meus cabelos e foi lá dentro, de onde voltou com uma caneca de água para eu beber. Tornou a se sentar a meu lado e me perguntou com voz segura:

— Já ouviu a história do Quibungo?

Balancei a cabeça negativamente, mas fiquei curioso. Não deixei por menos:

— Que história é essa, mamãe? O que é *quibugo*?

A minha curiosidade de sempre desviou a atenção do meu sofrimento para a indagação. Mamãe explicou:

— *Quibugo*, não; Quibungo... Um bicho selvagem, enorme, deste tamanho, que tinha a boca no meio das costas e saía devorando bicho, gente, tudo... Vou te contar...

Mamãe se levantou de perto de mim, caminhou para

adiante. Não era mais mamãe: era a contadeira de história. Ah, como ela sabia contar... Mudava a voz, gesticulava, andava pra lá e pra cá. Para falar como se fosse cada um dos personagens, ela mudava de lugar e de voz. Até a fisionomia de mamãe se alterava, quando ela falava como se fosse gente ou bicho. Mamãe começou:

“Numa cidadezinha, bem pequenininha, assim como aqui, o Pontal, o povo vivia apavorado. Apareceu um monstro devorador, tão pavoroso, que muitos morriam de susto antes de serem engolidos: era o Quibungo. E tinha um morador, chamado João, muito bruto e selvagem também. Ele tratava todo mundo com valentia. Por isso mesmo, chamavam ele de Jão Valente. Quando Jão Valente soube que viram o Quibungo na estrada, vindo em direção da cidade, pintou e bordou. Ameaçou de pinicar o bicho, quando ele aparecesse, como se corta cebola para temperar panela.

Jão era muito agressivo e não respeitava ninguém. Um dia, ele entrou na venda de Seu Galo. A venda estava muito cheia e Seu Galo não notou a presença dele. Jão se enfureceu e deu um tapa na primeira pessoa. O tapa foi tão grande, tão grande, que as pessoas caíram de perna pro ar, umas por cima das outras, numa confusão de fazer dó. Uns saíram correndo, outros se arrastando e a venda ficou vazia. Jão pegou Seu Galo pela garganta e obrigou Seu Galo a dar tudo o que ele queria, de graça, pra Seu Galo aprender a enxergar. Jão Valente até por trás de todo mundo. Seu Galo, coitado, passou o maior vexame e humilhação. E para não ser espancado por aquele homem violento, fez o que o outro ordenou. Terminou que Jão Valente saiu com um saco na mão e Seu Galo ficou amargando a vergonha e o prejuízo.

Mas nesse mesmo lugar, também havia uma outra pessoa: Zé Mofino. Coitado: amarelo, franzino, sempre recolhido em casa, com medo de tudo. Se tremia todo, só em ouvir

falar em Jão Valente. E quando ele soube da notícia do Quibungo, se trancou em casa e não saía pra coisa nenhuma, morto de medo de Jão Valente e do Quibungo. Mas a lenha acabou e, depois de três dias de fogo apagado, Zé Mofino foi empurrado pela necessidade. Terminou saindo, para buscar graveto no mato que ficava pertinho de sua casa. Zé Mofino estava juntando uns gravetos e quem apareceu de repente? Ele: o Quibungo! Era um bicho enorme, daquele tamanho, todo cabeludo, da altura de dois homens. Os olhos eram duas fogueiras e as mãos tão grandes, parecendo gamelas. O pobre coitado teve tanto medo, que não conseguiu sair do lugar onde estava. O Quibungo pegou Zé Mofino pelo meio e suspendeu o coitado pro alto, para devorar. Foi aí que Zé Mofino viu: a boca do Quibungo era no meio das costas.

Tomado pelo desespero, o quase-morto gritou:

— Seu Quibungo, pelo amor de Deus!... Não me coma porque eu sou um mofino. Coma Jão Valente que ele tem muita carne pro Senhor se sustentar e ficar mais forte ainda!

Aí, aconteceu o milagre: o Quibungo colocou Zé Mofino no chão, se dobrou no meio para ficar mais perto de Zé e disse assim:

— Me mostre onde está este tal de valente que lhe dou o dinheiro das pessoas que já devorei. O dinheiro está aqui, no meu bucho!

Zé Mofino foi na frente e o Quibungo atrás, até à porta de Jão Valente. Pela greta das janelas o povo espiava a rua e todo mundo se admirava da coragem de Zé: enfrentar o Quibungo e Jão Valente... Os dois de vez?! Misericórdia!

Zé Mofino parecia uma tábua em pé, se movimentando. O pescoço endurecido não o deixava olhar para os lados. Quando chegaram à porta de Jão Valente, ele mal teve ânimo para apontar a casa. O Quibungo bateu na porta de Jão, que veio atender com gritos e ameaças:

— Quem é este ousado, me incomodando a essas ho-

ras? Espera aí que lhe dou o seu!

Abriu a porta de supetão, mas quando viu o Quibungo, deu uma tremedeira e se borrou todo. O Quibungo ficou com nojo dele e fez a pior zombaria:

— Abre a boca, cagão, se tu é valente mesmo, pra tu ver se não te como com casa e tudo! Só não faço isso agora mesmo, para não estragar minhas tripas, devorando uma porcaria igual a tu. Mas estou ordenando: desapareça daqui, pra sempre, senão eu volto e te como!

Jão Valente arrumou a trouxa na maior tremedeira e desapareceu no mundo. O Quibungo também resolveu desaparecer dali. Mas antes, cumpriu com a palavra: deu um bocado de dinheiro a Zé, que agora não era mais Mofino. E ele passou a ser considerado por todos como uma pessoa corajosa, além de ter ficado muito rico.

Viu? Quem arrota valentia termina encontrando alguém de maior ousadia.”

Quando mamãe acabou de contar, eu fiquei com uma certeza: se eu fosse do tamanho do Quibungo, Arame Grosso tinha falado fino. Entramos em casa e não se falou mais naquele assunto. Mamãe foi cuidar do almoço e eu apanhei meu caixote repleto das geringonças que eu fabricava, para brincar. De vez em quando, eu pensava no Quibungo e ficava imaginando Duca Arame Grosso se borrando de medo diante do Quibungo. Eu fazia o papel de Zé Mofino, guiando o Quibungo até a casa de Arame Grosso. O povo nas portas, nas janelas, todo mundo admirando a minha coragem.

Depois, o tempo levou Arame Grosso. Mais tarde, levou o Quibungo também. Essa gente, porém, sempre está voltando. E atualmente, então... Tem tanto **Arame Grosso** ameaçando o povo... Tem tanto **Quibungo** tentando devorar todo mundo... Mas eles sempre se esquecem: **não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.**

# SEGUNDO ODU: REVOLTA DOS FANTASMAS

“Aquele que é capaz de recordar dispõe de uma força mágico-religiosa ainda mais preciosa do que aquele que conhece a origem das coisas”.

*Mircea Eliade*

Visagens do já-se-foi, assombrações do vir-a-ser, moradoras de todos nós. Meia volta, volta e meia, elas se dão os braços e fazem ciranda nos olhos humanos. Gostam da noite. A noite do sem-resposta, do des-conheço, do nunca-vi.

Os fantasmas fazem história e a História constrói todos eles. Encruzilhadas soturnas, casebres abandonados, mata-gais escuros, desvãos do nosso ser. Em todos eles, esconderijos de fantasmas, uma história de assombração. Seres de outras dimensões, eles sabem nos conduzir. Obrigam-nos a tudo: do gesto ao estro, do rosto ao gosto. Em muitas bravuras, em outras alturas e em todas as funduras, lá estão eles, onipresentes, onipotentes, onitudo.

Os velhos sabem: é preciso contar os medos, deletar os fantasmas. Homens rudes, porém sabidos, os velhos são. Viram e viveram visagens e assombrações. Agora, imunes, podem rever a história e contar o que sabem.

A noite vem chegando e os velhos precisam dormir cedo. Conta por conta, desfiam o rosário do foi-assim. Os demais se transformam em ouvidos, quando um deles começa a narrar. É muito importante saber ouvir, o segundo velho diz, tanto quanto contar. Escutar, principalmente as pequenas histórias que tecem a história maior, para saber repeti-las



depois, pela vida a fora.

Plano algum, em perfeita ordem, tece o amanhã. É preciso revolucionar, desarrumar tudo, para arrumar de novo. E nisso se constitui o renascer, o reencarnar, a eternidade dos seres divinos.

No tremor da voz, o contar do velho. No contar do velho, o temor dos homens. Sem pressa, embora a noite chegue, um ser desconhecido está morrendo abandonado, uma assombração cantando, um vulto crescendo, uma mulher misteriosa nadando à noite: a revolta dos fantasmas.



**Marlene Lawinsky de Andrade**

Óleo sobre papel sulfite

## O cabricídio

Boiando no sono da madrugada bem alta. O estalo, de repente. Mais outro e outro e outro... Tiros? Tiros, sim. Ouvido no ar, orelha em pé, sentado já.

— Quem, meu Deus?

Ainda imaginava o gemido do homem morrendo... Na cena, ele vinha só, retardatário de sempre. Entrou no Beco, distraído, coitado. Saboreava a madrugada, camisa aberta e o terral batendo no peito. Deserta, a rua. Nos pés, a areia. E pingando dos leques dos coqueiros, o sereno. Farejando a brisa, pensamento no jogo do bicho:

— Amanhã é vinte e dois, que é também número da casa de Seu Ernesto. Tão gordo, só pode ser urso. Mas urso é vinte e três. Vinte e dois é cabra... E se vier porco?

Sem quê nem praquê, fantasma de rifle na mão, ele, o assaltante. Na garganta, a mão apertando, apertando. E o grito, aliás, o berro, o urro de gente morrendo, como se fosse bicho.

— Solta o pobre do homem, assassino! — Tão fácil abrir a janela e gritar. Um zás, num vupo, e uma vida salva.

— Vocês viram? Se não fosse ele, o pobre do homem a essas horas já estaria no cemitério dos Cajus.

E o assaltante, nos braços da policia, desfilaria no Beco do Cruzeiro. De ponta a ponta, o Beco lagrejando de gente. O delegado apurando, meninos correndo, tudo num vaivém de formigueiro assanhado.

Outra vez, ouvidos apurados. Tudo quieto como só o Beco do Cruzeiro sabia fazer na alta madrugada. Uma muriçoca passou voando e foi espremida com as duas mãos. De longe, bem longe, um latido de cão vadio, misturado ao canto melancólico de um galo remoto.

— Deixa Deus com seu mundo. Amanhã se vê...

O sol não tinha ainda se levantado direito e já o Beco fervilhava. Trombetas anunciavam a queda dos muros de Jericó.

— Mas minha gente, o que quer dizer? Coitado de Seu Ernesto! Era a Véia Gina, o diário de notícias. Machetes no Beco, certamente.

Sinal-da-cruz, pulando da cama, os dentes escoados às pressas, um gole de café quebrando o jejum e, enfim, a rua coberta de glória. O movimento das pessoas no Beco parecia uma procissão. Eta novidade! Comentário para um mês. Na porta de Ernesto-do-Porco, os sábios-do-egito discutiam. Paredes manchadas de sangue, cascas de bala pelo chão e a casa dura de gente.

Benvinda, coitada, na pachorra de seus noventa quilos, mal se arrastava no meio do povo. Na espreguiçadeira, todo esparramado, embaixo da cobertura de tacos, Ernesto. Coma-

dre Alzira punha-lhe folhas aquecidas na testa. Maria de Helvécio dava mil palpites. José Ferro Velho aproveitava para arriscar mais tarde, na vaca e no porco:

— Eta milhar bonito: 2518!

— E só dar um chá de três folhas de chuchu, três folhas-de-agonia, três galhos de cidreira com três colherinhas de mel. Tiro e queda. A finada minha mãe, que Deus a tenha na sua glória, rodeada de anjos, curou muita gente em Cajazeiras, assim. Receitava, recitando, João Boca-de-Goiaba.

Só Véia Gina teve coragem de contestar:

— Ora, ora, ora! Quem vai encontrar essas folhas numa hora de tanta agonia?! Isto, Seu João, é para horas de calma. Quer ver uma coisa? E só uns pingos de água-de-colônia *Regina* e adeus ataque!...

Tirou o frasco do bolso da saia. Dona Dé trouxe a água. Caneca plástica do signo de Capricórnio. Véia Gina pingou as gotas mágicas, entregou o frasco a Vandete, suspendeu a cabeça de Ernesto e fez o líquido descer goela abaixo.

Raimunda de Luzia, aproveitando o breve silêncio, aconselhou:

— Segura este vidro Vanda, senão vai ser outro desastre.

Correu um zunzunzum na sala, abafado pelo arroteo de Ernesto. De gemido em gemido, mastigando e engolindo, Ernesto voltou a si e começou a falar. Os mais velhos, nas cadeiras, tamboretas e caixotes. Os mais moços, encostados, sentados no chão ou de cócoras.

Benvinda tinha ido levar o bacio no quintal e o noitão cobria este vale de lágrimas. Tava chegando a hora em que o cavalheiro encantado costuma passar. E hoje, de domingo pra segunda, noite de turvo, ele vinha na certa. Gritos abafados na porta. Benvinda nem teve tempo de limpar o bacio. Valei-me a Cruz Forte da Amargura! Me socorram as sete dores de Maria! Um pobre de Deus veio buscar misericórdia na nossa porta! Pela primeira vez na vida, aquele baque no

peito, o tremor nas pernas, o sangue fugindo do corpo, o mundo inteiro girando... Acode, Benvinda! A porta ou o marido? Benvinda endoidou. Vozes diziam: “Mais depressa, mais depressa. Aperta o pescoço antes que venha gente e escute”. Do lado de fora, o moribundo se esperneava. Jesus me acuda! Maria valei-me, Ernesto! É gente morrendo do lado de fora e morrendo matado... E aquele sufoco de frio, a voz embolando, as vistas sumindo. Ernesto, Ernesto! Valei-me a hóstia! Seu Nivaldo, acode aqui, pelo amor de Deus! E nada. Foi o tempo em que o cachorro de Dona Joaquina pulou o muro e gente correu. Ainda nos ouvidos, o ruído sinistro do cadáver sendo arrastado. Na certa, levaram o corpo para jogar na maré, em Sapetinga...

— Ó de casa, minha gente!

Voz de Epitácio do Posto. Caminho largo, estrada aberta, gente se espremendo nas paredes, para deixá-lo passar. Diante de Ernesto, a Medicina parou.

— Quem foi o idiota que fez esses remédios primitivos de folhas?

O silêncio respondeu com um arregalado de olhos. Pôs a mão no pulso de Ernesto e ordenou resmungando:

— Bote a língua pra fora. Hum! Hum! Não é nada. Apenas um susto. Foi forte demais para as banhas que o tempo ajuntou. Um sedativo, e pronto... Vamos sair todo mundo, o velho precisa respirar!

A procissão saiu. Um grito de dor explodiu lá da rua. Até Epitácio amarelou.

Que novidade é essa?

— Quebraram a água-de-colônia de Véia Gina:

O mundo veio abaixo. Ah, infelizes, malditos e excomungados de pai e mãe. Cães dos Infernos, alimentados com o leite da Cabra Preta... Lembrança ainda de Manezinho Tabarra, guardada por tanto tempo. Manezinho dos novos anos, cuja ausência fez até usar pimenta, para matar

os desejos. Das viagens de barco, uma semana Ilhéus-Bahia. E na volta, os presentes. O último, a água-de-colônia. Três noites de carne pagando o cheiro. Depois a despedida, na praia. Até de hoje a quinze! O barco acenando a vela e Gina (que não era Véia ainda) tangendo o lenço. Adeus, Manezinho, minha vida! Adeus, Manezinho, vida minha! Me traz outro presente bom, que eu lhe prometo pagar melhor ainda. Olhe, não vou usar mais pimenta, pra não inchar sua fonte... Depois, a notícia. O barco *Estrela Guia* sumiu nas águas da barra do Jaguaripe e nunca mais Manezinho... Um ano de choro e o resto da vida na solidão. Só o frasco de cheiro trazia a ressurreição. Nem mais pimenta era preciso agora. Só o frasco. Depois, só o perfume de lembrança. E agora, meu Deus? E agora?!

— Acode, Seu Epitácio, Véia Gina deu um ataque! — Imploraram lá de fora.

— Levem ela pra casa, que eu chego já.

Nos braços do povo, Veia Ginga seguiu em cortejo. Na porta de Ernesto, os sábios-do-egito continuaram con-fabulando:

— É bom chamar Seu Ataíde. Com ele, não é mole. Não é à toa que ele é Delegado do Pontal há cinco anos. Lembram da mula-de-padre que estava aparecendo na Marambaia? Pois bem, num abrir e fechar de olhos, ele descobriu tudo: Otacílio Tricoline, fantasiado de bicho, atrás de Zilda, mulher de Vavá. Uma surra de facão, o povo todo vendo na rua. E adeus mula...

— Acho melhor Tenente Geraldo: ele é daqui de perto mesmo, gente da farda e que sabe quanto mede o nariz. Foi o único capaz de resolver aquela briga, por causa de um beco, entre o Feiticeiro Sarapião e Dona Joaninha do Cuscuz. Eta mulher de raça, eta tenente de peito!

— Lá vem Seu Antônio, minha gente. Agora sim. Vamos ver quem tem farinha no saco.

Antônio Z. Ferez. Ninguém sabia o significado do **Z**, mas todos o chamavam assim. Passou de leve, pela porta de Véia Gina. A situação por lá já estava se acalmando. Veio vindo, veio vindo, mais glorioso do que Epitácio. No tapete esmeralda do capim da rua, seus pés tocavam suavemente. Até as palmeiras sussurraram mais baixo. Duas vezes vereador, assinante do Diário, gerente da Loja, papadas de buldogue, terno branco espelhando. Seu Antônio era agora o supremo sacerdote.

De alto a baixo, as paredes examinadas. O chão, o passeio, a porta. Moveu a terra com os pés: cascas de bala e um certo tipo de fezes. Manchas de sangue meio metro para baixo, na parede, pêlos nas quinas do passeio. Silêncio de cemitério. Puxou a gravata, esticou o queixo, ajeitou o lenço. Agora, a sentença:

— O que mataram foi uma cabra. Gente da família dos Pintos, na certa. Enfastiados de patos, perus e coquéns, ganhos na calada da noite, desejaram cabra, agora.

Todos podiam ficar descansados. Dr. Galo, o comissário, tomaria ciência do caso e apuraria os fatos. Em questão de minutos, a rua ficou deserta. Só, Ernesto, na porta, espiava o mundo vazio. Veia Gina botou a cabeça na janela e voltou a entrar. Ernesto também.

À tarde, haveria o noticiário no rádio, a **Ronda Policial**. Ernesto colocou, na janela, o rádio do tamanho de sua barriga, e muita gente chegou para ouvir. Antes da fala do comissário, o resultado do bicho:

— Agora, muita atenção: exatamente 8152!

— Meu Deus, por que não joguei invertido?! A sorte me procurou e eu joguei a sorte fora...

Ninguém se incomodou com os lamentos de Ferro-Velho. O importante era ouvir o nome do Beco do Cruzeiro no rádio. Às dezessete horas, Dr. Galo falou:

— Noite agitadíssima no Pontal. Aliás, a Donzela Teodora já dizia que a noite é a encobridora de todos os males. Na porta de Ernesto-do-Porco houve um suposto homicídio (Ernesto se babava de contente: seu nome no rádio). Mas graças à perícia de Seu Antônio Z. Ferez e apurações nossas, chegou-se a outra conclusão. Quando se mata o pai, comete-se um patricídio; se for o irmão, fratricídio; homem, homicídio; um povo, genocídio. E como mataram uma cabra na porta de Ernesto, trata-se de caso novo nos anais do crime: CABRICÍDIO. Palavra nova, podem anotar. Os fatos estão sendo apurados e amanhã daremos detalhes. E cuidado: casa fechada é casa roubada!

Feliz da vida, Ernesto tinha ouvido seu nome no rádio. E da boca do delegado.

— O nome de Seu Ernesto saiu no rádio, minha gente! A porta explodia em parabéns e abraços ao novo herói. Do-Porco levantou os braços gordos triunfalmente e acenou a todos. E os gritos ecoavam:

— Viva Seu Ernesto!

— Viva-a-a-a-!!!

Do desfecho, só não gostou Véia Gina, que saiu resmungando sozinha:

— Nem sequer sobre o prejuízo do frasco o delegado falou. Quanto mais sobre o ataque. Mas é isso mesmo: na terra aonde o rei não vai, dendê dá na raiz. Oh, gente ingrata! Melhor é deixar pra lá: **quem deixa passar, passa também.** Mas de outra vez, vocês me acham...

E sumiu porta a dentro.





**Semírames Aderno**

Lápis cera e nanquim com anilina

## A cavala

Desde o aparecimento do bicho que falava, Pontal entrou em estado sítio. As lavadeiras estavam aterrorizadas. Somente Catarina de Ricardo e Dejanira tiveram coragem de ir lavar. Ainda na tarde anterior, verão morno e fresco no Pontal aberto ao mar, uma comitiva tinha se dirigido para os **Cajus**. Por trás do cemitério, depois da **Proa**, ao cair da noite, o bicho tinha surgido, havia três dias, falando, isto é, cantando. Aliás, gritando. Não, não gritava; gemia.

Todo o Pontal aguardava a chegada dos afoitos e corajosos participantes da comitiva de reconhecimento. Pedro-de-Rola, velho como o Morro de Pernambuco, senhor das rezas contra as tempestades, ia à frente. Foi ele quem, um dia, enfiou a faca-peixeira na janela do oitão e rezou em cruz, quebrando a força do noroeste, que vinha acabando com tudo. O Pontal nunca esquecerá esse feito, pois se fez noite às três horas da tarde. Quebrar-se a força do vento brabo com reza mais braba ainda? Mané-do-Sul — cuja cabeça jamais tinha sido vista por alguém, pois até para dormir não tirava o chapéu — ao lado de Urias, eternamente. Ambos com mais de sessentanos zombavam da moçada que nunca tinha visto uma tempestade de verdade. Homens curtidos em naufrágios, vezes sem conta, em noites de vento sul, o terror dos pescadores do Pontal. Popó e Monzá (quem iria acertar dizer Mozart?), mamadores de garrafas de sol-a-sol. Deles, até as ondas temiam um bafo-de-boca. A coragem que o mundo perdeu morava naqueles dois. Popó, o único calãozeiro que sabia ler. Tinha uma caligrafia de moça. Diziam as más línguas (Dona Cota, por exemplo) que ele tinha sido gente graúda em Sauípe, mas viera de lá corrido. Mas deixemos isso de lado, pois já é outra estória ou história, sei lá...

Mulheres? Algumas... Você sabe, quais teriam coragem de ir ao encontro desse bicho tão tenebroso e desconhecido? E logo onde, atrás do cemitério?! Ave-Maria, bicho falando. Misericórdia, misericórdia, meu Deus! Mas Pontal era terra de lei e fato. Tinha gente de raça e peito. Sabe quem foi com os pescadores ver o bicho? Mãe Amada, a mãe do Pontal, parteira de muitas gerações, já aparando filhos das netas das mulheres que ela aparou. Não era à toa que sua cabeça era de Iansã (*eparrei oiá!*), filha-de-santo da finada Velha Raquel, a mais famosa ialorixá que Pontal conheceu. Geralda de Xibeque, que se manifestava com Peixe-Marinheiro, o encantado dono do mar. Tão corajosa que, estando grávida de

Olga, no dia em que deu as dores, saiu para pescar siri. Pariu sozinha e aparou a filha no jereré, em plena luz da lua cheia. Joanhina de Severo, a santa e devota beata, acostumada a jejuar, dias e dias, em penitência, quando algo de ruim acontecia na comunidade. E, em jejum ainda, ia para a *Itinga* lavar roupa de ganho, naqueles confins de mundo. Quem ignora, no Pontal, onde fica a *Itinga*? Pois donde é que vem aquela água fria, pura e santa de se beber, nos carotes de Mané Salamim? Jovanina de Roque, magrinha, de corpo murcho. Mas foi ela quem abriu a primeira vereda para o Engenho-Velho, o lavador mais distante do arraial. Costumava sair às cinco da manhã, chovesse ou fizesse sol, para chegar ao Engenho-Velho às sete. Lavava o dia todo, com uma paciência de Jó. Suas unhas de detergente deixavam a roupa tão alva que nem um coco. Depois da roupa lavada, mais duas horas a pé, com a trouxa na cabeça, de volta. E noite alta, até madrugada, no cabo do gomador. Mas nunca sentiu uma dor de cabeça. Seus olhos miúdos e apertados, denunciadores de sangue indígena, eram capazes de descobrir sinais de chuva no céu, dias antes da tempestade. Era ela o serviço de meteorologia do Pontal. Nunca falhou uma vez sequer. Era tiro e queda. Ela também era a única que sabia o segredo do fabrico das milagrosas pílulas de janaúba que curavam dor de cabeça, ventosidade, reumatismo, febre, barriga d'água, arroto choco, moléstia de fora, fraqueza, sangue novo, pleuris, congestão, ponta do ramo, cólica hepática, dores na dona do corpo, enxaqueca, resguardo quebrado de parição... Este ano, estava completando seus trinta e oito anos de lavadeira. Dona Coló do Mingau, a primeira pessoa a ter coragem de ser protestante, no Pontal. Não foi fácil. A principio, três anos sem ninguém querer conta com ela. Seus vizinhos negaram-lhe a fala e, até na quitanda, escusaram-se de lhe vender verduras. Mas Coló do Mingau era negra de peso e medida. No fim, Pontal se acostumou e ninguém mais reparava que Coló era

protestante. Apenas houve um comentário de mais de duas semanas, quando o marido dela morreu e a sepultura, além de não ter cruz, era redonda.

Todo o Marimbondo estava coalhado de gente, esperando o povo que tinha ido ver o bicho de perto. O primeiro a falar foi Popó:

— Nem queiram saber. É a **cavala!** — E depois de alguns segundos de silêncio, quebrado pelo gut-gut do trago bem largo de cachaça — Eu era menino ainda, no Sauípe, quando essa bicha apareceu. Diziam, por lá, que foi uma filha que discutiu com a mãe e disse assim (ave-maria, ave-maria, ave-maria, três vezes): “A senhora é uma cavala!” E como era sexta-feira de **coresma**, virou essa bicha que anda por aí, pelo mundo, gritando cavala-cavala-cavala-cavala...

— Vão para suas casas, fazer penitência para São Jorge nos livrar de mais esta serpente! — Aconselhou Joaninha de Severo.

E o povo se dissipou em silêncio. Às quatro horas da tarde, na casa de Dona Dedé, houve reunião para a reza do Santo Ofício de Nossa Senhora. Roque foi quem tirou o Senhor-Deus, com aquela beleza de voz de negro retinto. Muita gente até chorou. Outros censuraram a ausência de Dejanira e Catarina, que desafiavam os mistérios de Deus, indo lavar roupa num dia como aquele.

De repente, um pega-e-agarra aconteceu lá, na porta da rua, estando a casa ainda bem cheia. Era Lavina que vinha, aos vinte, contar um sonho que Albertina tivera. Era por volta das três horas. Albertina tirava umas cachimbadas, pensando na **Cavala**. Não sei se estava dormindo ou acordada. O certo é que chegou aquele bicho enorme e bem preto como a noite de escuro na Sapetinga, sacudiu as asas de morcego e assentou no telhado. Disse assim:

Cavala, cavala, cavala!  
Eu vou cavalari,  
eu vou cavalari.

Nisso, o susto, o grito; aliás, o berro: “Me acode, gente! Me acode, gente! Me acode, gente!” A porta dura de povo e a história traduzida em mil versões, até chegar à casa de Dona Dedé.

— O que será esse “eu-vou-cavalari, eu-vou-cavalari?” — Perguntaram uns aos outros.

Foi o tempo em que um menino chegou às carreiras. Notícias da Lagoa de Estácio: duas mulheres estavam lavando roupa, viram a **Cavala** e caíram pra trás, de ataque.

— Só podem ser aquelas duas teimosas: Dejanira e Catarina. É o resultado dos **que-nada**. Esse povo, assim, só vive **nadando** e consumindo os outros. — Atalhou Passinho Fiscal, que tinha permanecido calado num canto, muito aborrecido, porque interromperam seu jogo de dominó para as rezas do Santo Ofício.

As orações já tinham terminado e todo aquele povo seguiu em romaria, para a casa de Dejanira. Era no fim da Rua Primeiro de Janeiro, na última casa, bem junto do Campo do Brasil. De longe, se ouvia a gritaria dos meninos, pois Dejanira tinha filho que nem rato. Dona Eusébia, coitada, verde de susto, não sabia o que fazer. Dejanira, inconsciente, mal o coração batia. Foi Jovanina quem tomou a iniciativa:

— Me tragam um capulho de algodão já maduro e um tijolo enxuto.

Ninguém sabe se o céu se abriu e os dois objetos caíram. O certo é que eles apareceram tão rápido, quanto Jovanina pedira. Pegou o tijolo e dirigiu-se para a cozinha, que ficava nos fundos da casa. Juntou os tijões e colocou o tijolo embaixo. Do bolso da saia, retirou o cachimbo e fumo picado. Mergulhou o **Tibério** no rescaldo e puxou baforadas pa-

chorrentas, deixando a fumaça escapulir pelos beijos, em forma de vulcão. Seus olhos miúdos perderam-se ao longe, e a mente voou para o Engenho-Velho. Ainda ouvia a voz de Diulinda, debaixo do mundururu:

— Sabe, Jove... Ontem, eu estava passando roupa e bateram duas horas no sino do campo. Nisso, ouvi um tropel na rua e olhei pela greta da janela. Domingo Cão-do-Mangue estava conversando bem na broca do ouvido da jega de Esperidião: “Tu tá aí, hem, Nenem!” Ouvi com esses ouvidos que a terra há de comer. E você sabe que eu não sou de conversa. Bem que falam que ele vira bicho, mas eu nunca quis acreditar.

— Nossa Senhora! Quanta gente faz mistério de coisas tão claras como a luz da lua cheia! Este mundo esta é perdido! — Murmurou Jovanina consigo mesma.

Notando o tijolo já em brasa, puxou-o para uma telha, apanhou um litro de água no pote e caminhou de volta para a sala. Debulhou o capulho de algodão, encostou os flocos brancos no tijolo e, tão logo a fumaça subiu, passou a defumação pelo nariz de Dejanira. Aproximou a telha com o tijolo dos pés da semi-morta, borrifou com água fria. Dejanira encolheu as pernas, suspirou, abriu os olhos, balbuciando:

— Oi, meu Deus, meus filhos!

— Graças a Deus! Graças a Deus! Está salva! — Vozes disseram pela casa toda.

Sentando-se, Deija foi se recompondo até que pôde falar:

— Estava já enxaguando a roupa, torcendo as cobertas com Catarina. De repente, nas moitas, bem perto, alguma coisa se mexeu. A princípio, não demos importância. Depois, o mexe-mexe foi aumentando, até que uma voz gritou lá, de dentro do mato:

“Óia a **cavala** aí!” Nem deu tempo de correr, senti um

vexame no coração... Ainda pude ouvir a voz de Catarina: “Deixa, minha irmã, estamos comidas.”

— Isto é para vocês aprenderem. Num dia como esse, quando todo mundo está de penitência, vocês, zombando de tudo, ficam por aí, como umas hereges, lavando lodo do cu dos outros... — Criticou a velha Bárbara, o Bocage do Pontal.

O resto dos dias de lua cheia não foi mais apreciado por ninguém. Criatura alguma se aventurava a sair às ruas. Até o ***Diário da Tarde*** falou sobre o assunto. Mas foram tantas as versões, que ninguém sabia, de fato, a notícia verdadeira. Dizem que até o padre falou sobre ***cavala***, no sermão da missa do domingo.

O verão se foi. O vento sul dominou o Pontal, sua morada de inverno. Seis meses depois, quando o nordeste voltou a soprar, de vez em quando alguém ouvia a cavala cantando. E quando se falava no assunto, era comum se ouvir:

— O quê, a cavala? É um passarinho que costuma cantar nas noites de lua...

Jovanina, no entanto, sabia: **o mistério só tem força, enquanto não é explicado.**



Aflaudísia Souza e Marlene Lawinsky de Andrade  
Óleo sobre papel canson

## A mulher de sete metros

Bené vinha subindo a Rua do Sauípe. Noite sem lua, tudo escuro feito breu. De repente, um vulto se mexeu na esquina do Beco do Mijo. A princípio, parecia um cachorro se coçando. Não. Não era um cachorro... Não seriam três? Mas daquela altura? A escuridão não deixava ver direito. O cabelo arrepiou, um sobressalto na alma e o coração disparando. Bené deu meia volta, desceu a rua, entrou no Beco da Colônia e saiu na Rua da Frente. Agora sim. O vento morno que vinha da barra o reanimou. E continuou a subir a rua. Chegando à esquina do Beco do Mijo, que se abria para o mar, num convite às entidades da noite, o mesmo vulto estava lá. Agora com mais de três metros de altura. Bené, então, caiu em si: era a ***Mulher dos Sete Metros..***



Inútil gritar. Quem mais estaria acordado àquelas horas, depois de tanta carreira que a visagem tinha dado nos retardatários? Quem iria andar pelas ruas, à noite, depois que aquele casal, que estava dentro do canoão de Gaspar, viu de perto, bem de perto mesmo, aquele vulto enorme, igual ao dendezeiro da banca do peixe, ameaçando cair por cima deles? Coitados, deixaram as roupas na canoa e saíram rua a fora gritando, até caírem sem fôlego, na porta do **Cai-Nágua**, o cabaré mais feroso do Pontal. Até na estrada de Itabuna, já tinham visto aquela alma do outro mundo, que andava atormentado a todos. O Pontal parecia um cemitério. Num segundo, o vulto se agigantando, o mundo girando, o mar crescendo, o fôlego faltando, a vista escurecendo e a terra fugindo dos pés...

Eram cinco horas da manhã, quando Bené veio a si. Reconheceu sua casa e a vizinhança que o acudia. Rostos amigos o olhavam, e todos queriam saber do ocorrido. Foi Preta de Geralda a primeira a falar.

— Mas Bené, isso é coisa que se faça? Você, por aí, à solta, num tempo desse, quando todo mundo está trancado em suas casas, pedindo misericórdia? Logo você, com esses baticuns no coração... Tem cuidado com a vida, homem de Deus! Toma esse chazinho de cidreira.

Ajudado por alguns, Bené bebeu o remédio e sentiu-se reconfortado pelo chá e, principalmente, pela ajuda de seu povo.

— Ai, Dona Preta! Com esse vexame, que anda me dando, se Nilo não me encontrasse, a essa hora, eu já estava na cidade de pés juntos. Mas boto a mão pro céu, por morar num terra como essa. Vocês nem imaginam: dei de cara com a MULHER. Sim, senhor... com a **Mulher de Sete Metros..**

Quando Bené acabou de contar, a casa que estava coalhada de gente foi esvaziando pouco a pouco. E todo Pontal, antes tão pacato, agora formigava.

Rosa de Roseno, vendedora de mingau no Porto das Lanchas, foi a primeira a arrecadar as notícias:

— Sabe o que aconteceu com Bené, essa noite?... — Perguntava ela a quem subisse ou descesse a rua, pois todos tinham de passar no ponto do mingau, e era ela, Rosa de Roseno, o ponto mais certo das novidades, o diário falado, que não faltava com as notícias mais novas, em cima da hora.

Eram quase seis horas, quando os pescadores saíram do ponto do mingau. Rosa ainda se lembrou e gritou:

— Como é? Quem vai ficar responsável pelo dinheiro?

— Que dinheiro?! — Gritaram.

— O dinheiro do rosário que a gente vai mandar Maria Fon-fon rezar, para ver se nos livra dessa assombração.

— Não se preocupe, pode fazer a encomenda! — Compromisso de Artur do Calão, cuja palavra valia mais que os peixes no mar.

Apenas Marechal Hermes permaneceu sentado na murada do cais, perto de Rosa, mamanhando um copo de mingau.

— Oh, Marechal! Você está aí? Nem tinha visto você ainda. Quer um mingauzinho? — Rosa disse.

— Não; não tou aqui, não. E a minha visagem. Se vou querer? Ainda pergunta?...

— Marechal, me diz uma coisa, tu que não tem hora certa de dormir, já viste, alguma vez, sinal dessa assombração?

— De quem? Da *Mulher de sete metros*? Se ela me aparecer algum dia, vou me enxodosar com ela.

Foi mesmo que fazer cócegas em Rosa. Sua gargalhada inconfundível se espalhou por baixo do tamarineiro.

Depois de beber o mingau, Marechal começou a cantar. Lembranças ainda do tempo em que era dono do terno de rei.

Subi ao céu em um foguete,  
me preste bem atenção,  
desci num pingo de chuva,  
com dois planetas na mão.

O meu boi morreu  
lá na charqueada,  
mataram meu boi  
e não me deram nada.

Os meninos carregadores do cais chegavam e iam respondendo, em coro, às trovas que Marechal tirava. E ele se via engalanado, na glória das cores, conduzindo seu terno de rei pelas ruas do Pontal. Naquele tempo, ele ainda era casado com Quésia. Depois da surra de corrente foi que houve a separação. Pois bem; era Quésia quem o ajudava a vestir a **Turibibita** e a enfeitar **Janeiro**. Sempre era Pato-Ói-Água ou Carrapatinho, por serem pequenos, que dançavam embaixo da carcaça do boi **Janeiro**. E o terno de rei de Seu Hermes ia pelas ruas a fora, com um cortejo sem fim dos moradores do Pontal. O primeiro lugar onde paravam era na porta da Igreja, para louvar ao glorioso São João. Depois, de casa em casa, atendendo aos convites feitos previamente. Em toda casa que chegavam, cantavam, dançavam, matavam o boi, dividiam os pedaços:

A tripa mais grossa  
é do povo da roça.

A tripa mais fina  
é dessas meninas.

O peso do coxão  
é do Senhor Capitão.

Na hora da despedida, **Janeiro** ressuscitava sob os cânticos, aplausos e vivas:

Oh, valha-me Deus,  
Nossa Senhora ,  
no meio da rua,  
Janeiro morreu.

Boi iaiá, boi que dá,  
Levanta, Janeiro,  
vamos vadiar.

Seu Pequeno, o cunhado de Hermes, enorme, com quase dois metros, entrava sob a **Turibibita**, dava um tapa na testa de **Janeiro** que ressurgia dos mortos, investindo contra a multidão delirante de alegria. De longe, se via o terno-de-rei pelas luzes vermelhas das lanternas de papel em forma estrela. E acima das lanternas, a **Turibibita** dominava os horizontes. Era uma boneca de pano, vestida de baiana, presa a ponta de um mastro fino, com as mãos nos quadris. E Seu Pequeno erguia o mastro acima da cabeça, cobrindo o corpo com a saia do espantalho...

O sonho de Marechal, porém, logo se dissipava, pois os moleques tinham de voltar para o porto, onde ganhavam o almoço do dia. Sentava-se então na murada do cais e passava o dia todo, olhando as verdes ondas que vinham da barra morrer nas praias do Pontal. No balanço das ondas, Marechal cochilava horas a frio. Quando parou de cantar, ainda teve tempo de ver seu Ataíde, o delegado, conversando com Rosa. Não pôde, contudo, perceber coisa alguma. O delegado já estava se despedindo.

— Rosalina, indagou Marechal, o que era que seu Ataíde estava dizendo?

— Ele disse que está tomando providências para pren-

der a visagem da ***Mulher de Sete Metros***

Todos que estavam por perto explodiram numa violenta gargalhada. Só Marechal não gostou, pois com visagem não se brinca... E ficou resmungando, olhando o mar que travava violenta e eterna luta com os rochedos do Morro de Pernambuco.

Quando seu Ataíde saiu do Ponto do Mingau, já começava a pôr em prática o plano. Há um mês na labuta dos pensamentos indo e vindo. Já conseguira uma boa equipe de voluntários. A principio não foi fácil. Afinal, quem gostaria de se meter com esse negócio de assombração? Cinco homens apenas: Sete-Diabo que, tantas vezes preso, terminou amigo íntimo do delegado; Birra-Birra, que só era gente entre uma lua e outra, enquanto não estava acometido de crises de loucuras; Cuspido, que nunca tivera pai nem mãe e fora criado ninguém sabe como, nem por quem; Diabo-na-Rua, que era possuído por um espírito mau, tão terrível, que chegou, uma vez, a comer veneno de rato, para ganhar cinco mil réis. Foi na bodega de seu Pedro Dobre. O homem não teve uma dor de barriga sequer! Quatro. Com ele, Seu Ataíde, cinco. E a visagem que se segurasse. Agora faltava a isca. Tinha de ser uma mulher. Era bem capaz de a assombração ser um tarado, disfarçado. Esse povo daqui não é mole... Mas onde encontrar mulher de coragem, capaz de se expor tanto assim? Bateu, em vão, em várias portas, até que se lembrou de Elisa.

Curtida nas cozinhas dos outros, lavando ladrilhos às cinco horas da manhã, ganhando migalhas de comida, sem parente nem aderente. Elisa estava no fundo do quintal, quando ouviu o ô-de-casa de uma voz conhecida, mas não se lembrava de quem.

— Seu Ataíde! O senhor por aqui?! Mas é uma honra demais para mim... Entre, entre. Tome assento. Não repare a casa, o senhor sabe, casa de pobre...

— Não é isso que eu vim reparar, Elisa. Estou precisando de você. Armei uma turma de corajosos e estou querendo tocaiar esta tal *Mulher de Sete Metros*

— Mas como é que vou ajudar o senhor pegar uma assombração? Ave-maria! Te esconjuro, coisa ruim! Vôte!

— Simples. Você vai ser a isca...

Elisa parou, coçou a cabeça, fixou os olhos em Seu Ataíde e mordeu a isca também:

— E quem vai me garantir minha vida? A troco de quê?

— Cinqüenta mil réis e cinco homens decididos a tudo: Diabo-na-Rua, Sete-Diabo, Birra-Birra, Cuspido e eu.

— Vixe, Nossa Senhora! Tá danado mesmo... Pode contar comigo. Tou aqui pro que der e vier...

— Tome logo, aqui, um adiantamento de trinta e, às nove da noite, se dirija para a Rua do Anjo. Lá vai ser bom lugar. Tudo cheio de árvore, ponto ideal pra tocaia. Não tenha medo. Se ouvir pisadas, somos nós lhe guardando. Outra coisa: segredo é a alma do negócio. Olho viu, boca piu...

Os trinta mil réis abriram a boca e a alma de Elisa, que se desfez em risos de alegria. Com Diabo-na-Rua guardando, quem iria temer fantasmas?

— Pois tá certo. Tou lá na hora marcada. Pode me aguardar.

A noite chegou antes do tempo, porque o oeste estava coberto de nuvens pesadas. Ameaçava chuva e as casas se fecharam mais cedo, ainda. Elisa tomou café com pão-de-cruzado, pôs as crianças para dormir e cochilou um pouco. Quando o sino do campo bateu um quarto para as nove, embrulhou-se numa toalha de saco, abriu a porta, olhou para um lado e outro, forçou a fechadura que não queria trancar e saiu. Desceu a Rua do Bonfim, saiu na Rua Nova e dirigiu-se para a Praça da Igreja. A quietude da noite era quebrada por latidos de cães vadios, o canto de grilos perdidos e miados de gatos no cio. A princípio, Elisa perscrutou o horizon-

tes, mas não ouvia sinal de pessoa alguma. E se Seu Ataíde não cumprir com o trato?... A lembrança dos vinte mil réis reavivou sua coragem. Foi debaixo dessa gameleira que aquele infeliz me prometeu o mundo e o fundo. Nunca pensei de, um dia, olhar essa praça enorme, tão sozinha, como hoje, arriscando minha vida, para dar de-comer a meus filhos. Ah, João sem dó nem piedade... Por causa dele fui abandonada por meus parentes e perdi a graça de todos. Ser amante de homem casado!... Também, quem iria escapar daquelas promessas de casa alugada e mobiliada, sair do pé do fogão dos outros? E depois, o que restou de tanta promessa? Um filho nos braços e outro no bucho e João se mudou com a família, para Salvador e... Elisa ia entrando na Rua do Anjo. Alguma coisa se mexendo embaixo do oitizeiro interrompeu suas lembranças. Estacou na ponta da rua, olhou o mundo, suspirou profundamente e se entregou ao que desse e viesse: dirigiu-se para o vulto que começava a crescer...

Devagarinho, devagarinho, em absoluto silêncio, o vulto crescia, tomando a forma de uma mulher. Elisa, firme, arregalou bem os olhos e viu a **Mulher de Sete Metros** cara a cara. O cabelo eriçou e todo seu corpo latejava de medo. A visagem, num rodeirão enorme de saia, balançava-se no ar e sacudia os ombros numa ameaça apavorante.

Elisa escancarou a boca, deu um urro, mas a voz negou-se a sair. Apenas balbuciou um **me-acode-seu-ataíde...** Num passe de mágica, parecendo outra visão, Seu Ataíde surgiu ao lado de Elisa. Ele e sua equipe de mata-visagem, todos eles com um porrete na mão. O mais afoito, Diabo-na-Rua, investiu logo contra a assombração e mandou-lhe o porrete, que rodopiou no ar, atingindo a **Mulher de Sete Metros** bem na barriga. Os outros caíram em cima, rodopiando seus porretes também. Então aconteceu o desencanto. Jogando para o ar a armação da **Turibibita**, Marechal, todo engalanado de tampinhas de garrafa e tiras de papel laminado, pulou

para um lado e gritou:

— E agora?!

— Mas Marechal!... O senhor assombrando o povo?! O que faltou para nós lhe matarmos agorinha mesmo? — Seu Ataíde não podia conter suas próprias risadas.

Os demais componentes da patrulha jaziam no chão, roxos de gargalhar. Casas começaram a abrir as janelas. Afinal todos queriam saber de Seu Ataíde, como adivinhara as loucuras de Marechal. Foi aí que ele revelou:

— Marechal não é um chefe em caso de guerra? Pois bem: ele abriu guerra contra nós, porque sempre achamos que ele era doido e por doido era tratado. Afinal, minha gente, **para se ver o todo, completinho, é preciso assuntar a doídice também.**





**Maricélia Costa Batista de Moraes**

Resina derretida sobre papel paraná

## A nadadora encantada

De p, na garupa da Lambreta, apoiando as mãos nos ombros de Aristeu, Lurdes Nadadeira disfrutava a glória do mundo, desfilando por todas as ruas do centro do Pontal. Ela era o marco do início de um novo tempo. Enfim, uma mulher se destacava. E que destaque: nadar sozinha, da Pedra de Ilhéus até a Avenida Soares Lopes. Isso, dito assim, até parece uma bobagem. Mas qual nada: veja l que homem, mesmo nos dias de hoje, fará coisa semelhante. Mas ali estava ela: Lurdes Nadadeira, a gloriosa, a destemida, a valente, a vencedora. E a buzina da Lambreta forçava a atenção dos distraídos. Gente acenando, outros gritando, mais outros olhando. A meninada gritava e corria atrás da Lambreta. Os cachorros latiam, espantados com o alarido.

Como sempre, foi na Praça da Igreja onde tudo culminou. A banda tocava, os foguetes espoucavam, os cachorros latiam e o povo ovacionava. Enfim: a glória! Quem diria: uma moça nadadeira?! E nadar aquela distância toda... Gente, olha, fim de mundo. É por isso que anda aparecendo tanta coisa, tanta visagem nesta terra. Não vê esse vulto que, de um ano pra cá, tem atormentado tanta gente? Essa tal nadadora encantada não tem sido brincadeira. É gente esbaforida, é gente dando ataque... Até homens de peso e medida tremeram de receio (pois não vai se dizer que homem tem medo), diante de tanta estripulia que a visagem vem fazendo.

Dizem que o primeiro a sair com essa notícia foi Zininho. Ele estava pescando siri na Pedra da Sereia, quando uma moça surgiu perto dele. Ele pigarreou: Hum-hum! A moça pigarreou também. Gente, um escândalo: a moça trajava um vestido verde-água, colado ao corpo. Os cabelos longos, soltos e esvoaçados pelo vento que vinha do mar. Fumava um cigarro e soprava fartas baforadas. Zininho até chegou a se esquecer dos siris e começou a pensar no que não devia, admirando a moça. De repente, ela passou por ele, como se ele não existisse e dirigiu-se para a água.

A lua cheia era um esparrame só. As ondas se debruçavam umas sobre as outras e vinham se espreguiçar na praia. A maresia corria solta, assanhando as moitas de garu. Os grauçás brincavam de gato-e-rato, traçando caminhos-semfim na areia molhada. A moça estranha, de andar bamboleante, entrou na água. E Zininho era o único humano, senhor absoluto da magia daquele instante, do encanto daquele lugar, do arrebatamento daquela cena. Mas de repente, as coisas começaram a não fazer sentido. Uma moça, sozinha, por aquelas bandas? Àquela hora? Num traje tão diferente? Entrando na água toda bem vestida daquele modo?

A moça começou a nadar. Parecia um peixe, pra lá e pra

cá... Esquisito: não tirava o cigarro da boca. De repente, a moça mergulhou, com cigarro e tudo. Boiou lá adiante e o cigarro continuava aceso, na boca. Peraí! Assim também já é demais... Zininho apurou as vistas. A lua, de propósito, lançou seu holofote bem em cima da moça, que agora nadava bem defronte a ele. E aí, seu moço, é que ela danou a mergulhar. Sumia na água e tornava a voltar. E o cigarro bem aceso na boca.

Um arrepio caminhou pelo espinhaço, o coração acelerou e o fôlego quis faltar. Zininho juntou o resto de forças e disparou numa carreira só. Lá ficou a pescaria: lata, isca, siripóia, siris, tudo... Mas na manhã seguinte, ele se fartou. Na roda de gente, embaixo do tamarineiro, aquele que ficava bem perto do Porto das Lanchas, Zininho narrava, arre-medava, imitava, mudava de voz, fazia o que fosse necessário, na tentativa de dar vida ao fato que quase o tinha matado de medo.

Bem... É claro que nem todo mundo acreditou. Teve gente quem nem teve cerimônia e disse, mesmo, na presença de Zininho: “Essa é boa! Cigarro aceso debaixo d’água... História de pescador, gente!” Ah, Zininho pisou nos tomates, rodou a baiana, soltou a franga e baixou a pomba... Mas deixemos isso pra lá, que o negócio não termina aí.

Poucos dias depois, Manezinho Pizeta, aquele senhor sisudo, sério e de poucas falas, cabeleira branca, bigode farto, foi jogar na maré um resto de carne já sentida, pois estava comprometendo o nome de seu armazém. Regaçou a calça, abriu o saco e foi jogando os pedaços de carne nas águas. Nisso, um vulto passou por ele. A lua ainda não tinha saído, mas o brilho das luzes de Ilhéus, refletido nas águas mansas, deixou ver muito bem aquele negócio tão estranho. Era uma moça, vestido verde colado ao corpo, cabelos soltos, fumando um cigarro. Caminhou para o mar e entrou nas águas. E já foi logo nadando pra lá e pra cá, bem defronte ao lugar

onde Manezinho estava. Aí, a moça mergulhou com cigarro e tudo. No mesmo instante, ela voltou à tona com o cigarro aceso na boca. Claro que Manezinho já tinha ouvido falar sobre aquela história. Mas acontecer justamente com ele? Com setenta anos bem vividos nas costas, acostumado às insolências da vida, um fio de seu bigode valia um documento escrito. Aquilo que era homem de respeito. Pois é... Ele apurou as vistas e testemunhou várias vezes: a nadadora mergulhava e voltava com o cigarro aceso na boca.

Tudo tem a primeira vez na vida. E Manezinho se viu tomado por um sentimento de pavor. O cabelo arrepiou, uma sensação estranha, um baque no coração. Ele não sabe dizer se correu, mas o certo é que deu por si, na porta da venda. Na manhã do outro dia, a venda de Manezinho ficou lotada de gente, para ouvir a história. E dessa vez, era diferente: palavra de Manezinho Pizeta não deixava dúvida.

Depois disso, muita gente, mas muita gente mesmo, viu a nadadora encantada. Sempre trajava o mesmo vestido, cabelos soltos, fumando um cigarro que continuava aceso na boca da moça, mesmo depois de sucessivos mergulhos. Gente, nesse mato corre um bicho: nenhuma mulher viu a nadadora, ela só aparecia para os homens... Pois é: o povo não vive agora cheio de modas? É o que se vê por aí: mulher fumando, com roupas que mais mostram do que vestem o corpo. Já tem até mulher sendo nadadeira, desfilando na garupa de Lambreta, para ser aplaudida pelos machos. Fim de mundo, minha gente... Reparem: depois que surgiu essa moda de mulher nadando na Pedra de Ilhéus, a tal visagem começou a aparecer na praia. Antes, não se ouvia falar dessas coisas. Até visagem, agora, meu Deus, aparece fumando.

Mas tinha gente que nem estava aí, nem vinha chegando, para esse negócio de visagem aparecendo. Mesmo, o mais importante estava ali: uma mulher de carne e osso, bonita, preparada, vencedora das ondas, campeã das campeãs. Era o

Pontal saindo do ostracismo. Aquele povo do centro da cidade, metido a besta, que apenas se aproveitava do Pontal nos dias de verão, agora ia engolir essa. Os que falavam mal da gente iam meter a língua onde termina o espinhaço.

A Lambreta parou diante do palanque, onde as autoridades estavam à espera. Bombas e foguetes davam um toque romano ao acontecimento. A banda de música saudou Lurdes Nadadeira com um dobrado de arrepiar, enquanto ela subia as escadas para o palanque. Bibita Costureira tinha feito um manto todo bordado em lantejoulas e paetês, circulado de arminho, cordão dourado para amarrá-lo ao pescoço. Lurdes acenou para o povo, soltou vários beijos e a multidão explodiu em gritos. Depois, pediram silêncio, para Adelino Costa ler o discurso, representando o prefeito. A mulher de Capitão Geraldo entregou um ramalhete de rosas vermelhas, em nome do povo do Pontal, que tanto admirava sua nadadeira. Depois, Lurdes anunciou que queria dizer umas palavrinhas.

Ah, quem vai esquecer aquele dia? A moça falou bonito. Agradeceu a todo mundo, distribuiu mil beijos e ofereceu o bolo que tinham lhe dado às crianças que estavam ali. Mas antes de repartir o bolo, Lurdes falou:

— Tem muita gente ignorando e até mesmo me perguntando por que é que eu não quis que me chamassem de nadadora e sim, de nadadeira. Pois eu explico. Quando começou a aparecer essa tal visagem tão falada, que anda por aí, assombrando o povo, todo mundo começou a chamar de Moça Nadadora, nadadora, nadadora... E por nadadora ficou. E além de tudo, encantada. Então, quando eu comecei a me destacar, começaram a me chamar de nadadora também. E para evitar que me tratem como uma visagem, eu não quero ser **A Moça Nadadora**, eu quero ser Lurdes Nadadeira. Eu não sou uma visagem; sou uma moça de carne e osso e é justamente por isso que sou uma vitoriosa. Portanto, meu povo, esqueçam a Moça Nadadora e guardem, no coração,

Lurdes Nadadeira, a campeã de vocês!

O mundo veio abaixo. Aplausos, gritos, palmas, vivas, dobrados, fogos, tudo isso compôs a orquestração do triunfo. A festa acabou já bem tarde, às sete horas da noite, depois de um dia cheio de alegria. Lurdes estava exausta. E ainda tinha de enfrentar a casa cheia de visitas, parentes, vizinhos e amigos. Fora os conhecidos, cujo número ninguém ousaria contar, pois Lurdes conhecia deus-e-o-mundo.

Mas você sabe como é: depois de um certo tempo, o povo se esquece do que aconteceu, por mais importância que tenha dado antes. Pois é. Agora, só se falava na nadadeira. E quando alguma criança errava, chamando Lurdes de nadadora, os adultos logo faziam a correção:

— Menino, eu já lhe reclamei! Não é Lurdes Nadadora; é Na-da-dei-ra! Nadadora é a visagem. E Lurdes não gosta que chamem ela assim...

Lurdes recebeu muitas homenagens, vários prêmios, reportagem no rádio, retrato no jornal, tudo a que ela tinha direito. Mas ela terminou indo para Salvador, a fim de continuar a carreira e deixou a casa, onde ela morava, trancada, com tudo dentro e a chave na mão de Dona Nuna, a vizinha. Por lá ficou e nem sequer mandava notícias. O tempo foi passando, o povo foi se acostumando com a ausência de Lurdes e quase ninguém comentava mais nada sobre ela.

Seis meses depois que Lurdes tinha ido embora, uma tempestade desabou sobre o Pontal. Choveu sem parar, durante três dias e três noites. A ventania derrubou casebres, árvores, postes, destelhou casas. Foi um transtorno para todo mundo. A casa de Lurdes Nadadeira ficou alagada, deixando Dona Nuna agoniada. Tanta responsabilidade em tomar conta da chave da casa de uma pessoa famosa. Não queria tomar a liberdade de abrir a casa na ausência de Lurdes. Mas do jeito que as coisas estavam, com toda a rua alagada, na casa de Lurdes deveria ter acontecido um transtorno. Teve até

gente que se mudou, até acabar o alagamento da rua. Sabe como é: a prefeitura nunca toma providências e os moradores que se lixem. Mesmo assim, Dona Nuna não quis entrar lá, sozinha, e ficou esperando alguém aparecer para ela pedir o favor. Sabe quem foi aparecer? Zininho. Dona Nuna expôs a situação e Zininho não se fez de rogado. E lá se foi ele acompanhando Dona Nuna, para zelar das coisas de Lurdes Nadadeira. Claro que Dona Nuna pediu segredo, a fim de evitar o disse-me-disse, os perguntadores que de tudo queriam saber, eternos vigias da vida alheia.

Quando entraram na casa de Lurdes Nadadeira, o cenário fazia dó. Tudo estava molhado: papéis, poltronas, sofá, almofadas, cama, colchão, travesseiros, guarda-roupa, armário, gavetas... Olhe, senhor, uma tragédia! Dona Nuna comentou:

— Olhe, Zininho, isso é tarefa para se fazer em dias seguidos. Esperar o tempo melhorar, botar tudo pra fora, estender as coisas ao sol, lavar a casa, lavar a roupa melada de lama, limpar os móveis... Você aceita me ajudar nisso? Você faz a parte de homem e eu faço a parte de mulher.

— Ajudo sim, Dona Nuna. Mesmo, Lurdes merece. Ela botou o nome do Pontal para cima. Dizem até que a Nadadora se sumiu, porque a Nadadeira quebrou o encanto dela.

Dona Nuna quis saber:

— Sabe Zininho, foi verdade que você deu de cara com a Moça Nadadora? Aquele falatório todo do povo foi verdade?

— Foi, sim Dona Nuna. Eu vi. Vou contar como foi...

E Zininho contou tudo pá-pá por santa justa. Dona Nuna ouviu tudo em silêncio. Depois, apenas murmurou, quando Zininho terminou:

— Meu Deus! Olhe que, nesse mundo, acontece cada coisa...

Nisso, os dois notaram uma maleta meio saída de debaixo da cama, inchada de água. Nem estava trancada. Dona

Nuna achou por bem verificar o conteúdo. Podia ser que coisas de valor, documentos, papéis, tecidos ficassem comprometidos, se não fossem logo salvos. Combinaram e abriram a mala.

Hum! Ai, ai... Lá dentro havia três objetos curiosos: um vestido verde-água, tipo tubinho, enfeitado de vidrilhos e lantejoulas; uma peruca de cabelos lisos e compridos e um outro objeto mais curioso ainda. Era um frasco de uns quinze centímetros de altura por uns dez de largura. Dentro havia alguns pedaços de cigarro queimado, mais uns cinco ainda inteiros e um isqueiro...

— Dona Nuuuna!...

— Ziiiiinho!...

— E a gente aqui... Meu Deus!

— Oha, vamos sair daqui, fechar essa casa e não vimos nada, não sabemos de nada. Não quero meu nome envolvido nessas coisas.

— A senhora está certa. Quá-quá-quá-quá-quá-quá-quá!!!

Zininho se dobrou no meio, dominado pela gargalhada. Dona Nuna também sorriu, mas não gargalhou. Passada a crise, os dois saíram, fecharam a casa e se despediram. Dona Nuna agradeceu a prestatividade de Zininho e sentenciou:

— Olhe lá! O que o olho viu, boca piu... E mesmo, de que adianta remexer certas coisa? Coisas da mocidade, Zininho... Mas nade ou não nade, a mocidade passa e a fama também, pois **a glória do mundo é sempre passageira.**



# Terceiro Odu: Sonhos de arrastão

“A gente nunca aprende a lidar com os outros, tudo é imprevisível,  
as pessoas têm motivos que não se compreendem.”

*Antônio Olinto*

Os sonhos mais complicados ocorrem na vigília. Infindáveis e abstratos, duram a vida toda. Por isso mesmo, os velhos ainda sonham. E nos sonhos, a vontade de ver de novo, ter outra vez, voltar ao tempo ido. A sintaxe do tempo que tece as fábulas é, porém, inusitada, os velhos sabem. Nela, os circunstantes são o essencial.

De dentro da história, os velhos narram, vendo, ouvindo, padecendo também. Às vezes, reinventam o processo e as fábulas surgem com o homem-bicho no lugar do bicho-homem. A moral da história, então, será o inverso do esperado. Não é assim, porém, na vida de todo mundo, de todo dia?

Urge fabular. A noite caminha pé ante pé, e os sonhos se arrastam centopéicos, de tantas inferências no acontecer. Coisas miúdas precisam ser ditas, para não embolar a história mais tarde, os velhos sabem. Se o narrador bíblico tivesse explicitado com que espécie de barro foi o homem feito, não haveria tantas dúvidas a respeito de onde viemos. Por isso, uma simples frase de alguém que atravessa ligeiro o acontecível pode ser a chave para muitos desvendares. E nisso, o arrastar lento e pesado das fábulas do homem-bicho, concretizando o etéreo.

O terceiro velho começa a falar. É ele quem sabe das fábulas, justamente o que mais gosta de arroteios. No piscar das estrelas, no espichar das ondas sobre areia, busca o velho cordéis de memória para amarrar: um sapateiro, um médico, um bancário e um mestre de obras. Ingrato ofício, o de não esquecer, principalmente de gente. Um rosto visto apenas num relance, um nome ouvido simplesmente por acaso, urna voz gravada na lembrança podem ser pedra-de-rumo para toda a existência.

A vida é um fabulário, o velho sabe, em que os bichos falantes ensaiam a moral idealizada pelos seres calados, necessitados de fazer nos homens a existência deles. E o sentimento costuma estar no ato escondido, na palavra omitida, que contam outra verdade. Quem sabe muito bem disso é quem pode virar lobo, sem deixar de ser humano; quem conhece o segredo da cura; quem pode sentar-se à mesa, com o Divino e aquele cujo sonho conduz ao conhecimento de si próprio.



**Wilma dos Anjos Brandão**

Lápis de cor e lápis cera sobre papel sulfite

## O caso do lobisOMEM

Desde que João Morgão chegara de Sergipe e abrira uma tenda de sapateiro, Pedro Ioiô andava furioso da vida. Sua clientela diminuía consideravelmente, pois o sergipano tinha uns dedos de fada. Fazia gosto de ver o seu serviço. Não demorou muito, no entanto, para que a Rua Primeiro de Janeiro começasse a desconfiar. Aquele João Morgão escondia alguma coisa esquisita. Uma cor pálida, um rosto redondo de barba rala, sempre sozinho, numa casa grande, onde jamais pessoa alguma penetrava. Na sala da frente, a **tenda** de sapateiro, museu desarrumado, cheirando a couro e a sola.

Na quaresma seguinte, o povo teve a certeza. Era muito coincidência. Aquele pedaço de mundo pacato, de repente, estremeceu: tinha aparecido um lobisomem na noite de treze de março. Quem sabia de tudo era Argemiro. Perto da casa de João Morgão, havia um enorme pé de castanha-do-pará em frente a um terreno baldio, repleto de cascos de siri e caranguejo, descartados pelos moradores. Argemiro voltava de uma caminhada noturna e viu um bicho no casqueiro. Imaginando que se tratasse do bezerro de Dona Idalina, Argemiro resolveu fazer urna brincadeira. Pé ante pé, aproximou-se e deu um esticão de orelha de *Mimosa*. O bicho virou a cabeça para trás, arreganhou a boca cheia de presas daquele tamanho, numa cara de monstro assassino. Argemiro deu um urro e saiu em desabalada carreira. Nem esperou que abrissem a porta. No açoite em que vinha, entrou com porta e tudo e foi cair sem fala, no meio da sala. Quando amanheceu, a rua fervilhava com a novidade. Daí em diante, ao pôr do sol, todo mundo já se recolhia nos seus esconderijos. Aquele pedaço do Pontal se transformou num verdadeiro deserto.

Correu o boato de que o bicho andava rondando a casa de Ageu, um homem misterioso também, de fala fina e gestos efeminados. Aliás, Ageu vivia no ostracismo. Os moradores da Primeiro de Janeiro proibiram até as crianças de passarem pelo passeio da casa de Ageu. Homem com jeito de mulher? Fim de mundo, minha gente!

Os homens resolveram tomar uma atitude corajosa. A reunião aconteceu sob a castanheira, no ponto do dominó. E Pedro Ioiô abriu o congresso:

— Desse jeito não pode continuar. Esta rua já foi um paraíso. E agora, o que se vê? Lobisomem dando carreira em gente, as mulheres morrendo de medo, os meninos ameaçados. E ainda, no meio de gente de família, morando um safado como Ageu. Já pensou: os rapazinhos vendo aquilo?

Miliano ponderou:

— Ageu até que não incomoda. É um sujeito esquisito, não resta dúvida. Mas vive lá seu trancado e, quando muito, abre apenas uma banda da janela. Ninguém vê a cara dele na rua. Quem sabe se o lobisomem está querendo dar fim nele?

— Há mal que vem pra bem. — Malaquias entrou na conversa — A gente dá um tempo e o lobisomem mata Ageu...

— Boa idéia, compadre. — Pedro apoiava.

— E o que fazer com o lobisomem? — Perguntaram.

— É... Vai ser o diabo...

— Compadre Pedro, todo mundo desconfia de João Morgão. Dizem que é ele quem vira lobisomem, mas a gente não tem certeza. É possível que não seja. Não seria bom chamar Padre Bernardo?

— Lá, no Boquim, — atalhou Malaquias — correu muita assombração: mula-de-padre, bruxa, lobisomem... E todo mundo sabia: o encanto só podia ser quebrado com sangue.

— Tenho certeza que é João Morgão, aquele safado. — Pedro Ioiô afirmava muito sério. — Além de vir tirar meu ganha-pão, ainda assombra o povo. Se alguém me garantir cobertura ou costa-quente, acabo com isso a bala. Espero a hora do encanto: atiro no bicho; não atiro no homem...

— E como é que a gente vai fazer? — perguntaram.

— Faz assim — completou Pedro — a gente deixa como está, até o bicho dar fim em Ageu. Arma-se uma tocaia e, quando ele acabar com aquele traste, a gente cai em cima do bicho. De remo, espingarda, trabuco, repetição, o diabo a capote. E só ter coragem. O que é do homem o bicho não come. Ou será que o mal de Ageu está pegando em todo mundo?

Alguns não gostaram da brincadeira de Pedro, mas chegaram à conclusão de que ele estava certo. Que pensariam de seus homens as mulheres recolhidas ao interior das casas?

E as crianças que precisavam de exemplo? E os rapazolas vendo o safado do Ageu? Não. Família tem que ser zelada ou então tudo se acaba.

Combinada a estratégia, a roda se dissolveu. No pacto firmado, os homens fingiam ignorar o fato. Aproveitando-se disso, o lobisomem fez a festa. Qualquer pessoa que ousasse passar fora de hora, pela rua Primeiro de Janeiro, ouvia urros pavorosos e, se teimasse, levava carreira na certa. A coisa foi tanta que até os animais passaram a sofrer as consequências. As galinhas de Dona Alzira, numa só noite, foram dizimadas. O gato angorá de Dona Florzina desapareceu e, um dia depois, acharam somente a cabeça sob a castanheira. Cachorro, o bicho mais detestado por lobisomem, não escapava um.

Certa noite, Manezinho Guarda precisou ir buscar a parteira às duas da madrugada. Enquanto o cão esfregou o olho, ele já voltava com Dona Daluz. Vinham da Rua Sete de Setembro e, muito receosos, entraram na Primeiro de Janeiro, território do lobisomem. De longe, Dona Daluz viu alguma coisa atravessar a rua em direção à casa de Ageu.

— Coitado de Ageu, compadre Manezinho! Valei-me a Virgem da Conceição!

— Pior, se ele nos descobrir. Na aflição de Anália, esqueci até meu facão. E Anália, meu Deus, com aquele parto difícil... Não podemos nos demorar. Voltar por outro caminho vai demorar um tempão.

Ficaram na esquina, até que Dona Daluz resolveu:

— Vamos nos esconder atrás da carroça de Rouxinol, compadre.

— Comadre Daluz! Deus da divina misericórdia! Veja que bicho enorme... E todo preto...

— Parece metade bezerro e metade cachorro.

— Olhe lá, olhe lá! Está indo em direção da casa de Ageu! O bicho armou o pulo de cima do passeio, varou o es-

paço e invadiu a casa de Ageu pela janela. Manezinho e Daluz aproveitaram e, num fôlego só, percorreram a rua e chegaram a casa.

Quando amanheceu o dia, duas notícias corriam de boca em boca: Dona Anália dera a luz a três meninos e o lobisomem invadira a casa de Ageu. Todos queriam saber se Ageu tinha sido comido, mas ninguém tinha coragem para ir conversar com um homem daquela espécie. Elizabete, no entanto, se dispôs. Também ela levava uma vida muito falada: mulher solteira, sem nenhuma responsabilidade, freqüentadora da zona do cais. Pois bem; Elizabete entrou na casa de Ageu e conversou com ele:

— Como foi isso, Ageu? Eu soube que o lobisomem quis te matar?

— E você não soube, Betinha? Eu não estava em casa. Foi a minha felicidade. Tinha ido ver um compadre que está passando mal na Sapetinga e só voltei de manhã. Encontrei a janela escancarada, a mesa do centro virada e o caqueiro mais bonito todo quebrado.

— Cuidado, Ageu! Isso pode ser muito perigoso...

— Que posso eu fazer? Aqui todo mundo me detesta. O jeito é eu me defender como puder...

— Cuidado na vida, Ageu! Com lobisomem não se brinca...

— Ando morrendo de medo, mulher!

Elizabete voltou e trouxe a notícia. Até no peitoril da janela havia pêlo do bicho. Ageu, porém, estava são e salvo.

Pedro Ioiô sabia: lobisomem corre três noites seguidas. Chegara o momento da tocaia. Miliano e Malaquias toparam a empreitada. Na noite seguinte, logo cedo, ficaram de vigia, para ver se Ageu se ausentava. Através das frestas da janela, viam-se os raios avermelhados da luz de fifó. Ele dormiria em casa, com certeza. Pedro Repetição, Malaquias Barra de Ferro e Miliano Porrete. Às onze da noite, esconderam-se

entre as boninas, no terreno baldio, em frente à casa de Ageu.

— Primeiro, vamos esperar o bicho entrar...

— ...e quando estiver ouvindo os gritos, a gente aproveita e invade a casa...

— ...e mata o bicho na hora.

— Adeus, Ageu! O bicho comeu!

— Adeus, lobisomem! Nesta terra tem homem!

— Adeus, João Morgão! Dois sapateiros, não!

Foi depois da meia noite. A porta da sapataria **Fulô de Ingá** se abriu e o vulto de um bicho monstruoso apareceu de repente: era o lobisomem. Percorreu a rua pra lá e pra cá e depois estacou sob a castanheira.

Dentro do mato, mal se ouvia a respiração dos três destemidos. A repetição, a barra de ferro, o porrete. O cochicho se misturava ao perfume exalado pelas flores da bonina:

— E se aquele bicho for encantado mesmo?

— Encantado nada, senhor!

— Coitado de Ageu... Dentro de casa, à mercê de um bicho das trevas como aquele...

— Também quem mandou aquele miserável andar com jeito de mulher? Cara de santa-puta...

— O mundo foi sempre assim: ou homem, ou mulher. O que passar disso é coisa do Tinhoso.

— Pois é. Agora o Tinhoso mandou uma de suas criaturas dar conta daquele veado e vai com ele pras Profundas...

— A partir de manhã só vai existir um sapateiro nessa rua.

O lobisomem subiu na calçada, armou o salto e sumiu janela a dentro. Da moita, os homens não compreenderam como o lobisomem atravessou a janela tão facilmente. A luz da lua, filtrada por nuvens pastosas, não permitia ver com clareza. Esperaram um instante e saíram do mato. Sombras na sombra se resvalando. Aproximaram-se. A janela estava



encostada. Auscultaram. De dentro da casa vinham ruídos sinistros de gente se acabando em lenta agonia... Agora, as três sombras já deslizavam pela sala. Mal se divisavam alguns móveis e caqueiros espalhados por toda a casa. Era um verdadeiro jardim trasbordando de verde. Pelos gemidos descobriram a direção. Agachados, dirigiram-se para o quarto de onde brotava uma luzinha fraca de lamparina. A cama, o bicho, Ageu. Pedro, na frente, a repetição engatilhada. Malaquias, em seguida, a barra de ferro em ataque. Miliano, atrás, as mãos firmes no porrete. A cama toda revolta. Ageu estirado, morto. E o bicho em cima do cadáver, pronto para devorá-lo.

Nisso, Miliano tropeçou num couro de boi jogado a um canto da sala, fazendo um escarcéu. O lobisomem deu um salto e derrubou a mesinha com a lamparina. Na escuridão, o estampido de um tiro abalou o mundo e gritos de horror percorreram o silencio da rua. Malaquias ligou a lanterna, ao tempo em que um vulto furioso, na ânsia de escapar, derribava os três homens, os caqueiros e o guarda-louça.

— Desencantou, minha gente! Desencantou! Errei o tiro e, com o susto, o safado virou gente de novo! — E correndo para a janela, Pedro Ioiô gritava com a cabeça para o lado de fora — João Morgão, lobisomem descarado, volta aqui que eu te dou o teu!

E mais um tiro estremeceu a rua sem resultado algum. Lá dentro, Malaquias acendeu o fifó, aproximou-se do cadáver e descobriu uma mulher num corpo de homem. As pernas bem feitas, cintura torneada, e pele macia, cheirando a água de alfazema...

— Ajuda aqui, Miliano, o homem não morreu, não. Só está desmaiado. Nem sequer está ferido. Chegamos a tempo.

— Vôte! Labuto com um traste deste nada...

Do meio da rua, Pedro gritava:

— Vombora, gente! Ainda dá tempo, para caçar o bi-

cho. Ele hoje tem que voltar pra casa e eu vou pinicar ele a facção.

Malaquias trouxe água e ajudou o moço-mulher a reanimar-se. Tremendo como uma vara verde, Ageu explicou:

— Me desculpe por estar sem roupa. A noite estava muito quente e resolvi dormir despido. Afinal, moro sozinho. Aí, acordei com aquele bicho me estrangulando. O medo foi tanto que desmaiei. Vocês salvaram minha vida...

— Compadre, eu vou atrás de Pedro. O senhor não vem?

— Vou sim, compadre, deixe eu ajudar esse pobre de Deus. Vá andando que eu vou já.

— Besteira é essa, compadre? Onde já se viu? Gente assim não merece ajuda. Mesmo, eu detesto esse traste.

— Acontece, compadre, querer bem não é obrigado e nem Deus pergunta por isso. **Por não se gostar de uma coisa, não significa que ela não deve existir.**

— Senhor, já não está aqui quem falou. Até logo...

Miliano saiu. Malaquias fechou a janela e voltou ao quarto para confortar Ageu.



**Marluce Costa Santana**

Giz de cera com anilina sobre papel sulfite

## O segredo da chaga

Um sol gostoso esbanjava luz por todos os cantos da **Fazenda Santa Maria**. Na varanda da casa-grande, Uldorico Freitas balançava-se na rede, dormitando. O cacau subia o morro a perder de vista. Um cheiro acridoce de cacau fermentado se esparramava pelo mundo a fora. Uldorico estremeceu de felicidade. Tanto enriquecera, que o próprio povo da redondeza mudara-lhe o nome. Agora todos o conheciam como Rico Fazendeiro. Do interior da casa, vinha a voz sonora da gorda e honrada esposa, comandando o serviço

doméstico. Rico Fazendeiro sentia-se o mais feliz dos mortais: forte, sadio, bem casado, cheio de filhos e, sobretudo, rico. Muito rico, mesmo.

De repente, Rico sentiu uma coceira na perna direita. Apalpou por cima da calça de brim e percebeu um pequeno volume. Arregaçou a perna da calça e lá estava um gordo carrapato. Não era um carrapato qualquer, era um **carrapato-de-cavalo**. Forçou um pouco e o bicho não largou o chupão. Esfregou com a ponta do dedo, deu um leve puxão e arrancou o carrapato. No lugar da dentada, uma irritação coceirenta foi se formando, mas o fazendeiro não deu importância. Só mais tarde, lembrou-se de Arlindo Perna-de-pau.

Na manhã seguinte, rico estava irritado. À noite não fora das melhores e inúmeras vezes acordara com a coceira na perna. Pediu à esposa que lhe preparasse um unguento qualquer. Dona Permínia trouxe um emplastro de olho de aroeira e banha de cacau. Cobriu o ferimento e aconselhou deixar a perna da calça arregaçada. Ao meio-dia, Rico não sabia onde pôr a perna. Dor, coceira e impaciência martirizavam o fazendeiro. Substituíram o remédio. Prepararam, às carreiras, uma pasta de sumo de erva-de-santa-maria com pó de enxofre. De início, algum alívio. Depois, um comichão doloroso assenhorou-se da perna. Durante a noite inteira, foi um tira-e-bota de folha sem alívio.

O dia chegou para encontrar Rico sem ter pregado o olho. Agoniado de dor, assistia a um desfile interminável de parentes, conhecidos e trabalhadores, cada um com um palpite. A perna muito vermelha e inchada parecia um pilão. De impaciente, Rico passou a temeroso. Ali mesmo, na sua fazenda, Arlindo Perna-de-pau era exemplo vivo do que um carrapato podia fazer. Com medo de que lhe acontecesse o mesmo destino de Arlindo, somente Dona Permínia, a esposa, tinha permissão de tocar-lhe na chaga. Arlindo também teve a perna cortada, pois fora acometido de gangrena, quan-

do uma mulher tratou de uma ferida, causada por dentada de carrapato.

Por muita insistência de Permínia, Rico consentiu que trouxessem Maria Caboca para olhar a ferida. Já não suportava mais tanto tormento. Caboca poderia olhar a ferida; tocá-la, jamais. Arlindo ainda era um lembrete da imprudência. Deitado no divã, do alto de seus milhões, Rico Fazendeiro deixou que Caboca se aproximasse. Ela veio vindo, mansa e mansa, olhou, olhou e disse:

— Se o coroné deixar eu tocar na chaga, curo logo, logo. Isto é coisa fácil, coroné. Basta retirar o segredo... E tem folha boa pra isso, que é uma beleza.

Rico interditou:

— Não, Caboca. Não é falta de confiança, não. Mas não me esqueço de Arlindo. Ele perdeu uma perna assim.

Caboca ouviu tudo, calada. Depois, suspirou e disse humildemente:

— É... Então... Sem tocar, não se pode dar jeito. Era preciso limpar bem limpo...

Dona Permínia agradeceu a boa vontade e Caboca se retirou compadecida. Rico permaneceu deitado e concluiu que só lhe restava o doutor na cidade. Seria uma batalha, vencer a distância montado, mas teria que ir. A família tratou de tudo, burro manso, de bom pisar, sela macia, viagem antes do sol esquentar. Mesmo assim, Rico chegou à cidade com a perna da calça ensopada de salmoura, as moscas bafejando.

A comitiva foi recebida por Valverde, no Pontal. Puseram Rico na mesa de exames. E aos poucos, ele foi-se dando conta da sala. A zoada do mar entrava pela janela da sala de visitas, onde o médico atendia seus clientes. Um vento brando arejava o ambiente, deixando uma sensação de bem-estar. Virado para um armário de vidro, Dr. Valverde quis saber:

— Então, meu caro amigo, como começou tudo isso? Há

quanto tempo está assim? Que providências tem tomado?

— Ah, doutor! Tem sido um sofrimento sem fim. Tem quase um mês. Arranquei um carrapato e, nessa mesma noite, já não consegui dormir direito. Foi folha, sumo, reza, tudo. Nada deu jeito. Estou disposto a vender uma de minhas fazendas para me tratar. Meu medo é ter de serrar a perna, como aconteceu com Arlindo. Sou capaz de meter uma bala na cabeça, se isso chegar pra mim...

— Calma, meu amigo! Não vai ser preciso vender fazenda nenhuma, nem muito menos serrar a perna. Tire essas idéias malucas da cabeça.

Rico suspirou aliviado. Dr. Valverde aproximou-se e começou um exame mais detalhado. Com a paciência de um anjo, fez a assepsia da chaga, enquanto Rico apertava os pulsos, mordida os lábios e soprava forte, na luta por suportar a dor. O doutor puxava conversa comprida. Quis saber da produção de cacau, extensão das roças, volume dos negócios e coisas assim. Rico chegou mesmo a distrair-se e nem percebeu que o doutor já tinha terminado o curativo. Por fim, o pronunciamento tão esperado.

— Você tem uma descontinuidade súbita e recente de tecidos, numa área mais ou menos extensa e erodida, causada por uma reação alérgica, provocada pela mordida de um carrapato. Você vai ficar são. Vai demorar um pouco, porque o processo foi acentuado pelo retardamento de cuidados médicos, mas vai ficar são, com certeza. Nós vamos deixá-lo em forma, outra vez.

Rico não entendeu tudo. Mas o essencial ficou: ia ficar são. O médico passou-lhe uma receita e fez várias recomendações: repouso, proibição de certos alimentos e, principalmente, vir ao consultório em dias alternados para troca do curativo, enquanto a chaga não cicatrizasse. Por fim, trataram dos honorários, consultas, curativos, tratamento. Rico até adiantou-lhe o pagamento de quinze dias de curativos.

Na saída, a família resolveu mudar-se para a cidade, assim facilitaria o tratamento.

Com o tempo, a chaga reduziu-se ao tamanho de uma moeda de um centavo. Aquela seria a fase mais renitente, o médico dissera. Era preciso paciência e perseverança no tratamento. O tratamento era delicado e exigia perícia. Em vista disso, somente ele, Dr. Valverde, poderia fazer os curativos. A princípio, Rico ainda fez umas anotações do dinheiro gasto. Depois desistiu da idéia. Não se deve proceder com mesquinhez, quando se investe em saúde, pois abaixo de Deus, saúde em primeiro lugar.

Um dia, Dr. Valverde teve que viajar às pressas, acompanhando a mãe do prefeito, que tinha quebrado o osso do quadril. Para sorte de todos, Valverde Júnior, um filho quase médico do velho Valverde, estava passando as férias no Pontal. E quando regressou da viagem que durara quase um mês, Dr. Valverde surpreendeu-se com a fartura em sua cozinha: manteiga, ovos, verduras, bananas de várias qualidades, perus amarrados no pátio, requeijão, mel de abelha, laranja, lima, limão, um mundo sem fim de coisas, tudo em muita quantidade. Quis saber a origem de toda aquela fartura e foi informado que era da parte de Rico Fazendeiro, em agradecimento pela cura definitiva. O filho estava voltando da rua e, ao vê-lo, anunciou:

— Oh, Dr. Valverde, seja bem-vindo. Seu cliente aos meus cuidados curou-se. Precisamos conversar a sós.

O pai o acompanhou e dirigiram-se para o consultório. A princípio falaram da viagem, as novidades, alguns livros recém-publicados. Finalmente, a parte mais delicada da conversa. O filho foi quem puxou o assunto:

— Sabe, papai... Afinal, descobri a causa da ferida de Rico e o que impedia a ferida de cicatrizar-se. Ele foi picado por um *ixodídeo*, mais precisamente um *Amblyomma Cajennense*, cuja quelícera ficara profundamente cravada na

parede de um vaso sangüíneo, depois de ter ultrapassado um terminal nervoso. Bastou retirar o apêndice do aracnídeo e Rico Fazendeiro recuperou-se imediatamente.

Dr. Valverde ouviu tudo em silêncio. Depois, levantou-se e ficou à janela, olhando para o mar, com a mão no queixo. O filho se babava de contente. Era a primeira vez que tinha oportunidade de mostrar ao velho pai que seu investimento no filho não fora em vão. Poucos estudantes de Medicina poderiam oferecer tantos detalhes técnicos sobre um carrapato, conforme ele fizera. O pai voltou-se vagarosamente, encostou-se no peitoril da janela, cruzou as mãos no peito, encarou o filho fixamente e revelou:

— A quelícera do ixodídeo, como diz você, ou dente do amblíoma, isto é, o dente de carrapato-de-cavalo, era a nossa fazenda. Dali, tirei honorários que ajudaram a sustentar você, no seu curso de Medicina, nesses últimos seis meses. Agora, não se queixe, quando o dinheiro não for suficiente.

Disse isso e retirou-se. Na porta do consultório, ainda voltou-se e disse ao filho:

— Fique você sabendo que dente de carrapato é fazenda de muita gente. O mundo está repleto de chagas com dentes de amblíoma dentro. Ora! Onde já se viu... **Ai dos sabidos, se não existissem os bestas.**





Aflaudísia Souza e Marlene Lawinsky de Andrade

Lápis de cera com nanquim sobre papel nanquim

## A ceia dos orixás

A lua dançava sobre as ondas. Toda a Praia do Grauçá era avistada de longe. Malungo Monaco estava em festa e a casa fervilhava de gente. O barracão das solenidades, tão grande, atravessava todo o quarteirão, do Grauçá às Sete-Casas. Os atabaques ecoavam por cima do Morro de Pernambuco e chegavam além das nuvens. Recados para a corte de **Olorun**. O **padê de Exu** tinha saído, havia horas. O **adarrum** tinha chamado os orixás. E agora, no interior da casa, eles recebiam seus paramentos e insígnias, incorporados nas **iaôs**. Os homens aproveitavam o intervalo para fumar. Os **ogãs** limpavam o suor com toalhas brancas, bordadas de verde. Malungo Monaco acendeu o charuto e, tirando fartas baforadas, veio ao portão examinar o ambiente. Alas se abri-

am, para dar passagem à imponente ialorixá. Vestida de branco, o rodeirão da saia tomava os espaços. Avistando crianças que brincavam ao pé da cerca, blasonou:

— De quem são esses meninos? Vocês não sabem, gente, que o juiz de menor não quer criança em candomblé? Vocês querem me complicar com a polícia? Basta a confusão desse rapaz que quer pagar a promessa em minha casa, contra a vontade dos pais, que são protestantes...

Foi bastante para as mães arrebatarem as crianças e darem sumiço nelas. João de Geralda, porém, se interessou:

— Então, Malungo, que história é essa da promessa?

— E você ainda não está ciente? Pois bem, eu lhe conto. Ricardo, aquele menino filho de Judite, a mulher do pastor, fez uma promessa com os santos do candomblé: se passasse no exame do Banco do Brasil, fazia uma ceia para os Orixás, na minha casa.

— Mas como esse menino foi se meter nessas coisas e acreditar no candomblé? Ele não foi educado na lei protestante? — Alguém surgiu da penumbra sob o coqueiro, querendo saber.

— Sargento Leão, o senhor aqui?

— Eu também gosto do candomblé e vim ver a festa. Mas senhor, nada acontece por acaso. Tudo já está escrito desde antes do começo do mundo. Agora, eu estou vendo Judite com essa quizila. O povo todo dela era do candomblé. Eu mesma conheci muito o finado Zé Alves, avô dela, pai-de-santo no Sauípe... O menino herdou essa herança, está no sangue. O senhor sabe, o sangue puxa e os orixás vão buscar. Só sei lhe dizer que ele me procurou e me pediu para dar essa **obrigação**.

O sargento asseverou:

— E por que a senhora não recusou? Isso pode dar desentendimento na sua casa.

— Eu?! Recusar servir a meus santos?! Sargento, o can-

domblé tem lei. E é pra ser cumprida, dê no que der. Deixe estar que Ogum, meu pai, sabe... Ele há de nos proteger. A mim e a todos que confiam em Deus, primeiramente. Segundo, na força dos encantados.

Nisso, os foguetes subiram rojão no ar e os atabaques soaram. Malungo Monaco convidou a todos a entrarem para o barracão:

— Vamos, está na hora do principal. Os **santos** já vêm chegando.

O salão repleto, apinhado de gente que se espremia contra as latadas de palma de dendezeiro. O **adarrun** estremecia o chão, e a fila indiana se aproximava como uma cobra multicolor. Os capacetes de lantejoulas e areia prateada reluziam na cabeça das **iaôs**. A luz da lua misturava sua prata ao ouro da luz do carbureto. Tinir de **idés**, agagôs, aguês e caxixis completavam, com as palmas das mãos, o concerto mágico dos atabaques. Ricardo, todo de branco, pés descalços, ao lado de Malungo, agora a rainha-mãe. A frente da fila vinha Caiango, tocando o **adjá**, guiando as iaôs em transe. Depois, pela ordem hierárquica, Ogum, Xangô, Iansã, Oxóssi, Oxum, Iemanjá, Omolu, Oxum-marê, Nanan e Oxalá, o mais velho, apoiado no **opaxorô**, coberto pelo **alá**, cujas pontas todos queriam suspender. Atrás, um séquito enorme, carregando painéis, alguidares, bacias e tabuleiros repletos de iguarias africanas.

A marcha foi lenta, pois Oxalá não caminha apressado. A ele eram dedicados os mais extremos dos carinhos. Primeiro, as danças. E Malungo Monaco abriu a boca. Talhada no berço para cantora e bailarina dos cantares africanos, o mundo parava nas curvas melódicas de sua voz. Sessenta anos fazendo isso. E os netos, que eram muitos, cansavam e se revezavam nos atabaques, antes que Malungo satisfizesse aos seus santos, cantando e dançando. O mundo morria para ela, quando estava servindo aos orixás.

Antes de cantar para Oxalá, servir as comidas. Todos já sabiam que seria assim. Orixás sentados em seus tronos, assistidos por suas *ekédís*, toalha enorme estirada no chão. Os pratos eram pedaços de folha de bananeira, o luxo do candomblé. Silêncio profundo. A comunhão exige recolhimento. De repente, do lado de fora da cerca, irrompeu um hino diferente:

Glória glória aleluia  
glória glória aleluia  
glória glória aleluia  
vencendo vem Jesus.

Ricardo suou frio. Ele sabia do quanto seu povo seria capaz. Malungo Monaco franziu os olhos, era chegado o momento da guerra. Correndo as vistas pelo barracão, mirou, um por um, seus santos tão queridos. Todos pararam de comer. Ogum lançou seu brado de guerra Iê-ê-ê-ê-ê-ê! Em resposta, um discurso começou lá fora:

— Aplacai-vos, demônios! Eu vim libertar nosso irmão dos laços das trevas! Não tentarás ao Senhor, teu Deus! Não temerei esse povo inumerável que me cerca! Levanta-te, Senhor, salva-me, meu Deus! Deus meu, eu em ti confio, não seja eu envergonhado! Aleluia! Aleluia! Aleluia!

E outra vez, os cânticos:

Ó mestre, o mar se revolta,  
as ondas nos dão pavor,  
o céu se reveste de trevas,  
não temes o Salvador.

E enquanto o grupo cantava lá fora, o pastor surgiu no meio do barracão, pisando nas franjas da toalha, aos berros:

— Minha senhora, eu vim aqui, neste lugar maldito, só para exercer o meu pátrio poder. Vou levá-la aos tribunais por sedição e aliciamento. Vim buscar meu filho das garras do Satanás e estou disposto a tudo...

Ninguém se moveu. Mulungo Monaco nunca precisou de ajuda para resolver as suas paradas. E botando as mãos na cintura, atravessou os olhos, empinou o peito para frente, jogou a cabeça para trás, riu sarcasticamente e disse com toda a sua faceirice:

— Quem és tu, araruta? Tu és doce ou és fruta?...

O mundo veio abaixo. Todo mundo ria, enquanto o pastor recitava sua catilinária. Até que a mãe-de-santo bradou para ele:

— Alto lá, senhor! Se assunte e repare que o senhor está debaixo de minhas telhas. Aja como um homem e não como um moleque. Repare que o senhor está tratando com uma mulher inteirada. E diga mais uma coisinha só, para ver o que lhe acontece. Seu **laque-laque, conca-la-maconca, adô-firó, ogonikó**. Vá à **tonga da milonga do cabuleté!**...

— A senhora não tem coragem de dizer isso na nossa língua. — Retrucou o pastor, mais indignado.

— É a mesma coisa do seu latinório. — Explicou Malungo.

— Eu vou tirar meu filho do meio desses demônios fantasiados. — Disse, virando-se para os orixás incorporados, que a tudo assistiam impassíveis.

E ninguém sabe como, o pastor girou e caiu por cima da assistência. No rosto, as marcas dos dedos de Malungo Monaco. A bofetada partiu-lhe a bochecha esquerda. Os homens fizeram um gesto, mas a ialorixá estendeu a mão, barrando-os. Enquanto o pastor ajeitava o paletó e a gravata, tomado de susto pela bofetada, Ricardo esclarecia:

— Mãe, é melhor eu ir...

— À força, é que ninguém lhe tira daqui. A vontade é

sua e faça o que você quiser. O tempo do cativo, meu filho, terminou, é de hoje! E além do mais, só se conhece a verdade, procurando verdade. Viva a sua verdade e, se preciso for, morra por ela. Desagrada a quem desagradar. Você está com medo? Não tenha medo, não. A vida é uma eterna guerra. A gente precisa saber bater e apanhar. O negócio é não esmorecer. Outra coisa: não dê os pés a quem lhe deu as mãos. Com os orixás, não se brinca. Só lhe digo isso...

E Malungo calou-se, cruzando as mãos atrás das costas. Recuperado, o pastor se intrometeu, agora falando manso:

— Se a senhora fosse um homem, eu sabia como resolver.

— Por isso, não... Homem é o que não falta nesta casa. É só o senhor escolher um, e ele lhe satisfaz nas suas necessidades. — Incontinentemente, a resposta de Malungo.

— Mas não se trata disto...

— Se trata de quê, então, senhor-conversa-fiada?

— Se trata de que Jesus também foi esbofeteado e não reagiu.

— Seu pastor, Nosso Senhor Jesus Cristo não invadia as casas dos outros, zombando da fé ou da crença de ninguém. E segundo me consta, nas escrituras, não se diz que ele apanhou de mulher...

Foi o bastante para o pastor dar uma rabanada e se dirigir para a rua. Ricardo, o filho, o acompanhou. Lá fora, os glórias e aleluias se misturavam aos brados de “está salvo”, que se repetiam. Ainda se pôde ouvir a voz do pastor, antes dos atabaques recomeçarem:

— Tirem os calçados, sacudam o pó desse lugar maldito!

O dia já vinha raiando, quando Mulango e seus filhos-de-santo se dirigiram para o mar, a fim de despachar as sobras do repasto. Antes, os orixás se despediram e viajaram para o **orun**, o universo paralelo.

Poucas pessoas viram. Mas dizem que um orixá se-

gredou algo aos ouvidos de sua ialorixá. Mulango agradeceu a participação de todos e avisou aos que ainda estavam presentes:

— Vocês vão ver no que vai dar. Bula com quem não conhece e veja o que lhe acontece. Chamar aos santos daquele nome... E ainda: o rapaz abandonar a **obrigação**, deixando Oxalá no meio da casa... Foi demais!

Tudo terminaria assim, se no sábado seguinte uma canoa não tivesse naufragado na boca da barra, com seis pessoas dentro. Todos se salvaram, exceto Jesson, o pastor que invadiu o candomblé, e Ricardo, seu filho.

Quando os corpos apareceram na Praia da Concha, os **irmãos** clamavam entre hinos e choro. Mais adiante, o grupo do candomblé também estava presente. E Malungo Monaco repetia baixinho o que lhe dissera Iemanjá, a Donadas-águas: “**Quem quer o que Deus não quer, será o que Deus quiser.**”



**Wilma dos Anjos Brandão**

Óleo sobre papel sulfite

## O sonho de Militão

Militão tinha uma competência sem igual para mestrar construções. Além disso, era um homem de paz consigo mesmo e com os outros. Eta criatura alegre! Todo mundo, no Pontal, conhecia Militão. Mas de um certo tempo para cá, ele andava meio encabulado com um sonho que se repetia. Primeiro, não disse nada a ninguém. De tanto o sonho se repetir, resolveu dividir a preocupação com a mulher. Ela ouviu, suspirou fundo e apenas disse um “É...” prolongado, que Militão nem ouviu. Quando chegava a hora de dormir, Militão já ficava vexado. E mal pregava os olhos, lá vinha o sonho de novo. Ele se via numa construção e um homem desconhecido aparecia, procurando por ele. Dizia assim:



— Mestre Militão, vá a Canavieiras. Na Rua da Frente, na casa de número 116 tem uma coisa guardada para o senhor. É tudo seu. Vá lá, vá...

Um dia, Militão resolveu se aconselhar com Mãe Justina. Eta, criatura sabida! Já nem se sabia a idade daquela preta velha. Saia rodada e comprida, blusa com manga três quartos, torço na cabeça, sua eterna vestimenta. Apenas a cor variava, mas o modelo era sempre o mesmo. Rezava de tudo quanto era doença e sabia fazer uns chás milagrosos. Não gostava muito de dizer os ingredientes. Preferia perguntar o nome, a idade do queixoso, o que sentia e marcava a hora para a pessoa vir buscar o remédio. Costurava numa velha máquina de mão, tomava rapé e uma pingazinha todo dia, na hora do almoço, a não ser no dia de sexta-feira, para não ofender a Oxalá, orixá de sua devoção. Nesse dia, Mãe Justina não fazia nada, apenas saía para bater papo com a vizinhança, fazer uma caminhada pelas ruas próximas, visitar as comadres. Fora isso, morava sozinha e bastava-se a si mesma.

Pois bem. Militão conversou com Mãe Justina, mas os dois nunca falaram sobre o que tinham conversado. Sabe como é: naquele tempo, as pessoas guardavam segredo. E conversa particular nunca era revelada, mesmo que os confidentes viessem a ser inimigos algum dia. O certo é que Militão, logo depois disso, resolveu viajar para Canavieiras. Somente a mulher sabia da viagem. Mas quando lhe perguntavam pelo marido, ela explicava:

— Ele viajou. Volta daqui a três semanas...

Primeiro, foi aquela viagem de barco. Militão nem gostava muito do balanço do mar, mas ouviu os conselhos de Mãe Justina. Saltou no porto e foi caminhando, assim, como quem não quer nada, e querendo, com todo cuidado, para não levantar suspeita. Afinal, ele era um estranho... O plano foi acertado com Mãe Justina: apresentar-se como um Mestre de Obras que queria comprar uma casa para veranejar, de

vez em quando. Naquele tempo, em lugares do interior, não existia esse negócio de pousada ou hotel. E naquele fim de mundo, alguns raros visitantes, sempre a negócio, se hospedavam em casas de família, onde pediam “um agasalho”. Ah, Tempo que acaba com tudo...

E não é que Militão acabou descobrindo a casa de número 116 na Rua da Frente... Bateu palmas, chamou mais alto, gritou “oh, de casa!” Repetiu o chamado algumas vezes, concentrando-se nos ouvidos, até que pôde perceber um pigarrear fraquinho, seguido de tosse mais forte, até um arrastar de tamanco próximo. Apareceu um senhor de boa idade, com uma siripóia na mão: era um pescador, o dono da casa. Militão se identificou e disse o que queria:

— Boa tarde, senhor! Sou Militão, Mestre de Obras, moro em Pontal de Ilhéus. Estou por aqui, à procura de uma casa para comprar. Estou pretendendo trazer a família para passar uns tempos por aqui. Sabe como é: boa gente, terra boa, fartura de peixes e mariscos... Mas o problema é que tenho de passar uns três dias e estou procurando uma agasalho em casa de família.

Ah, é?! — Respondeu o dono casa, virando-se para dentro e gritando — Maria! Corre aqui, temos um hóspede! Muito prazer... Silvério... Entre.

Militão entrou, enquanto Maria, mulher de Silvério, se aproximava. Acertaram o preço do “agasalho” e Maria voltou para dentro. Precisava arrumar o quarto e preparar uma bela moqueca de peixe fresco. Conversa vai, conversa vem, Militão informou que precisava dar uma volta pela cidade, mas retornaria ao entardecer. E saiu para a rua, em busca de informações. Ainda nos ouvidos, a voz de Mãe Justina no aconselhamento: “Compadre Militão, é preciso se cercar de todas as providências. Esses avisos, assim, vêm de coisas escondidas, que estão por trás do escondido. Vá, compadre, obedeça. Mas chegando lá, tome logo suas providências. Pri-

meiro, saudar os donos da terra: a Dona das Águas, no Mar, e Nanan Borocô, no mangue. Canavieiras é terra de mar e mangue. Iemanjá manda nas ondas e Nanan manda no manguezal. Depois, tem São Boaventura, compadre. Ele também faz parte. Afinal, nas forças em que nossos mais velhos acreditaram, foi com elas que eles construíram o que nós herdamos. E tem mais uma coisa: não deixe de fazer uma visita aos que já se foram, na porta do cemitério de lá.”

E de pergunta em pergunta, lá se foi Militão visitar a Dona das Águas. De cima das pedras da Ponta, ele viu. Espelhos em mil cacos, as ondas vinham chegando para cumprir uma sentença posta no mundo, ninguém sabe desde quando. Sua memória se abriu, levando-o de volta aos seus vinte e dois anos, quando chegou no Sul de Ilhéus. Sua primeira caminhada ao redor do Morro de Pernambuco, o corpo leve e viajero, a alma empanturrada de desejos e sonhos. O Pontal era um convite e um desafio. Queria aprender uma profissão, ter mulher, filhos, uma casa onde meter a cabeça. Ah, terra milagrosa, aquele Pontal. Tanta gente boa no seu caminho. Foi quando conheceu Mestre Galdino, que lhe ensinou a Arte de Construção, desde como pegar na colher de pedreiro, até calcular como se faz uma casa. Homem bom, aquele: sabido, sério, justo. E quando Mestre Galdino não pôde mais subir e descer os andaimes, já Militão era seu substituto, ganhando fama, casado com Xozinha, seis filhos e casa própria, com fama de competente. Não fosse aquela pancada terrível que tomou na cabeça, quando escapuliu de uma escada... Mas também, tinha mais que agradecer a Deus, por ter escapado. Passou uma semana entre a vida e a morte. Naquele arraial isolado, contou apenas com o saber de Mãe Justina. E ela não se fez de rogada, mudando-se para dentro da casa da família dele, para dar os remédios na hora certa. Foi chá, purgante, sumo de folhas, tanta coisa... Passou um mês tomando sumo de maria-preta com azeite doce marca

Galo e mel de abelhas. As oíças ficaram meio comprometidas, mas estava ele ali, vivo e são, saudando a Dona das Águas, a Mãe das Mães, pedindo licença para descobrir o segredo do sonho que o trouxera a Canavieiras.

Depois, foi a vez do manguezal. Militão alugou uma canoa e foi remando devagar, navegando pelas águas escuras, mistura de mar e rio, e foi penetrando mangue a dentro. Aquele cheiro tão conhecido seu, igualzinho ao Pontal. Os passarinhos voavam pra lá e pra cá e os bichos do manguezal caminhavam pelas raízes das árvores: ali estava um dos reinos da Velha Nanan, a Dona da Lama. Encostou a canoa, pisou na lama, encobrendo até o meio da perna. Parecia que ia ser engolido. Gritou alto: “Saluba Nanan!” Um arrepio subiu pela coluna e ele se lembrou de como sua finada mãe procedeu para lhe tirar o medo do mundo. Quando menino, era mofino e medroso. Nem podia ouvir a palavra TARTARUGA, que se mijava de medo. Nesse tempo, seu povo ainda morava no Sauípe, a terra das tartarugas. Um dia, sua mãe, Dona Terta, que Deus a tenha na Glória, entendeu de tirar os medos do filho. Não era possível que ela, viúva honrada, batalhadora na vida, deixasse manchar a memória do finado Zé Guedes, seu marido, criando um filho medroso. Espiou pela janela, que era voltada para o mar, viu um ajuntamento de gente na praia: tartaruga, na certa. Pegou o filho a pulso, pela mão e o arrastou para lá. Os moradores rodeavam uma tartaruga imensa, sacudindo as pernas em forma de barbatanas, emborcada para não fugir. Dona Terta arrasava o filho e gritava:

— Você, hoje, vai perder este medo. Vai sim, senhor!

O menino urrava como porco morrendo na faca. O grupo abriu passagem para dona Terta. E quem seria maluco de se intrometer nos ensinamentos que uma mãe estava dando a seu filho? A roda se abriu, Terta passou e o círculo tornou a se fechar. Junto da tartaruga, bem junto mesmo, estava

Anatólio, antigo pescador, barbudo como São Pedro. Foi Anatólio quem disse:

— Me dá ele aqui, comadre Terta. Ele hoje vai virar homem...

Terta entregou Militão a Anatólio, dizendo:

— Disciplina ele, compadre. O senhor é padrinho, ocupa o lugar do pai...

O medo era tanto que Militão, paralisado, parou de gritar e de se esparnear. Anatólio levantou o menino nos ares e, olho no olho, disse assim:

— Tá vendo este povo todo aqui, ao seu redor? Você acha que este povo quer ver seu fracasso? Nada disse. A gente quer ver sua vitória. Mas para você ser vitorioso é preciso confiar em você mesmo, para poder confiar nos outros. Sobe na tartaruga, senta em cima dela e o mundo será seu. Se não subir, não vai ser a tartaruga quem vai te engolir, vai ser o mundo...

Anatólio arreou o menino no chão, cruzou os braços e a roda ficou em silêncio. Militão enxugou os olhos com a fralda da camisa. Anatólio desvirou a imensa tartaruga. O menino tomou um largo sorvo de ar e saiu correndo para fora da roda. Mas aí, veio a surpresa. Lá adiante, ele parou, voltou em carreira desabalada, furou a roda, pulou na tartaruga e sentou-se em cima dela. Agora, era Terta quem chorava feito uma desvalida. A roda explodiu em vivas e gritos. Anatólio pôs o afilhado enganchado no cangote e convidou os amigos, para beber um rabo-de-galo no quiosque de Juventino.

Militão sentiu a vista ficar turva, empanando a visão do manguezal. Era água em seus olhos, na lembrança de todos os conhecidos daquele dia da tartaruga e que, hoje, já estavam no outro mundo. E ali estava ele, perto dos setenta anos, mas ainda vigoroso, forte e sadio. Nunca mais tivera medo de coisa alguma. Outra vez, saudou Nanan, a mais velha das

Mães, e pediu licença para descobrir o segredo de seu sonho, nas terras de Canavieiras.

Quando entrou na igreja de São Boaventura, ficou admirado com aquele santo de olhos tão abertos. Devia ser para poder ver tudo. Ajoelhou-se, se benzeu. A lamparina do sacrário estava acesa. Rezou no coração: “Deus vos salve, Casa Santa, onde Deus fez a morada. Meu São Boaventura, me dá licença para eu entrar em Canavieiras e resolver o problema deste sonho que não tem me deixado dormir em paz. Se for alguma coisa que dependa de mim, meu santo, eu estou disposto a fazer. Guarda minha saúde, minha vida, minha mulher e meus filhos. Guarda todo espaço que eu andar, seja noite, seja dia, no pino da meia-noite, nas badaladas do meio dia. Amém.” Sentou-se e ficou admirando a beleza da igreja, o dourado da tinta enfeitando o altar-mor, o silêncio, o cheiro que vinha do mar. Sentiu até um soninho bom, mas não quis cochilar. Era preciso cumprir todas as tarefas recomendadas por Mãe Justina. O pensamento foi borboleteando e ele pensando que nunca imaginou um dia estar ali, naquela cidade que nasceu do Povoado de Poxim, com os portugueses, que trouxeram a imagem de São Boaventura e se juntaram com pessoas da terra, que estavam fugindo do ataque dos índios pataxós.

E seu coração se lembrou de Xozinha, sua mulher: cabocla bonita, cismada, valente. Mulher inteirada, aquela. Antes, todo mundo a conhecia como Maria Pataxó. Sua avó foi pegada no mato, a dente de cachorro. O caçador terminou de criar a fera em forma de gente e lhe deu batismo, nome e depois, lhe fez muitas filhas. Uma delas foi a mãe de Maria, mulher sisuda, que gostava de se embrenhar no mato sozinha, para apreciar a natureza. Maria saiu à mãe: entendia de rio, mar, vento, lua, plantas, bichos. Só não entendia muito de gente. Dizia que branco é como bosta de boi: seca por cima; mole por baixo. E como é que ele, no meio de

tanta mulher, encontrou justamente Maria? Ah, história! Ah, vida! As moças do Pontal ficavam esperando que o céu se abrisse e um homem encantado se esborrachasse no chão. Por isso mesmo, os rapazes viviam malquinhos da vida, fazendo o possível e o impossível para arranjar uma noiva. Maria Pataxó era uma moça diferente. Dizia que não queria namoro, não queria se casar, não queria ter filhos, nem família. Depois que o último parente morreu, ela foi viver com uma madrinha, já bem velha e reumática. Maria pescava na praia, tirava caranguejo no mangue, para o sustento das duas e não queria saber de homem nenhum. Os rapazes nem se aproximavam, porque Maria tinha fama de valente. Era boa no facão, rápida, certa e não corria do perigo. Todo mundo sabe que aquela cicatriz enorme que João Aramaçá tem na cara foi feita por Maria Pataxó. Um dia, quando Maria estava voltando do mangue para a casa, Aramaçá deu em cima dela. Era uma estrada deserta e Maria vinha sozinha com o saco de caranguejos na cabeça. Quando Aramaçá avançou, Maria jogou o saco pra lá, puxou o facão que trazia na cintura e, num golpe certo, atingiu a cara do agressor. O corte profundo vazou o olho esquerdo e o predador caiu banhado em sangue, xingando Maria. Senhora de si, ela não deixou por menos:

— Logo tu, infeliz?! Tu que traz o mesmo sangue meu, em vez de me defender, me ataca? Pois fique aí se esvaindo. Tu não merece o sangue que tem...

Maria também era amante da verdade. Mesmo sem contar nada à madrinha, foi ao delegado Colodino e se entregou à polícia. Colodino ouviu tudo, tim-tim por tim-tim, e depois disse a Maria que ela fosse para casa e não se preocupasse, pois mulher honrada agia era assim mesmo: foi legítima defesa e ele não ia registrar nada. Apenas ia mandar buscar o cadáver e enterrar aquele covarde. Acharam Aramaçá entre a vida e a morte, de tanto perder sangue, mas o infeliz esca-

pou, mesmo cego de um olho. Todo mundo ficou sabendo da história e Maria Pataxó ganhou fama de valente. Por isso mesmo, os homens não queriam meia com ela.

Uma noite de lua, Militão estava pescando de jereré. Percebeu que uma pessoa, mais adiante, estava pescando também, mas não dava pra divulgar quem era. Concentrou-se no que estava fazendo, até que ouviu um grito de mulher. Era Maria Pataxó que tinha pisado no esporão de um miqüim, aquele peixe venenoso, que mata em vinte e quatro horas. Militão correu para acudir. Ajudou Maria a arrumar os siris, o jereré e aconselhou que ela voltasse logo para casa. E foi segurando no ombro de Militão que Maria Pataxó voltou, pulando de uma perna só. Militão deixou Maria em casa e foi buscar Mãe Justina. A velha curandeira chegou, examinou a ferida e disse que o problema era sério. Mandou Militão, às carreiras, buscar folhas de louco-rasteiro e batata-de-teiú. Militão foi e voltou voando. Mãe Justina se trançou no quarto, com Maria, e Militão ficou conversando com a madrinha dela. Maria gemeu vinte e quatro horas sem parar, ardendo em febre e Mãe Justina dando-lhe chá, de hora em hora. Depois, veio a sentença:

— Ela vai escapar... Vai passar uns dias se sentindo mal, com tontura, vontade de vomitar, mas vai ficar boa. É só ter repouso e resguardo. Não pode comer nada que enrame ou bicho que cisca para trás. Três vezes por dia, tomar batata de teiú ralada. Sempre que tiver sede, beber a água da umbaúba. Agora, eu vou em casa. E você, Militão?

Militão ficou pensando um tempo, mas depois respondeu:

— Vou ficar aqui, um tempo, tomando conta das duas, fazendo o que for possível.

Mãe Justina ordenou:

— Então, providencie mais batata-de-teiú e água de umbaúba. Na Spetinga, tem isso de sobra.



Militão foi fazer o que Mãe Justina mandou. Na volta, varreu casa, apanhou água, lascou lenha. Foi à venda e trouxe o que faltava na cozinha. Três dias depois, Maria Pataxó estava de pé, cuidando da casa, embora manquejando. Militão passava duas vezes por dia, na casa de Maria, para saber como ela estava passando. Maria ficou boa, mas Militão continuou fazendo as visitas e ela se demonstrava muito contente, quando ele aparecia.

Uma tarde, a madrinha estava dormindo, quando Militão chegou. Maria o chamou para conversar, na porta da rua, onde havia um tronco de coqueiro deitado, que servia de banco. Maria foi curta e certa:

— Sabe, Militão? Sou sozinha no mundo. Dindinha já está no fim da vida e eu estou precisando arranjar um companheiro para ajudar a ele e ele me ajudar. Só tenho pouca coisa para dar: fé em Deus, disposição para o trabalho, coragem e amizade no coração. Esses dias você cuidou de mim e foi o bastante para saber que você é um homem bom. Você quer se juntar comigo? Te prometo que você não vai se arrepender...

E não se arrependeu mesmo. Eta criatura divina, aquela Maria. Aprendeu logo a chamá-la de Xozinha, um nomezinho novo, cheio de doçura, tirado da palavra **Pataxó**. Maria adorava ser chamada assim. Militão não quis se juntar, preferiu se casar para fazer justiça à honradez de Maria. Batalharam juntos, tiveram filhos, venceram na vida. Ele nunca mais teve olhos para outra mulher. Maria nunca olhou sequer para outro homem. Ele aprendeu a respeitar os silêncios dela e ela a respeitar as ausências dele, na batalha pelo pão de cada dia. Interrompendo as lembranças, Militão agradeceu a Deus por tanta felicidade na vida, ao lado de uma mulher tão boa. Ajoelhou-se, se benzeu e saiu da igreja em direção ao cemitério.

O portão estava aberto. Militão entrou e deu uma vol-

ta, caminhando por entre algumas sepulturas. Cruzes com dizeres, sepulcros de alvenaria, montes anônimos e um silêncio de doer. Ali estavam os Vieiras, que deram nome à cidade. Fez como Mãe Justina recomendou: pediu licença aos mais-velhos para entrar em Canavieiras e descobrir o segredo do seu sonho.

De repente, um nome numa lápide chamou sua atenção: Alzira Vieira. Outra vez, a memória fez das suas. Estava no Sauípe, com onze anos de idade, estudando com Dona Alzira. Ela costumava sentar-se numa espécie de cadeira, que tinha o assento afundado, coberta com uma toalha branca. Dona Alzira afundava na poltrona, para esperar que os alunos fizessem o exercício da cópia do dia. Certa vez, ela o colocou de castigo, porque um colega seu tinha feito um fuxico, dizendo que ele jogou pedra na mangueira da Velha Iaiá. Inútil explicar a Dona Alzira que era uma calúnia. Militão só saiu do castigo meia hora após todos os colegas irem embora para casa. Saiu da escola roxo de raiva e prometeu vingança contra a professora.

No dia seguinte, saiu de casa mais cedo. Dona Terta até lhe perguntou para que era aquele bocapiu que ele estava levando para a escola. Ele explicou que queria levar umas frutas para a professora. Pois bem. Militão saiu de sua rota costumeira e foi até à praia, onde desencavou uns vinte ovos de tartaruga. Chegou à escola antes dos colegas, pôs os ovos na poltrona de Dona Alzira e cobriu-os com a toalha. Com o coração na boca e a alma repleta de felicidade construída pelo sentimento de vingança, esperou pelo resultado. Chegou finalmente o momento da cópia. Escutou, atento, a ordem de Dona Alzira:

— Abram o livro na página dezessete e copiem até a palavra “satisfeito”.

Disse isso e caminhou para a poltrona, despencou o corpo gordo e se esparramou com vontade. Todos viram e

ouviram o resultado. Dona Alzira tomou um susto, segurou-se na parede, fez esforço e se levantou com a bunda toda melada de ovos. Os meninos mais espertos entenderam logo do que se tratava. Mas para espanto da garotada, Dona Alzira se encaminhou para o interior da casa, muda. Tonho, o empregado, carregou a poltrona lá, para dentro e voltou depois, com balde, água, sabão e pano de limpeza. Enquanto isso, a gurizada se babava de gargalhadas. De repente, Dona Alzira voltou, com roupa mudada e todo mundo ficou sério. A professora não tocou no assunto dos ovos e retomou o ritmo da aula. No final da manhã, quando ela deu o aviso que todos podiam sair, exclamou:

— Militão, você fica. Vamos ter uma conversa.

Militão se encolheu, o chão fugiu dos pés. Mas lembrou-se da lição da tartaruga e das palavras de seu padrinho. Tinha que enfrentar essa nova tartaruga... Quando todo mundo saiu, Dona Alzira se dirigiu a ele com severidade e brandura:

— Eu erreí com você, Militão. Ontem, à tarde, passei pela casa de Dona Iaiá. Terminei citando o caso da mangueira apedrejada e ela me disse que não foi você que tinha feito aquilo, e sim o colega que acusou você. Fui apressada no meu julgamento e não fiz o que deveria ter feito: primeiro ouvir os dois lados... E não quero ser injusta com você outra vez. Foi você quem pôs os ovos de tartaruga na minha cadeira?

— Foi sim, senhora...

— E por que você fez isso?

— Para me vingar da vergonha que passei...

— Mas tem uma coisa, meu filho: eu não agi às escondidas. Eu agi na vista de todos e você agiu na traição. E Tonho, o empregado, me disse que viu você entrando aqui, na escola, sozinho e mexeu na minha poltrona. Aqui está o bocapiu em que você trouxe os ovos. Tonho o achou no meio das

plantas, aqui, ao lado... Eu lhe desculpo a traição e lhe peço desculpas pela injustiça...

Militão desmontou. Tinha se preparado para o que desse e viesse: a raiva de Dona Alzira, castigos, queixa à Dona Terta, surra de cipó-caboclo. Mas nunca imaginou uma coisa daquela: Dona Alzira, diante dele, pedindo desculpas... Era demais... Vermelho de vergonha, baixou a cabeça e começou a chorar. Jamais tinha imaginado que Dona Alzira fosse capaz disso. Logo ela, aquela mulher severa, de olhar que dava arrepios. E não satisfeita ainda, Dona Alzira o abraçou, dizendo:

— Você é um excelente menino, mas eu também não sou uma pessoa má, conforme você estava pensando. Acontece, Militão, que nós somos humanos: você, eu, adultos, crianças, todo mundo. E é justamente por isso que erramos. O negócio é voltar atrás, sempre que descobrirmos que cometemos um erro. E vamos deixar isso pra lá. Amanhã vai ser outro dia. Tá certo?

E lá se foi Militão. Tinha feito mais uma descoberta: nem todas as vezes em que subisse numa tartaruga, teria uma roda de curiosos em torno de si para dar vivas e aplausos. Dessa vez ficou com a certeza de que cada pessoa é um mundo de surpresas e, por isso mesmo, é preciso cuidado ao lidar com os outros.

A fome fez o estômago roncar e ele se lembrou de que era hora de retornar à casa de Silvério: missão cumprida. O resto agora era com a vida. A noite se prolongou na conversa entre Militão e Silvério. O visitante já estava convencido de que aquela era uma terra boa para um descanso prolongado. Afinal, já tinha trabalhado tanto na vida... E a conversa foi tão proveitosa que Silvério também resolveu vender aquela casa a Militão. Já completara cinqüenta e cinco anos de pescaria e era tempo de mudar de vida. Militão entendeu que aquela era a mensagem do sonho: “Mestre Militão, vá a Canavieiras. Na Rua da Frente, na casa de número 116 tem

uma coisa guardada para o senhor. É tudo seu. Vá lá, vá...” E quando já estavam se despedindo para dormir, Silvério, disse, assim:

— Mestre Militão, lá na sua terra, o Pontal de Ilhéus, existe uma rua chamada Rua do Bomfim?

— Existe, sim. Por que, Seu Silvério?

— Rapaz, nem lhe conto. É porque, faz um bom tempo, eu venho sonhando, quase todas as noites, com um homem estranho me mostrando uma casa de número vinte e dois, no Pontal de Ilhéus, na Rua Bomfim. Tem um batente de pedra, entre a sala de jantar e a cozinha. Debaixo do batente, tem uma vasilha de cobre com muitas moedas de prata e jóias de família que um jagunço enterrou...

Militão morava na Rua do Bomfim. E vinte e dois era o número de uma casa em ruínas, abandonada há anos, vizinha à sua residência. Ninguém queria saber daquela casa, pois corria um boato de que ela, no passado, foi moradia de um famoso jagunço, assaltante e matador de aluguel. Entre a sala de jantar e a cozinha, havia uma laje que servia de batente... Pois é: **quem do pouco se admira corra o mundo que vê mais.**

# Quarto Odu: Escolha de ancestrais

“E quando eu tiver coberto o céu de nuvens,  
o meu arco aparecerá, e me lembrarei de minha aliança  
convosco e com toda alma vivente que anima a carne.”

GÊNESIS: 9-14

A ninguém é dado o poder de evitar certos destinos, o último velho sabe. Fado é sempre fardo, às vezes de transporte difícil. Na vida se escolhe tão pouco, o resto é aceitação. O sangue, tecedor de heranças, como escolher? A cabeça, renovadora de mundos, como fazer? O lobisomem pode ser homem, utilizando-se de seu direito de escolha. Sua metade lobo, porém, gravada no espírito, continuará uivando.

Retardatário, o último barco recolhe as velas e os sa-veiristas saltam na praia. Em Ilhéus, o trem das vinte acaba de se despedir em pausados apitos de até-amanhã. Os velhos dormirão, assim que o último *itan* seja contado.

De pai e mãe ninguém pode escapar. Nisso, a marca perpétua do ter nascido. Gerar os filhos pode ser acaso, gerar os pais é genialidade. No menear de cabeça dos outros velhos, maneira simples de dizer amém, o assentimento de todos eles. E a voz do último velho, pausadamente vai traçando, no tempo, rabiscos genealógicos. A avó, a tia, o pai e o avô. Motivos recorrentes que a mãe-natureza utilizou para reduplicar o humano. Se devem ser as cópias iguais ao origi-

nal, onde está a singularidade então? Os homens são iguais em suas diferenças, mas diferentes em suas igualdades, os velhos sabem.

O tempo é implacável: no princípio de tudo, já põe a marca do **fim**. Por isso os velhos vão se calar. O último **itan** já está terminando e o peso do sono, nas pálpebras cansadas, esconde a cidade de luzes refletidas no mar.

E eles se calam, sentados no cais, observando as ondas. Do silêncio ao cochilo; do cochilo ao sono. Um sono sem retorno, sem sonhos, por toda infinidade.



**Adelvani Silva Camuso**  
Óleo sobre papel sulfite

## A santa vovó

Seríamos vizinhos de Dona Santa. Pelo menos o nome era maravilhoso. Certamente, uma dessas santas que Deus resolveu deixar mais uns dias na terra. Às oito da noite, nossa resistência chegou ao fim. Acordamos no outro dia, na casa nova. De repente, o quintal enorme, com mangueira, sapotizeiro, parreira e tudo a que criança tem direito. Entre o nosso quintal e o da vizinha, o muro de chuchuzeiro. De repente, entre as folhas, uma saia comprida, um braço, um rosto. Ficamos curiosos e fomos retribuídos com um cacho de uvas.



— Mamãe, venha ver vovó!  
— Que bom! Ganhei dois netos...  
— Bom-dia, vizinha! Cheguei ontem, à noite.  
— São seus filhos?  
— São, sim. Eles estão pensando que a senhora é avó deles.

— Deixe eles pensar. Vai ser bom para todos nós. Meu nome é Santa. Vivo aqui há muito tempo. E você?

— Maria. Maria do Carmo. Apareça, Dona Santa, para a gente dar uma prosa.

— Vou aparecer, minha filha. Você também apareça.

Daí em diante, uma ponte se ergueu entre aqueles dois mundos. Depois da janta, para que outra vida? Conversar com Santa Vovó. Ela se sentava na cadeira de braços e contava casos de Camamu, para fazer a gente dar risadas. Recebíamos os presentes mais caros do mundo: ambrosia feita com o leite de sua própria vaca, que pastava no morro do Pernambuco; cachos de uva-roxa, tirados de sua própria parreira; jabuticabas... Olhe, deixe pra lá, senhor. Já faz tanto tempo...

Quando pintávamos o sete, a pergunta era certa:

“Quem já viu neto apanhar na presença de vó?” Eta, meu Deus! Quem nunca teve vó, não sabe o que é viver no paraíso. Principalmente a nossa, que não precisou ser feita por etapas. Já a escolhemos prontinha, aos setenta anos.

Santa Vovó nos deixou invejados pelos outros meninos da mesma rua. “Meninos no quintal da Velha Santa? Quem diria? É isso mesmo, a sorte não é pra quem quer...”

Ficamos teimosos demais. Pio, meu irmão, chegou ao ponto de ir jogar bola, sem dizer para onde ia. Eu, então, dava até dor de barriga para não ir à escola. Uma noite, entendemos de querer mingau de aveia antes de dormir. Não havia leite em casa, mas queríamos mingau. Começamos a chorar. Em breve, Santa Vovó ouviria o choro e mesmo que

já estivesse deitada, haveria de se levantar, para saber o que estava acontecendo aos seus netos. Mamãe, sem mais saber para quem apelar, em meio a tanta agonia, nos ameaçou com um velho-papão.

— Se vocês não calarem a boca, vou chamar Zé Pereira.

Aquele nome nos deixou amedrontados. Todos os meninos da rua já tinham sido vítimas da sanha do velho execrando. Morava num casarão abandonado, junto à venda de Seu Plínio. Dobrado pela velhice, apoiava-se num longo bastão e pedia esmolas na feira. Conosco, porém, haveria de ser diferente. Tínhamos um anjo guardião:

— Se ele vier, a gente chama Santa Vovó.

— Ah, é assim?! Esperem aí. Oh, Zé Perei-r-a-a-a!

Na porta da rua, uma voz grossa e cavernosa respondeu:

— Oh! Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!

Não sei se eu dormi ou se desmaiei. Acordamos no dia seguinte, depois das seis. Fomos correndo contar a Santa Vovó e ela ficou indignada:

— Fazerem isto com meus netos?! Por que vocês não me gritaram? Se acontecer de novo, me gritem que eu vou lá e acabo com essa história.

Mamãe ficou murcha num canto, não soltou um pio. Aquilo, sim, que era avó. Vem pra cá de novo, Zé Pereira, que você vai ver o seu. Santa Vovó vai te cortar com o facão, miudinho como cebola, para temperar carne. E mamãe haveria de tomar o dela também. Só não seria cortada, porque era mãe da gente. Não se deve desejar mal a mãe. Deus castiga.

Pois bem. Aconteceu de novo. Queríamos ir à casa de Santa Vovó e mamãe não deixou. Ela deveria estar dormindo: a casa já estava fechada. Botamos a boca no mundo. Outra vez, o brado:

— Zé Perei-r-a-a-a!

Passados alguns instantes, a risada sinistra ecoou na porta da rua. Agora, porém, haveria de ser diferente. E re-

vidamos, num grito de socorro e vingança!

— Acode a gente, Santa Vovó!

Em questão de segundos, já ouvíamos o latejo na porta da rua:

— Se assunte, senhor. Vá caçar o que fazer. Amedrontar meus netos?! Olhe aqui o que eu tenho pra você...

E ouvíamos o tinir do facão na calçada. Quando os ânimos serenaram, bateram à porta e mamãe foi abrir. Era Santa Vovó que viera ajustar contas com ela. Passou-lhe um carão daqueles e depois nos disse:

— Vocês também vão dormir. É hora de criança estar na cama. Amanhã, o dia vai ser grande.

Morrendo de felicidades, tomamos a bênção e fomos dar boas risadas na cama, até que o sono nos pegasse. Passamos umas duas semanas meio cabreiros, mas depois, deixamos pra lá.

Ganhamos duas capas de chuva e entendemos de dormir vestidos com elas, para vermos como seria o sono encapado. Evidentemente, mamãe não deixou. O alarido do choro ultrapassou os limites da resistência humana. E não houve jeito:

— Zé Pereir-a-a-a!

Nem ligamos para os gritos de mamãe e continuamos o choro manhoso. De repente, murros na porta da rua. Continuamos com a boca no mundo, clamando agora por Santa Vovó. O velho-papão, desta vez, estava tão decidido que chegou a falar:

— Podem gritar. Ela não está em casa. — E continuou a dar murros na porta.

O pânico se instalou em nós. Mamãe, desta vez, se vingaria. Ficamos mudos, enquanto Zé Pereira pintava e bordava na porta da rua. Já nos despedíamos desta vida, quando uma outra voz falou:

— Tia Maria! Ô, tia Maria! Abra aqui, sou eu!

Até mamãe tomou susto. Jamais pessoa alguma fora tão bem vinda a nossa casa. Era Prima Iuiuca, espantada com o espetáculo. Perguntava lá de fora:

— Ô, e já é carnaval, gente? Para que esta fantasia fora de tempo?

O Zé Pereira quis correr, mas já era tarde. Mamãe abriu a porta no instante em que Prima Iuiuca arrancava a máscara do velho safado. E lá de dentro dos farrapos, surgiu a cara de Santa Vovó, desenxabida, toda sem graça.

Menino não podia ficar de-mal com os mais-velhos, mas nos vingamos. No dia seguinte, estávamos brincando na porta da rua e ela passou por nós. Apenas dissemos:

— A bênção, Dona Santa! — E entramos para nossa casa.

Passados alguns dias, mamãe nos chamou e disse:

— A Velha Santa está de cama, passando mal. Está apaixonada, porque vocês não querem mais ser netos dela. Vão lá, fazer uma visitinha a ela. Hoje, por ti; amanhã, por mim. Mesmo, meus filhos, o mundo dá muitas voltas... Eu vivo aqui, sozinha com vocês e precisamos de deus-e-o-mundo. Aliás, a velhinha não fez aquilo por mal, fui eu mesma quem pedi...

Palavras de mãe são **sentenças**. Fomos à casa de Dona Santa. Ela estava deitada, enrolada numa colcha branca. Quando nos viu, começou a chorar. Sentou-se vagarosamente e, para espanto nosso, ajoelhou-se de mãos postas, pedindo clemência:

— Meus netos, pelo amor de Deus, não tenham raiva de mim, de sua avó. Que será de mim sem vocês? Eu não tenho parente nem aderente. Todo mundo, nesta rua, tem filhos e netos... Eu não tenho ninguém...

Abriu a boca num berreiro e foi preciso que mamãe trouxesse um copo com água e açúcar. Nós também choramos e fizemos as pazes. Passou um tempão alisando mi-

nha cabeça. Pio, mais afoito, tinha saído para brincar lá fora. Depois, Santa Vovó abriu uma caixinha dourada, retirou de lá uma corrente de ouro e me deu, dizendo:

— Tome! É sua. Um presente de sua avó, no dia em que ela aprendeu a maior lição da vida: **quem é espada do mundo e palmatória do povo termina esmagado como casca de ovo.**



**Marlene Lawinsky de Andrade**  
Resina derretida sobre papel paraná

## A tia da pá virada

— Aquela tua tia  da pá virada...

Eu ouvi isso tantas vezes, mas tantas vezes, mesmo. Mamãe não perdia oportunidade para repetir essa frase a respeito da irmã. Bastava que Tia Adelaide fizesse qualquer coisinha, e la vinha o carimbo. Quando eu era pequeno, cheguei a pensar que minha tia tivesse um defeito na p. Era isso: a p, aquele osso dos ombros, devia ser virada. E eu olhava e reolhava e não via sinal da pá virada. Um dia, Tia estava sentada comigo, debaixo da mangueira, no quintal de nossa casa, e eu perguntei a ela a respeito da pá virada. Ainda me lembro da gargalhada e ela explicando:

— Aquela tua mãe! Virada é a cara dela... É porque eu nunca fui igual a ela, toda séria, toda sisuda, reclamando por tudo, governando todo mundo. A vida, meu filho, é uma coisa maravilhosa. Às vezes, a gente apanha, às vezes, a gente bate, a gente perde, a gente ganha. E com tudo isso, a gente aprende. Não vale a pena levar tudo a sério. Bem verdade que algumas coisas são sérias, mas nem tudo. É só a gente saber levar as coisas, as pessoas, os acontecimentos...

Quando Tia Adelaide me explicava as coisas, o mundo fazia sentido. E por isso mesmo, eu não perdia ocasião de estar com ela, ouvir os casos engraçados que ela contava e as explicações da vida. Mulher inteirada, aquela. Trazia, em várias partes do corpo, as marcas de navalhadas, dos tempos de suas brigas, quando ela freqüentava o Bataclã. Mas os casos que eu mais gostava eram os das brigas na Ladeira da Montanha, lá, em Salvador, e do Terreiro de Procópio. Um dia, ainda conto a vocês os casos que ela me contava...

De repente, eu senti uma vontade enorme, daquelas que sempre chegam fora de hora. Mas conviver com Tia Adelaide era poder dizer o que queria, o que sentia e o que pensava, sem censura nenhuma. Podia até receber ensinamento, explicação, alguma zombaria; mas condenação, nunca. Certo disso, eu anunciei:

— Tia, estou com uma vontade danada de comer farofa de carne-do-sol...

— É a coisa mais fácil deste mundo. Mais vale um gosto do que cem mil réis. Vamos à feira, agora mesmo, buscar.

— E dinheiro, Tia?

— Dinheiro?! Pra quê? Tem um safado na feira, que compra carne no Banco da Vitória a um cruzeiro e vende aqui a quatro. Nem o transporte ele paga, porque traz as mantas de carne na canoa do sogro e ainda põe o enteadado para remar para ele, de graça. É de hoje que eu estou de olho nele... Vamos lá que eu vou ensinar a ele a regra do bom

viver e a você, como é que se rouba ladrão, sendo mais esperto do que ele.

— Não faz medo não, Tia? E a polícia?

— Que polícia, que nada... Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão. Além do perdão, ainda come farofa de carne-do-sol sem pagar um tostão.

— E o homem da carne não vai matar a gente?

— Que nada! Ele está tão certo de que todo mundo é besta, que nem vai perceber.

Era a glória: caminhar pela feira com Tia Adelaide e comer farofa de carne-do-sol. E lá fui eu, agarrado à mão de minha tia, desfilando pela Rua da Frente. A feira acontecia debaixo do tamarineiro. De longe se via: gente feito formiga. Tia Adelaide levava um mocó na mão. Ah, a feira! Nunca vou esquecer aquela festa. Sardinha assada na brasa, beiju de tapioca, coco de xandó, araticum, massaranduba... Meu arrebato foi cortado pela voz de Tia Adelaide:

— Quanto é o inhame, freguês?

Diante de nós, uma montanha de inhame. Mas eu nunca tinha visto aquele tipo. Peguei uma raiz de inhame e indaguei:

— Que inhame é esse, Tia?

Ela respondeu em voz baixa:

— Bote den' do mocó...

Eu não entendi e quis saber?

— O quê?!

E ela:

— Bote dentro do mocó.

Eu continuei sem entender e tornei a perguntar:

— O quê?!

Tia Adelaide gritou:

— Bote dentro do mocó! Seja esperto, preste atenção!

Repetiu, dizendo sílaba por sílaba:

— Bo-te den-tro do mo-có!!!



Olhei para baixo e o mocó estava arreganhado, puxado pelas duas alças. Joguei o inhame dentro. Olhe, nem sei como foi aquilo, mas o certo é que o mocó se fechou tão depressa, que ninguém notou. Tia Adelaide disse para o homem do inhame:

— Tá muito caro. Não quero, não.

Sáimos dali, eu quase arrastado pela mão, sem entender direito tudo aquilo que tinha acontecido. Tive de indagar:

— Foi o quê, Tia?

— Nada não. Depois eu explico, não se pode falar alto...

Também meu olhos me arrastavam por toda a feira, sem me dar tempo para pensar em nada. E lá fomos nós, em direção das barracas de carne. Gente, que fartura! Olhe, tinha de tudo. Os barraqueiros gritando, as pessoas amontoadas ao redor das bancas. Tia Adelaide descobriu a barraca de Medrado, se meteu no meio da roda de gente, foi se esgueirando, até ficar bem próxima, mas não o suficiente para ficar na linha de frente. Antes ela me explicou:

— Segure firme o mocó, fique calado, largue minha mão. Quando eu lhe passar um embrulho, ponha depressa dentro do mocó e quando eu sair da barraca, me acompanhe, sem segurar minha mão. Preste atenção. Se não, tua mãe me mata e eu não te trago mais pra feira...

Eu não podia falhar uma segunda vez na mesma manhã. Larguei a mão de Tia Adelaide e fiquei mudo. Apurei bem os ouvidos, escancarei os olhos mais ainda e me postei na trincheira, bem atrás de Tia Adelaide.

— Medrado, me dê um quilo de carne-do-sol! Mas eu quero chã-de-dentro.

Passou um tempo e ela dobrou o braço para trás, com um embrulho na mão. Desta vez, não vacilei: peguei o embrulho, rápido, e coloquei dentro do mocó. Passou mais um tempo, e Tia tornou a gritar:

— Medrado, cadê meu quilo de carne-do-sol? Quer me

castigar, Medrado? Deixei minha panela no fogo, homem...

Passou um tempo e, de novo, Tia dobrou o braço para trás, com mais um embrulho. Arrebatei o pacote e guardei no mocó. Passou mais um tempo, e o grito de Tia Adelaide de novo:

— Medrado, meu quilo de carne-do-sol?!

Desta vez, Medrado falou:

— Oxente! E eu não te dei, não? Tô ficando leso... Na minha cabeça, eu já tinha pesado tua carne, mulher. Mas vai ser agora mesmo.

— Oxente, digo eu. Mas me deu como, homem? Olhe pra mim, pra minhas mãos vazias, limpas como Deus quer as almas... Olhe, deixe pra lá, eu estou com pressa, minha panela ficou no fogo, vai queimar. Depois eu volto aqui.

Tia Adelaide virou por cima do corpo e saiu da barraca. Medrado ainda gritou:

— Venha cá, mulher! Toma a carne!

— Não, não! Depois eu volto. Minha panela vai queimar, deixei a casa sozinha!

Segui Tia Adelaide até ela se voltar e segurar minha mão, dizendo com alegria:

— Agora, sim, perfeito! Roubamos o ladrão. Agora, temos carne-do-sol com fartura. Viu como foi fácil? Nota dez pra você. Isto que é um sobrinho de ouro.

Gente, nunca mais experimentei um orgulho de mim mesmo tão grande, como aquele que senti, ao ser aprovado por Tia Adelaide, com nota dez. Sabe como é: o que a gente sente no tempo de criança nunca mais se repete, nem do mesmo jeito, nem da mesma forma. Saímos da feira, cada um, a seu modo, orgulhoso do outro. A coisa foi tão boa, tão perfeita, que eu resolvi perguntar:

— Tia, por que a gente não rouba umas laranjas também?

Ela largou minha mão, voltou-se para mim e disse:

— Vamos ali, para o cais.

Era uma murada em que muita gente se sentava para conversar. Aí, ela me suspendeu nos ares, me pôs de pé em cima da murada e os meus olhos ficaram frente a frente com os olhos dela. Ah, Deus, como esquecer aquilo? E Tia Adelaide foi curta e direta:

— A vida não é assim: sair por aí, roubando...

— Mas a gente não roubou o inhamé e a carne?

— Foi, sim... Para provar que a gente também pode ser esperto, basta querer. **A gente deve saber de tudo, mas usar apenas o que for melhor.**

Depois, Tia Adelaide tornou a me suspender nos ares, me pôs no chão e me levou para casa. Ah, farofa de carne-do-sol! Ah, saudade de minha tia!



**Marluce Costa Santana**  
Óleo sobre papel canson

## O pai escolhido

— Se isso fosse mentira, Maria, esse menino não ia correndo, esbaforido, para me contar tal história. E você precisa saber que, assim como há os invisíveis, também há bichos encantados. E os santos, Maria? São Tomé tem cachorro, São Roque tem cachorro... Até para cobra tem santo: São Bento não é santo das cobras?

— Pode ser. Mas menino inventa muita coisa, senhora...

— Você e suas descrenças... Pois eu acredito!

Mãe Velha continuava em minha defesa, tentando romper o ceticismo de mamãe. Eu fingia dormir. Era proibido escutar conversas dos mais-velhos. Depois, o sono me venceu. No dia seguinte, durante o café, Mamãe sentenciou:

— Se você ainda conversar sobre esse cachorro invisível, toma uma surra daquelas. Depois está aí um menino inutilizado, igualzinho à Linda de Deija, que só vive mentindo para Deus e o mundo. Tudo demais é sobra...

Depois do café com pão e silêncio, fiquei pensando no que fazer para atravessar a descrença de Mamãe. Meus nove anos me deixavam sozinho. Conversar com quem? Meu pai só vivia na roça. De vez em quando, vinha nos ver. Dona Elvira, a Professora? Deus me livre: seria castigo na certa! Menino mentiroso apanha de palmatória e fica de pé, na porta da rua, com um cartaz no peito: ***Sou mentiroso.*** Era proibido brincar com os meninos da vizinhança: andar com moleques não era para os filhos de Dona Maria.

Mãe Velha retornou para falar outra vez, com mamãe. Falou. Não adiantou nada. Para mamãe, cachorro encantado não existia e pronto.

Uma noite, eu já estava deitado, o sono vindo não vindo. O mundo girava, girava, girava, e eu senti a mesma coisa outra vez: um túnel de luz alaranjada apareceu dentro de mim e comecei a subir por ele. De repente, estava do lado de fora, boiando no espaço do quarto. Olhei para baixo e me vi enroladinho na colcha azul-claro. Junto de mim, deitado aos pés da cama, o Cachorro. Fiquei com medo e quis voltar. Um puxão para baixo, na rapidez da luz e abri os olhos. Ainda zozzo, vi o Cachorro Encantado olhando para mim. No susto, o grito:

— Mamãe! Olhe o cachorro de novo!

Um vulto austero, que empunhava a batinha-de-facão, assomou na porta do quarto. Aproximou-se, ligou a luz, puxou a cobertura. Desta vez era Mamãe, que me ofereceu duas alternativas:

— Ou você me mostra, agora, esse tal cachorro ou toma uma surra!

O ingrato do cachorro não foi encontrado. As surras-

de-mamãe eram conversadas. E naquela noite houve conversa miúda e demorada.

— Se lembra do dia em que você foi dizer ao filho de D. Alzira que você atravessa parede, dormindo?

Xulep! Xulep! Xulep!

— Ai, ai! Não digo mais não, não digo mais, não!

— Se lembra do dia em que você foi dizer a Renilda que você voa todas as noites?

Xulep! Xulep! Xulep!

— Ai, ai! Não digo mais não, não digo mais, não.

— Se lembra do dia em que você foi dizer a Maria-de-Preta que você pode ver o que está acontecendo do outro lado das paredes, se arriscando os vizinhos cismarem com você?

Xulep! Xulep! Xulep!

— Ai, ai! Não digo mais não, não digo mais, não.

Tantos se-lembra, tantos xulepes, tantos ai-ai-não-digo-mais-não.

Fiquei de mal com o Cachorro. Ele aparecia e eu nem ligava para ele. Começou a andar atrás de mim e eu fingia ignorá-lo. Ele me bajulava e me dizia coisas com os olhos, com a língua, com o rabo. Um dia, danado da vida, eu disse:

— Você me faça o favor, seu ordinário, de não me aparecer mais. Não quero mais meia com você. Por sua causa, eu tomei uma surra. Como você não tem coragem de aparecer à Mamãe?! Porque tem medo dela. Pois então, se suma! Eu não gosto de cachorro mesmo...

E ele me olhou triste, baixou a cabeça, arriou os olhos e ganiu. Foi a primeira vez que ouvi sua voz. Depois desapareceu. Finalmente estava me deixando em paz.

Uma semana se passou sem novidades. Uma tarde, eu ia entrando na escola de Dona Elvira, e quem estava sentado no meu lugar? Ele. Levei um susto terrível, fiquei pálido e passei mal. Levaram-me para o pátio, me deram chá para

beber e água-de-colônia para cheirar. Disseram que o almoço me fizera mal. Quando melhorei, me trouxeram de volta para a sala de aula. O meu lugar na carteira da frente, já estava vazio. Ele tinha desaparecido. Não tive coragem de falar sobre o Cachorro para os meus colegas. Mamãe prometera, na noite da surra, contar minhas **mentiras** a meu pai, assim que ele chegasse da roça. Eu não admitia passar por mentiroso diante daquele deus que sempre estava distante, igual ao outro Deus, numa roça misteriosa igual ao Céu.

Lembrei-me de Padre Maia e resolvi me confessar. Era quarta-feira-santa e o Pontal marisiava a peixe por todos os cantos. A fila do confessorário chegava até a porta da igreja. Esperei com o coração aos solavancos: falar do Cachorro Encantado para o padre? E se ele pensasse que era mentira? Chegou a minha vez e eu me ajoelhei tremendo. Houve perguntas e latinórios rotineiros num sotaque alemão. Um cheiro forte de mofo-de-igreja saía do confessorário. Finalmente, a brasa na ferida:

— Que faltas o menino tem cometido contra Deus?

Após um breve silêncio em que eu tentava arrumar o pensamento, metralhei:

— Padre Maia, eu ando vendo um Cachorro Encantado, mas Mamãe não acredita, todo dia ele me aparece e já tomei uma surra e tudo mais, e ele continua aparecendo, e eu digo para Mamãe e ele não aparece para ela ver, só aparece para mim...

— Olha, menino, cachorro encantado não existe...

— Mas eu vejo ele, Padre Maia...

— Você já teve vontade de criar um cachorro?

— Sempre tive, mas mamãe não gosta.

— Aí, está a resposta. Muitas vezes, a gente quer uma coisa e não consegue. Mas se a gente tiver uma imaginação muito forte, é capaz de ver essa coisa como se, de fato, existisse. O que o menino vê é apenas uma ilusão, é criação da

mente do menino. Basta o menino pensar, com confiança em Deus: “Este cachorro não existe.” Ele nunca mais vai aparecer ao menino. Reze três ave-marias e ofereça às Almas do Purgatório. Não falte ao catecismo, venha à missa todos os domingos e Deus vai abençoar o menino. O cachorro nunca mais vai aparecer, pois ele não existe.

Durante a penitência, tive de recomeçar a oração inúmeras vezes. Fiquei sem entender como era que as ave-marias matavam as pulgas que incomodavam as Almas do *Pulgatório*. Mesmo assim, saí da igreja ressuscitado.

À noite, me deitei pensando: “Viu que você não existe? Quero ver agora você aparecer de novo. Aparece cachorro!” Para assombro meu, ele atravessou a parede e entrou no quarto. O sangue gelou, a cama rodou e eu fiquei suspenso entre a realidade e o mistério. Mãe Velha, Padre Maia... Os santos têm cachorro... Imaginação forte faz a gente ver coisa que não existe... Terminei gritando:

— Saia daqui, você não existe!

— Au-au! Au-au! Au-au-au! — Latiu e desapareceu, fazendo piruetas no ar.

Do outro quarto, a voz de mamãe:

— Oh, gente, cachorro dentro de casa?! Por onde esse bicho entrou?

Fiquei maravilhado com o milagre: ele existia, sim. Latiu para mamãe ouvir. Até que enfim, meu Deus!... Passos se aproximaram de meu quarto e eu fingi que dormia. Silenciosa, Mamãe percorreu toda a casa, entrou no meu quarto, abaixou-se e espiou por baixo de minha cama. Coçou a cabeça e ficou me olhando demoradamente. Ouvi ainda uma frase sussurrada, o que me deixou mais feliz ainda:

— Será verdade que esse cachorro aparece mesmo, meu Deus?...

Cautelosamente, como entrou, saiu do quarto, puxou a porta e foi se deitar.



No outro dia, amanheci com o coração cozinhando esperanças. Fiquei à espreita de qualquer comentário, mas o vulcão estava desativado. Ao meio-dia, uma surpresa: dois cachorros pegaram uma briga em nossa porta, invadiram a casa e quebraram o caqueiro de begônia. Mamãe os expulsou com água fria e pauladas. No fim, fez um comentário que me deixou de orelha em pé:

— Nesta casa acontece cada coisa! É cachorro encantado aparecendo, cachorro latindo sem ter cachorro, cachorro brigando e invadindo a casa... O outro cachorro-de-dois-pés se some na tal roça e nem se lembra de ninguém, mas deixe estar: um dia eu amanheço de casaca virada e acabo com essa cachorrada toda!

Agora restava apenas Compadre Roque. E não hesitei em procurá-lo. Dois metros de altura, negro retinto, rosto marcado pela varíola, Compadre Roque sabia coisas do arco-da-velha. Inventei que ia buscar cavacos para acender fogo e o encontrei fazendo uma gamela. Não perdi tempo e fui logo disparando:

— Compadre Roque, eu vim pedir ao senhor para o senhor me dar explicação sobre um Cachorro Encantado que anda me aparecendo e mamãe não quer acreditar. Só o senhor vendo: outro dia ele latiu, mamãe ouviu, mas mesmo assim, ela não acreditou, até já tomei uma surra...

— Vem cá, moleque. Senta aí no cepo...

Galinhas amarradas no pé da mesa, folhas cheirosas empilhadas nos cantos da sala. Um pilão abarrotado de raízes maceradas, garrafas cheias de um líquido escuro numa prateleira enlinhada de teia de aranha. Conte tudo, miúdo por miúdo: as aparições, os sustos, as viagens pelo espaço, a travessia pelas paredes, o quadrado no espaço onde a vida de muita gente aparecia para eu ver... Lembrei até das duas mãos que apareceram na parede e me ensinaram a enrolar abará e a fazer a massa do aberém... Compadre Roque me ouvia com

o senho franzido, acentuando as rugas de seus setenta anos. Quando me calei, ele falou. No timbre da voz, o ronco do trovão:

— Conheci sua raça toda. Sua avó Hermosa, uma mistura de negro com índia. Sua bisavó, uma jabuticaba de tão preta que era. Sua tataravó, a velha Inês, que veio da África, arriava os peitos no colo, quando se sentava e morreu com cento e quinze anos. Nós somos outra gente, moleque. Você é moreno na pele. No resto, é igual a seu povo, aliás ao nosso povo. Nós somos nagô, moleque. Espere aí que eu vou lhe mostrar como é o mundo nagô. Um instantinho só... — Foi lá dentro e voltou com um espelho na mão — Olhe aqui. O que você está vendo dentro do espelho?

— O pilão... a mesa... a prateleira com garrafas... a parede cheia de pucumã...

— Também, você! Lá vem falando mal de minha casa... Mas o que importa é que você está vendo uma coisa que existe e não existe... Se não existisse a parede com pucumã, você não via isto no espelho. Mas veja: o que você vê no espelho está às avessas... O lado direito passa para o esquerdo e o esquerdo, para o direito. Olhe aqui, está vendo? — Apon-tava para os objetos refletidos na imagem e virava o espelho ao contrário.

— Mas... e o cachorro, Compadre Roque?

— Tenha calma, moleque. A gente chega lá. Pois bem; o mundo daqui é o **aiyé**: a terra, o mar, os bichos, as plantas, as coisas, as pessoas, tudo. A gente pode ver, pegar... Mas este **aiyé** é como se fosse a imagem que aparece num espelho grande, muito grande, do tamanho do mundo e é o retrato do **orum**. O **orum**, sim: é o verdadeiro. O que tem aqui, tem lá. Mas acontece que este mundo é pesado; o outro é leve. Tudo aqui se acaba; lá, não. Aqui tudo existe; lá tudo é para sempre. Por isso, este mundo é o mundo da ilusão...

— Então o cachorro encantado vem de lá? E onde é o

**orum**, Compadre Roque?

— Tenha calma, moleque. Tem tempo para tudo, neste mundo. O apressado passa por cima da sorte. Não se aprende de tudo nesta existência e o que se aprende não é de uma vez só... Pois bem; acontece que tudo aquilo que foi um dia criado não pode mais ter fim. E as coisas são criadas no **orum** e, de lá, viram imagens aqui, no **aiyé..**

— E como a gente faz para ir ao **orum**?

— A gente não pode ir lá. A matéria é muito pesada, meu filho. No **orum**, tudo é leve e transparente como a luz. Só se chega até lá, com a morte. Mas o povo do **orum** pode passar de lá para cá, assim como você pode ver a luz das estrelas...

— E as estrelas estão no **orum**, Compadre Roque?

— O **orum** não é um lugar... Não está longe, nem perto. É como a sombra da gente. Olhe aqui! — Aproximou da parede a mão negra e forte, até que se delineou uma sombra. — Pois bem; a mão e a sombra: a mesma coisa. Assim é o **orum** com o **aiyé..** O cachorro que você vê existe sim. Ele é do **orum** e, quando aparece, só você pode ver... Você nasceu para ser grande, meu filho! Seus olhos vão ser mais claros do que o clarão da lua-cheia. Olhe, vá para casa e bico calado. Nada de andar contando seus segredos a esse povo que não entende coisa nenhuma. Quem tem o seu dom não diz a ninguém, quem quiser saber que adivinhe...

Sai de lá empanzinado. Coisas na cabeça para remoer por muitos dias. A cabeça leve, a imaginação solta. Quiseram saber aonde eu tinha ido. Resisti ao castigo, mas não disse nada a ninguém.

Uma tarde mamãe estava com dor de cabeça e foi se deitar. Eu fiquei brincando sozinho, embaixo da mangueira. Gostava de cavar terra, fazer buracos, estradas e túneis. Aí, eu me lembrei da conversa com Compadre Roque. Pensei firme e disse alto:

— Apareça, meu cachorro! Aqui! Isca! Isca!

Eu estava sentado no chão e senti uma lambida na nuca. Era ele. Virei-me feliz e me abracei com ele. Soltou-se de mim, correu, pulou, saltou, foi ao fundo do quintal, voltou correndo e me fez mil festas. Então resolvi conversar com ele:

— Porque você me pregou tantos sustos?

— Au-au-au. Inf-inf, au-uuu, buf-buf.

— Olhe, nunca mais vou dizer a ninguém que vejo você.

— Au-au, au-au-au-au. Grup-grup inf-inf-inf-inf

Deitou-se no chão e eu me deitei ao lado dele. Parecia que uma banda de mim estava sumindo e o mundo ficando vazio. Uma moleza no corpo e uma sensação de sonolência tomaram conta de mim. Ainda ouvi a voz de mamãe:

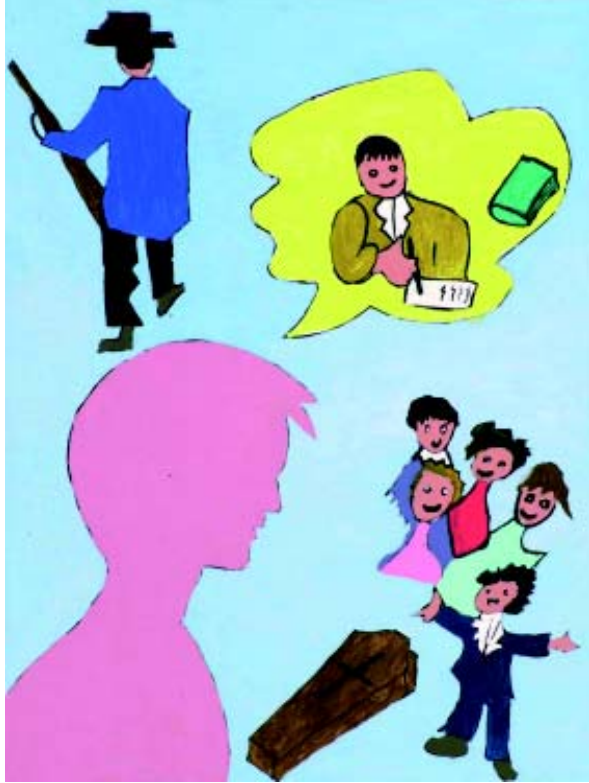
— Venha tomar banho! Dormindo nessa areia! Oh, meu Deus, o que é que esse menino tem? Há poucos instantes, deixei o menino sãozinho, brincando e já está nesse estado?! Eta filho que me dá trabalho, meu Deus!...

Passsei três dias acamado, até que me deu um estalo e me sentei na cama, dizendo a mim mesmo:

— Mas o que é que estou fazendo aqui, doente, se agora tenho um outro pai? É isso: Compadre Roque é o pai que eu vou escolher para ser meu agora.

Troquei de roupa e saí escondido. Meu novo pai me recebeu com a alegria derramando pelos olhos e disse:

— Morequim, eu estou dessa idade e nunca ouvi dizer que alguém tivesse feito um pai. E agora vou ter que aprender tudo de novo. É isso, meu filho: aprender com você... **O mestre sempre aparece, quando o discípulo está preparado.**



**Marluce Costa Santana**

Guache sobre papel sulfite

## O neto enjeitado

A família do doutor Otaviano deve estar reunida, chorando em torno do ataúde, Mariquinha pensa. Pela mão, quase arrasta o filho de cinco anos, que se distraía, observando os veranistas, que jogavam bola na praia. O moreno trigueiro da pele, a marca da mistura do sangue negro e indígena nas veias. Nouca deve estar lá, também, Mariquinha pensa. No rosto, as linhas duras da apreensão. Atravessa a prancha com facilidade, protegendo o menino. Sentados já, mãe e filho, no mesmo banco da lancha. O nordeste soprava, amenizando o calor da tarde. Revérberos feriam os olhos no

espelho do mar. Foi o filho o primeiro a quebrar o silêncio:

— Mãe, quando foi que meu avô morreu?

Antes de responder, Mariquinha tomou um sorvo de ar. Na mente, imagens dos antepassados, trazidas pelos traços do filho. O corpo magrinho, igual ao avô Ulisses. Enrolados, os cabelos, idênticos aos da avó Hermosa. E aquela inteligência aguçada? Herança de sangue do doutor Otaviano. No cérebro, a argúcia que não deixava ninguém duvidar: saiu ao avô.

— Hoje, meu filho. Nove horas da manhã.

Deslizando, a lancha rasgava a tranqüilidade das águas. A baía do Pontal se tingia de tons róseos. O crepúsculo se aproximava.

— Mãe, de que ele morreu?

Outra vez a curiosidade do menino. Igualzinho ao doutor Otaviano. Ali estava ele, no neto que enjeitara.

— Do coração, filho. De um ataque do coração.

Lanchas, canoas e saveiros se cruzavam. Alguns tão próximos que os passageiros se cumprimentavam. Nas imediações da barra, a lancha começou a jogar. Mariquinha se acomodou no banco. No coração, aquele medo de sempre. Inútil esconder, o filho haveria de notar.

— Mãe, está com medo?

— Medo nada, filho.

— Mãe, me conta porque motivo a senhora nunca me levou para o sobrado antes. Tanto que eu queria conhecer meu avô vivo. Agora, de que adianta? Ele não pode mais me ver...

Estremecendo, Mariquinha sentiu chegar o momento. A hora sempre fora adiada. Tanto quanto possível, negou falar sobre aquele assunto. Um dia, porém, o filho terminará sabendo. Inteligente que é, não descansará, enquanto não souber tudo. Mas naquela idade? Que compreensão teria a criança? Às vezes, até ela mesma, a mãe, esquecia-se de que

aquela não era uma criança igual às outras. Nos seus cinco anos, a inteligência de um adulto, assim dizia a vizinhança, envaidecendo Mariquinha. Afinal, teria de preparar o menino para o primeiro contato com a família Varzim.

“Rodrigo, meu filho, você é um Varzim. Seu avô era um grande milionário. Sim, eu sei. Morei muito tempo na fazenda **Cidade Nova**. Hermosa, minha mãe, tinha morrido. Fiquei de déu em déu, até que Guinga me arranhou emprego na fazenda do doutor Otaviano. De nada adiantou eu saber escrever e gostar de ler romances. Lugar de mulher era na cozinha. No meio do vale, ficava a casa, numa pequena elevação. E a perder de vista, em qualquer direção, o verde do cacau. Homem farto, aquele, sabia comer do bom e do melhor. Feira para um mês, desde o bacalhau da Noruega, ao vinho francês. Na fazenda, luz elétrica, água encanada e telefone. Na roça, os filhos do doutor — seu pai, Nouca, e seus tios — eram os **cabos-de-turma**. Sete homens, oito com o doutor Otaviano. De mulher, na casa grande, apenas eu. Cuidava de tudo, para que nada faltasse a tempo e hora. Sua história começou, Rodrigo, numa tarde de agosto. Todos estavam ocupados com o transporte das sacas de cacau. Um cisco caiu no olho de Nouca, seu pai. Ele voltou para casa mais cedo e pediu que eu soprasse o olho. Quando acabei de tirar o cisco do olho dele, você já era uma semente que eu guardava no ventre. Depois, o receio. E se o doutor viesse a descobrir? E se ele não mais me quisesse entre os seus? Três meses se passaram na ansiedade da descoberta. Já havia tempos que tonturas e enjôos me dominavam diariamente. E naquela tarde, eu tinha passado alguns vexames sozinha, trancada no quarto. O sol de fim de ano esbanjava luz por todos os cantos. Na cadeira de balanço, o doutor Otaviano escrevia em seu caderno de anotações. Trouxe-lhe o café e a ocasião me fez ficar sozinha com ele. “Sente-se, Mariquinha, disse ele, sorrindo para mim, vamos apreciar a beleza do verde

desse mundo de meu Deus.” Passei-lhe a xícara de café coado naquele instante, e ele o saboreou de gole em gole. Ele era assim: tudo o que fazia, bem feito fazia, como se fosse seu último gesto.

Seu avô era um homem fino que tinha maneiras delicadas para tratar as mulheres. Também não podia ver um rabo de saia. Foi uma conversa longa, a que tivemos. Falou das suas fazendas e da viagem que faria ao Rio de Janeiro. Quando falou sobre os filhos, aproveitei e feri na pergunta: “O doutor não tem vontade de ter um neto?” Ele me olhou demoradamente e respondeu: “Neto?! Quando eu penso, Mariquinha, que meus filhos calçam, vestem, comem e bebem porque eu dou... Mal acabei de criá-los e começar outra luta para criar filhos deles?”

Um nó na garganta me fez mudar de assunto. A cozinha me chamava, apresentei a desculpa. Uma semana gastei, o juízo ardendo, na busca de uma saída. Depois, a decisão: eu ia embora. “Você é quem sabe. Se você acha melhor assim”, foi a resposta de Nouca. Faltava agora o doutor saber. Mas teria de ser pela minha própria boca.

A noite de sábado chegou. Depois do jantar, fiquei de costas para o doutor Otaviano e fingi arrumar as gavetas da cômoda. “Doutor, — sentenciei — eu quero ir embora para Ilhéus.” Com voz aflita, ele me respondeu: “Mariquinha, não faça uma coisa dessa... Por que você quer ir-se embora? Acaso, algum de nós a maltratou? Falta-lhe alguma coisa na nossa casa?”

Respondi o que vinha ensaiando, havia uma semana: “Nada, doutor. Apenas sua casa não me serve mais.”

Depois, o silêncio, os pratos, a cozinha. E no outro dia, seu tio Osmundo veio me trazer para Ilhéus. Aqui no Pontal, procurei a Guinga que me deu agasalho até que você nasceu. Quando Nouca veio me ver, você já estava com seis meses de nascido. Depois, começou a vir de vez em quando, e ainda é assim, até hoje...”



O encontrão da lancha no cais denunciou a chegada. Mariquinha conduziu o filho pelas ruas de Ilhéus, até o sobrado da Rua da Borboletas. As janelas abertas, o portão escancarado. Na porta, a capela, arauto da morte. Rostos estranhos pelo corredor, Rodrigo viu, enquanto penetrava no sobrado, um mundo encantado de novidades. A cristaleira abarrotada de copos e taças, um relógio de carrilhão. Na sala de visitas, um ataúde em cima de uma mesa envernizada. Na cabeceira, um santo igual ao Cristo, que havia na igreja de São João. E aquelas velas acesas, enormes? Não podia compreender como é que as pessoas usavam tanto enfeite na presença da morte. O seu tamanho não o deixou ver o corpo do avô. Como seria ele? Nas poltronas, a família enlutada conversava. Será que estavam doentes? Por que estavam falando tão baixo? E por que, lá na cozinha, se preparava tanta comida? Seria preciso fazer uma festa para o morto? Enterro de gente doutor seria uma festa de aniversário?

Caminhando a esmo, Rodrigo chegou junto a um dos tios. Era Tavinho, o irmão mais velho de Nouca.

— Tio, pai não está aqui?

— Não. Ele foi ao comércio, para tomar umas providências, mas volta já. E você, moleque? Já está estudando?

— Sim, senhor. Olhe, já sei ler. Até já li *Os onze cisnes selvagens, A espingarda de ouro, Os sete ladrões de Bagdá...*

— O quê, senhor?! Temos um literato na família!

— *Literato* é quem lê estória de menino, tio?

— Não, meu filho. Literato é quem gosta de literatura. Outra coisa: não é *literato*. É li-te-ra-to.

— E o que é Literatura, tio?

Não fossem o momento e o espaço, Tavinho tinha dado uma gargalhada. E foi reprimindo o riso com dificuldade que ele acrescentou:

Você me enroscou... Você é muito inteligente, meu filho. Puxou a seu avô. Ele era o homem mais inteligente que

conheci. Meu pai... Ele era um doutor, meu filho. Engenheiro e agrimensor...

— Engenheiro, eu sei o que é, mas agrimensor, eu não sei. O que é agrimensor, tio?

— Agrimensor é quem sabe medir terras. Seu avô foi o único fazendeiro que não era “coronel”. Ele era doutor. Hoje, ele morreu, deixando uma grande herança: fazendas de cacau, muitas casas, sete filhos e duas filhas...

Do resto, Tavinho não pôde continuar falando. E perdeu-se nos seus pensamentos, fitando o corpo do pai. Na roça, Helódia deveria estar chorando. Ela, a amante de seu pai. Nunca pudera compreender a graça que o pai achara na cabocla. E naquela idade... Outra coisa que nunca entendera foi por que seu pai, um homem culto e tão inteligente, o condenara e aos irmãos a serem trabalhadores da fazenda. E mirava as palmas das mãos endurecidas de calos. Na certa, o visgo do cacau nivelara a mentalidade do pai à dos outros fazendeiros. Que outra coisa domina a alma deles, a não ser aumentar seus domínios e dobrar a produção? Nem o doutor Otaviano tinha escapado da lei do cacau. Quem, um dia, dormiu à sombra de um cacaueiro — pode crer — está condenado, para o resto da vida, a viver na sombra dele. Parece até uma árvore maldita, a pedir suor e sangue, para frutificar. Ele, Tavinho, tinha passado toda a sua infância e adolescência no plantio e zelo dos cacaueiros do pai. De que adiantava, agora, o bom pedaço do império que herdava? Ações no Banco do Brasil, várias casas no Pontal, aquele enorme sobrado, verdadeiro palacete? Só o dinheiro que estava no cofre da casa-grande daria, pelos seus cálculos, setenta contos de réis para sua mãe, agora a viúva Cresilda Varzim, e outros setenta para dividir entre os nove filhos. Uma verdadeira fortuna! Que adiantava, porém, tudo aquilo agora? O quanto deixara de gozar, de viver na sua juventude, sendo ***cabo de turma*** nas fazendas do pai, pegando no facão igual

aos trabalhadores? No peito, ainda a dor fina de sufocar o advogado que sempre desejara ser. Nouca, o pai de Rodrigo, era o tropeiro. Um sonho murcho também dormia nas mágoas do coração dele. Que médico Nouca seria, se tivesse estudado... Até mesmo o caçulinha mimado, Osmundo, tivera de abdicar de seus sonhos de engenheiro. Ele, doutor Otaviano, o que lucrara? Alguns passeios ao Rio de Janeiro, à Capital... Uma amante que não era lá essas coisas... Depois, a velhice chegou, tirando-lhe as forças, para continuar satisfazendo os caprichos daquela infeliz. E o doutor Otaviano vivia experimentando vários remédios, até que não podia mais viver sem as injeções de **Testoviron**. O coração foi sentindo os efeitos. Seu irmão, Osmundo, bem sabia que o velho não deveria continuar tomando aquelas injeções, o médico proibira. Mesmo assim, ele anuía aos caprichos do velho em troca de preferências sobre os irmãos. Aquele caçulinha mimado! Suas mãos nunca alisaram um cabo de enxada. Até se transformara em motorista do pai. Helódia, ainda bem nova, com o fogo no sangue, e o doutor se acabando no **Testoviron**. Finalmente, o resultado foi aquele colapso cardíaco, matando-o com a agulha ainda cravada no braço... Quando Tavinho abriu a boca foi para aconselhar:

— Não se esqueça, Rodrigo, da lei do cacau: pai rico, filho nobre, neto pobre...

A palavra **pai** despertou Rodrigo que estava confuso com aquela frase do tio:

— Tio, pai vai demorar muito de chegar?

— Não, meu jovem literato. Breve o teremos de volta.

No outro lado da sala, Rodrigo viu Seu Joaquim de Santa Ana, velho mascate, agora aposentado do ofício por força da idade e do reumatismo. Esgueirando-se entre as pessoas, o menino se aproximou do velho.

— Olá, Seu Joaquim de Santa Ana! — Era assim que o velho gostava de ser chamado, Mariquinha, um dia, dissera.

— O senhor conheceu meu avô?

— Se conheci, Rodrigo?... Quando eu vim de Portugal, em 1872, estava com a tua idade. No mesmo cargueiro, vinha a família Varzim. Teu bisavô, o velho Francisco Xavier da Fonseca Varzim, que Deus o tenha, a velha Emerenciana e mais quatro filhos. Saímos de lá, de Póvoa do Varzim, e não conseguimos voltar até hoje. Teu avô nasceu aqui, no Brasil, três anos após chegarmos. Sabes, Rodrigo? És ainda uma criança pequetita, mas a fama da tua inteligência é conhecida de todos. Foram tempos duros, aqueles...

E Rodrigo ria da fala do velho, que arrastava nos erres e pronunciava certas palavras de um modo tão engraçado. Ele quase não abria a boca, quando falava, Rodrigo notou. Desatinado nas lembranças, o ex-mascate desfiava seu rosário de memórias:

— A princípio, as durezas da adaptação. Nova terra, nova gente, novos usos. Trabalho havia, por que não dizer? Difícil, porém, encontrar algo para o qual se tivesse aptidão. Homem obstinado foi aquele Varzim. Cinco filhos, todos diplomados, com anel no dedo. Vai ter sorte assim, no raio que o parta. Já, para mim, não me coube lá bom bocado da sorte. Não tive filhos e nada pude fazer, a não ser mascatear. Cá me estou, na dureza da idade, entrevado de reumatismo...

— Deus que dê uma boa noite a todos! — O trovão da voz do Coronel Permínio chegando. — Então o compadre Otaviano se foi, hem? É isso mesmo, caminho de todos nós. Tavinho, Félix, Osmundo, vocês aceitem meus sentimentos. E comadre, onde está?

— O médico passou um sedativo e ela está repousando. Esta semana, ela não tem passado bem. E agora, com esse abalo... — Explicou Tavinho ao coronel, que abraçava a todos, dando tapas nas costas.

— Não há de ser nada. Tem tempo de sobra, para a gente se ver. A noite mal começou. Vou me abancando por aqui

mesmo. — E se esparramou numa poltrona acolchoada de veludo.

Rodrigo não conhecia aquele senhor. Depois, ele era sisudo, barba grande. Parecia até com São João Batista. Será que faz mal gente parecer santo? Tinha certeza de que aquele homem barbudo sabia de muitos casos sobre seu avô. Não custava nada tentar... Mesmo que ele fosse brabo e pegasse menino, estavam ali seu tio Tavinho de braços possantes e sua avó Cresilda a quem todos beijam a mão. A gente só beija a mão de quem a gente tem medo... Fingindo andar ao acaso, avizinhou-se da poltrona onde o coronel se instalara. O assédio não haveria de demorar. Mas ainda não sabia o nome daquele homem. Ouvido na tocaia, até captar seu tio na pergunta:

— Então, coronel Permínio, como vai a fazenda?

Foi o suficiente. Após a espera, o silêncio na boca do coronel, e a voz de Rodrigo no ataque, agora:

— Coronel Permínio, o senhor veio para a *sentinela* de meu avô?

— Claro! Quem é você, moleque sabido?

— Eu sou Rodrigo Varzim. — E enfunava-se todo ao pronunciar Varzim, que sempre lhe soou nobre e imponente.

— Sou filho de Nouca.

— Então, você é o filho da Mariquinha? Mas está tão crescido! Sabido como uma beleza! Cadê sua mãe, que há tanto tempo não a vejo?

Rodrigo metralhou na resposta, perguntando:

— Mãe está lá dentro, na cozinha. O senhor me conta um caso de meu avô?

— Conto, sim, moleque. Que caso você quer saber?

— Caso... Qualquer um...

— E pra que você quer saber da vida de seu avô?

Num fôlego só, a resposta jorrou:

— Porque eu tinha vontade de conversar com ele, por-

que meu pai disse que ele era muito sabido, e eu quero ser um doutor sabido também, aí eu queria que ele me ensinasse, mas agora ele já morreu e eu não posso mais falar com ele.

Franzindo a testa, Coronel Permínio forçou a memória e as lembranças vieram rapidamente. Na voz pausada, a saga do cacau nas terras da Bahia.

“Foi nos começos do século. A gente estava na flor da idade e as terras de Braço do Norte seriam de quem chegasse primeiro. E compadre Otaviano sabia: o boi que vai na frente bebe água mais limpa. Homem inteligente, o compadre. Fez logo camaradagem com os índios, a quem ele chamava **os compadres**. Vinha a Ilhéus e, quando voltava, levava pentes, espelhos, fitas, perfumes, fumo, aguardente, chita de todas as cores. Pendurava tudo nos galhos das árvores. Os índios recolhiam e, em troca, nunca flecharam um só trabalhador da roça de Otaviano. O arraial de **União-Queimada** até hoje tem esse nome em homenagem a seu avô e, já, você vai saber por quê. Homem de raça e coragem! Os jagunços tinham invadido o arraial, a mando do Coronel Juca que estava na disputa das terras e **União** era a entrada do vale, na boca da picada aberta na mata. Umas quinze casas cobertas de palha. Era lá que a gente negociava. **União** é como essas mães: magrinha, sumida, velhinha... mas cevou filhos gordos e bonitos. Sem **União**, não haveria Baforé, Piranji, Bandeira, Campo Belo... Vir a Ilhéus custava quatro dias de viagem: dois na ida, dois na volta. Agora, a gente tinha perdido nosso comérciuzinho e a boca da mata. Do compadre Otaviano, o plano arrojado: “Compadre Permínio, tomaram **União**. Sem aquele comércio, vamos perder as terras. Marchar contra o arraial é perder a luta e talvez a vida. Eles, os jagunços, estão entrincheirados. Vou invadir **União** sozinho, compadre!” Sem entender o que se passava na cabeça dele, perguntei: “Que é isso, compadre? Acaso, o senhor está per-

dendo a razão? Falando em suicídio?” Então ele resolveu me explicar. “Compadre, eu fundei **União**. Conheço aquilo que nem a palma da minha mão. Vou descer o rio, ribanceira abaixo. Vou sair já bem em cima das casas, pelos fundos. Os índios, **compadres** e amigos meus, sabem jogar flecha. Flechas de fogo, compadre. O caboclo Juvêncio, compadre. Não é ele capaz de assetear gavião em pleno vôo? E os três filhos dele, compadre? Não existem índios mais valentes por aqui.” Sem mesmo ainda ter compreendido direito como o ataque haveria de ser feito, me apresentei como voluntário.

O índio Juvêncio e seus filhos vieram conosco. Tomamos a canoa que deslizava nas águas do Braço do Norte. No fundo da canoa, as flechas, com tufos de pano embebidos em querosene, misturadas aos **papos-amarelos**. Juvêncio mascarava fumo e os filhos tomavam goladas de destilada, de instante a instante. O negrume da noite escondia até a nossa respiração. O gargarejo das águas disfarçava o chape-chape do remo. No fundo do arraial, encalhamos a canoa entre as **baronesas**. Subimos o barranco e Juvêncio com os filhos prepararam os arcos. Uma flecha após outra, no disparo, sem que ninguém percebesse. E quando os jagunços pressentiram o fogo, já as casas viravam fogueiras. E as chamas, aticadas pelo vento, devoravam tudo numa ferocidade dos infernos. O compadre e eu caímos em cima dos cabras, atirando a torto e a direito. Só se ouviam pragas, tosse, gemidos e gritos dos jagunços perdidos no meio da fumaça. Os que conseguiam escapar deixaram o território livre. Por isso, **União** passou a se chamar **União Queimada**, até hoje...”

A chegada de Nouca desarmou os ouvidos de Rodrigo, que correu para abraçá-lo.

— Já viu sua avó? — O pai quis saber.

— Não, senhor. Disseram que ela está lá em cima, porque o médico deu um remédio, para ela dormir.

— Vamos lá, em cima, então. Quero que ela o veja.

Tomando a mão do filho, Nouca se dirigiu para o primeiro andar. Na porta do quarto da velha Cresilda, parou. Deu três pancadas leves antes de entrar, perguntando:

— Mãe! Está acordada?

— Estou, filho. Pode entrar.

A velha deitada na cama, a cama no meio do quarto e o quarto do tamanho do mundo. Nas paredes, velhos retratos de fisionomias desconhecidas por Rodrigo. Na cabeceira alta da cama de jacarandá, compridas trepadeiras se entrelaçavam. Cabelos puxados para trás, alinhavados de branco, amarrados em rodilha na nuca. O rosto um tanto enrugado e os olhos no fundo das órbitas. Murchas, as maçãs do rosto. Quase apagados, os lábios, resumidos a uma linha, formando a boca. Tempo para a conversa do filho não houve, pois alguém o chamou lá embaixo.

— Fique com sua avó. Não me demoro. — Nouca disse.

— E nada de perguntas, hem! Sua avó está adoentada.

— Deixa a criança, Nouca. Ele está na idade.

Puxando a porta, Nouca saiu para o corredor, em demanda do andar térreo. Mal se viu a sós com Dona Cresilda, Rodrigo bombardeou:

— Vovó Cresilda, a senhora está doente por que meu avô morreu?

— É, meu filho. Sua avó tomou um grande susto.

— Vovó, foi meu avô quem fez este sobrado? Por que a senhora não mora na roça?

— Já faz tanto tempo, meu filho... mais de quarenta anos... Quando eu me casei, fui para a roça. Seu avô tinha voltado da Capital, formado. Era doutor. Lá, no Braço do Norte, as terras de ninguém. Ele mediu quanta terra quis. Depois, os filhos foram nascendo e Otaviano os carregava para a roça, assim que eles podiam andar. Na briga com os jagunços, quase perdi a vida no medo. Quando eu ganhava neném, seu avô amarrava uma corda no badalo do sino e a



outra ponta, na cabeceira da cama e saía para a mata. “Qualquer sinal diferente, puxe a corda do sino que me chamará.” — Ele ordenava na partida. — Quando Irene nasceu, uma tia sua que não se criou, eu me assombrei com umas pisadas dentro de casa, badalei tanto o sino, que o ouvido da criança estourou. Da infecção veio a morte. Quando seu avô chegou às carreiras, viu. Era apenas o cachorro de Ventura, administrador, que procurava pelo dono. Depois que suas tias, Carmén e Cassilda, cresceram, seu avô, na voz que não admitia contestação, anunciou: “Amanhã você e as meninas vão de muda para Ilhéus. Mato ficou para homem.” Este sobrado já tinha sido adquirido sem eu saber. Mudei-me para aqui com suas tias e passei a ver meus filhos de quinze em quinze, de mês e mês...

Estirando o braço para alcançar a moringa d’água, a velha Cresilda pediu a Rodrigo o frasco de pílulas. Sua boca negava contar para a criança o pedaço do filme que sua mente exibía. Na lembrança, as noites de solidão no palacete. Afinal, nunca soubera qual das solidões fora a pior: a fazenda, com os bichos noturnos que a fizeram morrer de medo; a eterna ameaça dos jagunços ou o palacete, ostentação de poder e grandeza do coronel do cacau, no silêncio do tricô, nos dias infundáveis. Depois, as notícias vindas por portas travessas: “O doutor está de casa montada, com mulher na roça”. Helódia, aquela infame! Bem feito, seu filho Nilson escarrar na macarronada que o doutor mandara Mariquinha preparar para ela, aquela infeliz das costelas ocas. E quando o doutor vinha a Ilhéus, de vez em quando, ela, a esposa legítima, ainda tomava empurrões no apuro dos fatos. Depois, aquela história da fraqueza, tomando injeção. Ele sabia que o coração não iria suportar. Assim mesmo, na vaidade do mundo, continuou. Finalmente, aquela manhã tinha sido fatal. Por cima do corpo o doutor emborcara, já na ânsia da morte. Agora, o seu fim também não demoraria. Aquela do-

ença terrível comia-lhe as vísceras, com dores diárias. Já não lhe restava muita coisa...

A esse tempo, a porta se abriu. Nouca chamava o filho para o café. Rodrigo beijou a mão da avó e saiu do quarto, acompanhando o pai.

A cozinha, o fogão de ferro, a mesa farta. Na outra cabeceira, um senhor tomava café também. Era um negro forte e idoso. De Mariquinha, a voz ordenando:

— Tome a bênção, Rodrigo. Este é Seu Ventura. Nós nos damos desde os tempos em que morei na fazenda de seu avô.

— Bênção, Seu Ventura! O senhor era amigo de meu avô? No rosto, o riso de Ventura, achando graça no modo de Rodrigo perguntar.

— Era, meu filho. Amigo, sim, era como aquele.

Mariquinha interferiu:

— Rodrigo, tome seu café e deixe Seu Ventura em paz. Nunca vi menino igual a esse para querer saber de tudo...

Ventura atalhou:

— Deixa o menino, Mariquinha. Isso é sinal de boa inteligência. Puxou ao avô.

Ventura terminara o café. Limpou a boca no guardanapo de linho e resolveu contar algumas coisas a Rodrigo.

“O doutor Otaviano tinha um coração de ouro. Não podia ver ninguém sofrendo. Assim Deus recompense a alma dele e que hoje descanse em paz... Quando o conheci, ele era ainda um homem sem fé. Foi a partir do castigo de São Bartolomeu que ele se tornou um homem temente ao Céu. Amanheceu o dia vinte e quatro de agosto. Era o ano de 1928, jamais vou esquecer aquela data. Nouca estava com treze anos. De manhã, bem cedo, procurei o doutor. “Não é bom a gente ir trabalhar hoje, doutor”, falei meio desconfiado. “Por que? Aconteceu alguma coisa?” Ele se fez de desentendido. Quando eu lhe expliquei que o motivo era o dia de São Bartolomeu, ele respondeu com autoridade: “Que **Lomeu**,

que nada, senhor! É preciso acabar com essa mania de gente preguiçosa, que só vive inventando dia santo. Vamos pra roça, senhor!”

A gente estava derrubando árvores para plantar cacau. Os cabras brandiam os machados numa sapucaia tão grande, que eram necessários dois homens de braços abertos para abarcar. Os trabalhadores se revezavam em dupla, porque o doutor queria logo a árvore no chão. Pelos cálculos, o gigante ia cair para o oeste, a qualquer momento. Quando o grito dos cabras ecoou, avisando, o doutor não teve tempo de correr e foi alcançado pela galharia. De longe, a gente já contava com a morte certa. E quando cheguei perto para ver, lá estava o doutor, são e salvo. Os galhos formavam, em torno dele, uma cerca natural tão basta que foi preciso muito esforço, para tirar o doutor lá de dentro, branco que nem um capulho de algodão. De sua boca, a ordem: “Vamos largar tudo agora mesmo. Com esse santo não se brinca.” E desde esse dia, jamais permitiu que empregado seu trabalhasse em qualquer dia santo. Quando Nilson nasceu, ele pôs o nome de Nilson Bartolomeu, em homenagem e reconhecimento à força do santo.

Um dia, ele me deu um pedaço de terra em **contrato**, para eu plantar cacau. Nos domingos e feriados, lá ia eu com Filinha, minha mulher, e Tonho, meu filho. Foi assim durante cinco anos. Na primeira partida de cacau que colhi, o doutor me chamou e disse: “Vou tomar o contrato de sua mão, Ventura. Outra coisa, o cacau que já está seco, na barçaça, também é meu.” Eu não ia questionar com um doutor, que eu não era louco... E uma semana depois, ele me chamou de novo. “Tome este papel, Ventura. É a escritura daquele pedaço de terra do **contrato**. É seu para sempre. E outra coisa: doravante, você é meu administrador, até que a morte nos leve. Assino em branco tudo o que você quiser.” Foi assim... Já criei os filhos, agora estou criando os netos e,

de lá, só saio no caixão...”

Arrastando a cadeira para trás, Ventura levantou-se e alisou a cabeça de Rodrigo, que o ouvia boquiaberto. Osmundo vinha entrando na cozinha e Ventura comentou:

— Olhe: cresça para ser como esse tio seu. Sabe dezesseis profissões. Pena que o doutor não quisesse aproveitá-lo.

Osmundo respondeu com um riso à-toa. Despejou café na xícara e sorveu os tragos, observando Rodrigo, que não desviava os olhos dele.

— Vamos à sala, ver os tabaréus do cacau conversando besteira?

Era o convite caído do céu, que ele esperava. Na sala, sentou-se ao lado do tio, no enorme sofá aveludado. Do outro lado, Julinha, a esposa do tio Osmundo. Antes do sono chegar, Rodrigo ainda conseguiu ouvir o tio conversando com a mulher:

— Amanhã, pela manhã, logo após o enterro, vamos começar a reparar tanta injustiça. Esta criança não tem culpa de nada e sempre foi desprezada. Todos os netos recebem presentes em todas as datas. E presentes que eles mesmos escolhem. Apenas este menino foi deixado de lado, até hoje...

No outro dia, quando Rodrigo acordou, o sol já estava alto e havia sinais dos preparativos para a saída do enterro. Na cozinha, a mãe o esperava de café pronto. Quando voltou para a sala, a família Varzim rodeava o caixão do velho patriarca. Mulheres, empacotadas de preto, velavam o rosto com lenços, fungando o nariz. Cabisbaixos, os homens. E em todos, na sala, o semblante fechado. Um homem gordo, de cara lustrosa, vestido numa roupa diferente, fazia um discurso. O paletó era comprido e lascado atrás, Rodrigo notou. Não era uma estória que o homem estava contando. Parecia com aquelas coisas que o padre costumava dizer na missa, aos domingos, e que ele nunca pudera entender. Fosse lá o que o homem estivesse dizendo não era bom, pois

todos estavam chorando, apenas alguns fragmentos de frases soltas nos seus ouvidos:

— ...desbravador das terras selvagens... lembrança eterna... pai, irmão, companheiro e esposo exemplar... orgulho da herança lusitana... o penhor da nossa gratidão... imorredoura memória...

Quando o homem se calou, puseram a tampa sobre o caixão. Aí, um choro alto invadiu a sala e todos se encaminharam para a porta. Aproveitando o burburinho, Rodrigo esgueirou-se por entre as pessoas e caminhou para a rua. A caminho do cemitério, homens sisudos carregavam o caixão...

Por que eles não ficavam alegres? Afinal, carregar um homem tão importante, fazendo caras tão feias? Será que a gente, quando morre, vê o povo levando a gente para o cemitério? De onde será que os homens tiram essas pedras tão bem feitas para calçar as ruas? Por que não fizeram o cemitério cá embaixo? Será que não sabem que as pessoas gordas pesam muito? Quando a gente morre, será que aparece Deus na frente da gente? Deus deve ser muito velho... E aquele fogo do quadro de Nossa Senhora do Carmo? Seu Eduardo Cotó disse que, no Inferno, o fogo é tão grande, que aquele outro fogo serve de água, para apagar. Dona Amália disse, um dia, no catecismo, que a gente, quando morre, passa primeiro pela balança de São Miguel. Tem até um livro, no céu, onde um santo anota tudo o que a gente faz aqui, na terra. E aquele homem que era devoto de Nossa Senhora? Foi Rosália de Miguel quem contou. Um homem morreu com muitos pecados, mas era devoto de Nossa Senhora. O livro do santo escrivão estava cheio de coisas, que o homem fez, anotadas, Nossa Senhora veio escondida e arrancou um bocado de folhas. Passou a mão em cima e não deixou marca nenhuma. Na hora da balança, a alma pesou mais do que o livro e o homem foi para o céu... Quem dera que ela fizesse o mesmo com a caderneta de Seu Bebê, onde ele anota os fiados que a

gente compra no armazém dele...

No cemitério, Rodrigo distraiu-se com a suntuosidade dos mausoléus de mármore. O choro alto e o lamento de Osmundo provocaram-lhe uma enorme pena do tio. Caminhou por entre as pessoas, acerçou-se do tio, pegou-lhe na mão e disse, com uma voz que não deixava dúvida:

— Não chore, não, tio. Eu fico com o senhor. Vamos que eu vou lhe levar para casa.

Alguns fizeram riso de canto de boca. Outros ficaram mais sensíveis ainda e choraram mais. Julinha pegou o marido pela mão e dirigiu-se para fora do cemitério. Rodrigo não largava a mão do tio. E os três voltaram juntos para o sobrado.

Após recompor-se, Osmundo chamou Julinha e Rodrigo e os conduziu ao escritório que fora do Dr. Otaviano, na sala da frente, no primeiro andar. A porta estava trancada, mas Osmundo possuía a chave. Entraram os três. Rodrigo ficou extasiado. Livros, muitos livros, numa estante enorme. Um cofre, um oratório, um ventilador enorme, uma mesa redonda e uma escrivaninha. Osmundo abriu o móvel e Rodrigo ficou encantado:

— Que bonito, tio! Essa mesa com a tampa de correr!

— Pois é. Tudo isso que está nesta sala foi do seu avô. E nós trouxemos você aqui, nesta sala, para que você escolha o que quiser, como lembrança de seu avô.

— Uma coisa pra mim? Pra eu levar pra minha casa?

Julinha ajudou:

— Isso mesmo. Um presente que seu avô não pôde lhe oferecer, quando estava vivo.

— Deixa ver... Cofre, livro, retrato, santo... Esta mesa... Tinteiro, mata-borrão... Já sei: esta caneta! Ah, este bloco de papel também. O resto são uns trambolhos, difícil de carregar... **Quem tudo quer com nada fica.**

Julinha não se conteve:

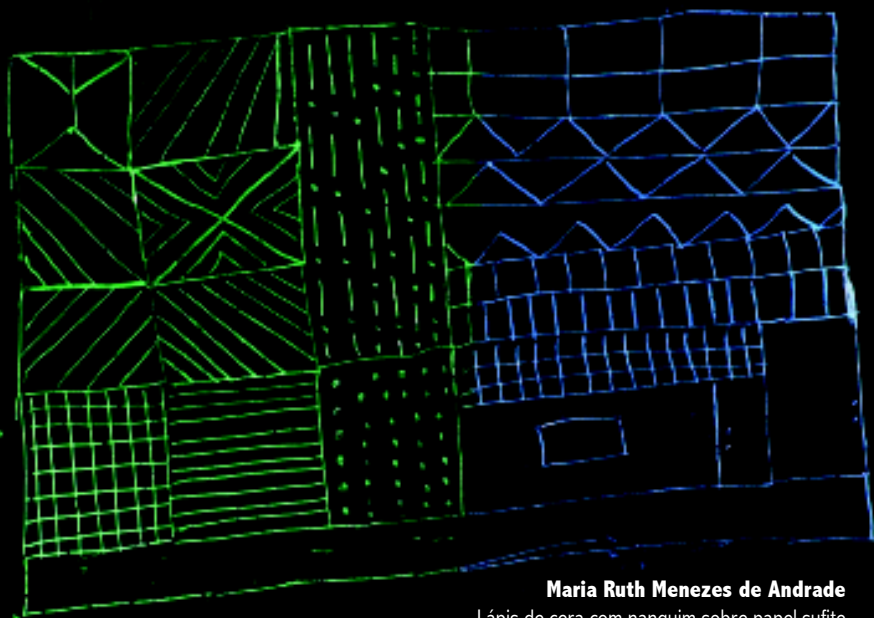
— Mas meu filho, quem te ensina essas coisas?!

— Tá! O povo por aí...

— E para que você quer esta caneta e o bloco?

— Para escrever as estórias que o povo conta de meu avô.

E Rodrigo dirigiu-se para fora do escritório, não querendo saber de mais nada. Lá dentro Julinha e Osmundo ficaram como duas estátuas, um olhando para o outro, num silêncio absoluto.



**Maria Ruth Menezes de Andrade**

Lápis de cera com nanquim sobre papel sulfite



# ***OPANIFÁ:*** **marca de rabiscos**

“Sem memória, não há sabedoria.”

Do povo-de-santo

Os velhos calaram-se e o sono será por toda infinidade, já foi dito. Suas vozes, porém, campeiam as imensidades do Pontal em busca de herdeiros. Sem esta herança, não haverá ponte por onde os mais-novos possam ir ao encontro dos mais-velhos.

A noite desceu sobre a barra de Ilhéus e o vento do nordeste empurra as ondas, num estrondo, contra os cais. Enquanto o sol não surgir outra vez, por trás do Morro de Pernambuco, os mais-novos não serão mais-velhos contadores de *itan*.

Inúmeros são os *odu*. Dezesseis, os principais. De sua combinação, surgem mais dezesseis a eles subordinados. E uma nova combinação daria duzentos e cinqüenta e seis. Ora, acontece que há mais outras tantas combinações possíveis para cada um deles, resultando num total de quatro mil e noventa e seis. Cada *odu*, várias histórias. Em cada história, um princípio de sabedoria.

Cabedal imenso, esta herança dos velhos. E os novos nem desconfiam de tanta riqueza ao alcance da mão. Por isso, é necessário rever os *odu*, recontar os *itan*, espalhá-los ao vento, como se fossem areia da praia, subjugada pela ventania. A criação, os fantasmas, os sonhos e a lembrança dos

ancestrais, apenas um rabisco deixado de herança pelos velhos. Mas ainda existe muito mais o que herdar.

O pó da argila está espalhado sobre o *opanifá*, a bandeja de madeira, onde a memória é rabiscada. É preciso, portanto, acordar o mais-velho que dorme em todo mais-novo. E por falar nisso, vale ainda a velha receita: entrar com perna de pinto, sair com perna de pato, para Rei-Senhor mandar quem ouve também contar mais quatro. Afinal, **não adianta ouvir e, depois, não saber contar.**



A noite vem chegando e o dia já cumpriu o seu papel. Os velhos precisam contar o que viram. Eles sabem que somente a cabeça desarmada é capaz de atinar no absurdo e descartar o pré-concebido. Não engoliram o saber fabricado e, por isso, acreditam nas coisas mais puras. Curtidos na vida, na paciência do esperar, os velhos viveram estranhezas que os moços ainda não conhecem. Acostumaram-se ao inusitado. No cérebro, um arquivo de histórias desconcertantes. São essas histórias, os *itan*, que eles querem contar.

